

181  
181  
181  
181  
181  
181

9  
(4)  
4  
1  
32

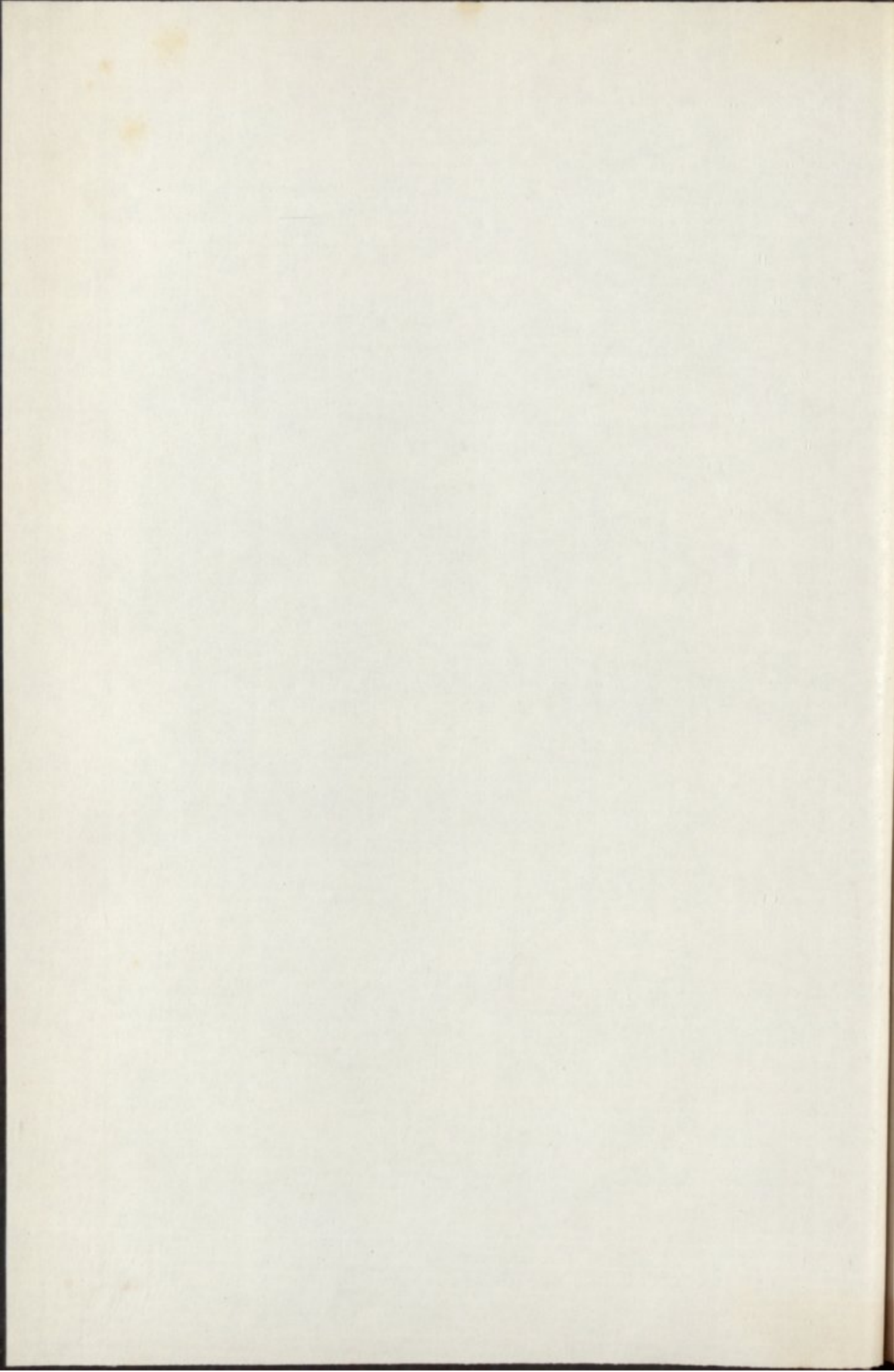
9  
(4)  
4  
-  
38

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
Biblioteca Geral



1300913098

9  
(4)  
4  
1  
32



MEMORIA  
HISTORICA E COMMEMORATIVA  
DA  
FACULDADE DE MEDICINA

NOS CEM ANNOS DECORRIDOS

DESOB A REFORMA DA UNIVERSIDADE EM 1773 ATÉ O PRESENTE

POR

BERNARDO ANTONIO SEBRA DE MIRABEAU

LICENCIADO CATHEDRÁTICO DA MESMA FACULDADE

1875

COIMBRA  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE

LIVRARIA ATLÂNTIDA  
COIMBRA

MEMORIA

HISTORICA E COMMEMORATIVA

FACULDADE DE MEDICINA

MEMORIA

HISTORICA E COMMEMORATIVA

DA

FACULDADE DE MEDICINA

COMISSÃO

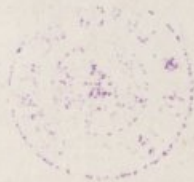
INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO

1872

MEMORIA

ISTITUTO DI SCIENZE E LETTERE

FACULTÀ DI MEDICINA





9  
(4)  
4  
1  
32

MEMORIA  
HISTORICA E COMMEMORATIVA  
DA  
FACULDADE DE MEDICINA

NOS CEM ANNOS DECORRIDOS

DESDE A REFORMA DA UNIVERSIDADE EM 1772 ATÉ O PRESENTE

POR

BERNARDO ANTONIO SERRA DE MIRABEAU

LENTE CATHEDRATICO DA MESMA FACULDADE



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1872

511882207

MEMORIA

HISTORICA E COMMEMORATIVA

FACULDADE DE MEDICINA

NOS CEM ANHOS DECORRIDOS

DESDE A REFORMA DA UNIVERSIDADE EM 1772 ATÉ O PRESENTE

POR

BERNARDO ANTONIO SERRA DE MOURA

LEITEIRO DE MOURA



COIMBRA

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE

1872

## ADVERTENCIA

Cem annos ha que a mais fecunda Reforma de quantas melhoraram a Universidade de Coimbra restaurou o ensino das sciencias em Portugal.

Não foi uma graça particular concedida á poetica cidade do Mondego, foi sim um acontecimento de subido interesse nacional, de cuja influencia em breve se resentiram todas as instituições. Começou então uma nova era para o movimento intellectual da nação. Abriram-se escholas de sciencias naturaes, cousa quasi desconhecida entre nós; permittiu-se o livre exame facultou-se ampla discussão sobre materias litterarias e scientificas; e o pensamento pôde, por este modo, exercer a sua actividade em todos os ramos do saber humano. A fortificar o espirito nas lides da sciencia acudiu a mocidade estudiosa. Seguiu-se o labutar na instrucção, e o desenvolvimento progressivo das idéas que prepararam a liberdade, e os beneficios da civilisação, de que nós, a geração presente, gosamos.

Ao recordarmos a grande empreza da restauração das sciencias, um sentimento de enthusiasmo e de gratidão se expande no peito de portuguezes. Ai dos povos, em quem a indifferença extinguiu este sancto estremecimento pelas glorias da patria! Perdido o amor de honrados feitos, que constituem a propria reputação, acabou-se a dignidade e a vida moral

d'um povo. Portugal felizmente présa com entranhado amor as acções heroicas de seus filhos e a gloria de seus institutos civilisadores. Por isso ao correr um seculo, esta grande medida do tempo que induz á contemplação do passado, não se esqueceu de commemorar um dos mais notaveis acontecimentos, de que rezam os seus fastos litterarios.

A Universidade tomou, como lhe cumpria, a iniciativa para a commemoração.

No Claustro, expressamente convocado para se tractar da solemne celebração do centenario da Reforma universitaria, decidiu-se, entre outros alvitres, que as Faculdades Academicas apreciassem, cada uma em sua memoria historica, a influencia da Reforma, e explanassem as phases e o desenvolvimento do ensino, os progressos da sciencia, e os factos escolares que podessem interessar á historia das letras e das sciencias. Apressaram-se as Faculdades a escolher os vogaes a quem devia ser incumbido o trabalho das memorias. Nesta escolha quizeram os meus respeitaveis collegas que eu fosse comprehendido para escrever a Memoria respectiva á Faculdade de Medicina. Era honroso o encargo, mas ericado de asperezas por todos os lados.

O tempo escaceava; importava aproveitá-lo em colligir os materiaes indispensaveis para a obra. Appliquei-me desde logo com todo o empenho a revolver na secretaria da Universidade os documentos que me interessavam, e a alcançar as noticias que convinham ao meu intento. Achei-me em difficuldades permanentes; forçoso é confessar que as não venci todas. Ao cabo de muito lidar consegui mandar para a estampa a presente Memoria, a respeito de cujo plano escrevo estas palavras de advertencia.

A historia da Faculdade de Medicina não podia nem devia ser uma simples narração de factos, dispostos por ordem chronologica. O assumpto e a occasião exigiam materia d'outro lavor, e fóra este tambem o voto expressivo do Claustro. Appreciar a importancia da Reforma era ponto recommendado e

indispensavel, mas de tal natureza, que só de per si dá objecto para uma extensa memoria.

Pareceu-me, pois, que para conciliar a proporcionada grandeza da obra com as exigencias do assumpto, convinha proceder com ajustada economia na disposição das materias. Assim o fiz. Lancei em discurso preliminar os acontecimentos anteriores á Reforma, cujo conhecimento é de immediato interesse para se lhe avaliar a importancia. E dos successos posteriores durante os cem annos que vão passando, formei um corpo de historia, encostando-me ao methodo synchronico. Distribui as materias por capitulos, conforme a clareza e a boa ordem o pèdiam; expuz em texto corrente os acontecimentos, serviços, phases, etc. da Faculdade de Medicina; e, para desembaraçar a narração de qualquer incidente ou explicação de importancia, colloquei em notas tudo quanto podesse interessar ou esclarecer o assumpto. Por este modo desenvolvi a historia, apreciando os factos nos seus respectivos logares, sem entrecortar o fio do discurso com extranhas considerações.

Parecerá talvez que, havendo assim tractado especificadamente das cousas, me devia abster de fallar em separado das pessoas. Differente foi porém o meu parecer. Historiando os actos d'uma corporação respeitavel na occasião de se commemorar solemnemente a restauração litteraria e scientifica, seria esquecimento imperdoavel, e, mais do que isso, ingratição, não ter uma palavra de louvor para honrar a memoria d'aquelles extremados varões, que exalçaram os creditos da Faculdade de Medicina e abrilhantaram a Universidade, que no magisterio e no exercicio clinico prestaram serviços relevantissimos a Portugal. Quizera ter podido alcançar larga informação dos professores que pertenceram á Faculdade de Medicina. Não me foi possivel. Custou-me a formar a lista de todos, e a obter escassas noticias de alguns. Com taes elementos esbocei o grupo de biographias, que constitue a segunda e ultima parte d'esta memoria.

Não passei de esboços e a traços largos; a falta de subsidios

e a natureza da obra inibiam-me de maiores desenvolvimentos. Cingi-me por isso á indicação dos factos que assignalaram a passagem dos professores pela Universidade; e d'aquelles, de quem existem outras noticias, apontei em breves notas os logares onde se podem ver as que chegaram ao meu conhecimento.

Tal foi o plano que segui, e que mais adequado me pareceu ás condições d'esta Memoria.

Se me fosse licito inferir que no desempenho d'esta difficil incumbencia me havia ao menos aproximado de corresponder á confiança da Faculdade de Medicina, bemdiria o trabalho de quatro mezes, e as fadigas passadas a revolver documentos entre o pó dos archivros.

## DISCURSO PRELIMINAR

### I

#### Do ensino medico da Universidade no seculo xviii antes da Reforma em 1772

O Codigo de leis universitarias <sup>1</sup> que el-rei D. João iv confirmara em 15 de outubro de 1653, conservou nos reinados subsequentes força permanente e quasi inalteravel por espaço de mais de cem annos. Circumstancias attendiveis obrigaram por vezes a que se modificassem alguns pontos e supprimissem algumas disposições. Aconteceu tambem, e com frequencia, dispensar-se a prescripção do estatuto em proveito individual, e manifestar-se por este modo o exercicio da prerogativa real na direcção dos estudos. Não obstante porém taes accidentes, consentaneos ao regimen d'aquelles tempos, a norma do ensino, a indole geral da Universidade persistiu sensivelmente no mesmo estado. Por tanto as leis, praxes, usos e costumes das escholae conimbricenses atravessaram

<sup>1</sup> Comprehende os Estatutos, que D. Filippe i outorgou em 8 de junho de 1597, e os 162 artigos da reformação feita por D. Francisco de Bragança, approvados em 20 de julho de 1612. Anda incorporado no mesmo livro dos Estatutos o regimento dos medicos e boticarios christãos velhos.

Quiz el-rei D. João iv, logo no principio do seu reinado, dar outras leis á Universidade, e chegou a commetter ao reitor e lentes de prima o difficil encargo da reforma dos estudos em provisão de 14 de novembro 1641. Embarçaram-lhe o proposito obstaculos numerosos, e d'aqui veiu a necessidade de confirmar as leis academicas promulgadas durante a usurpação.

desde a epocha da Restauração até pleno reinado de D. José sem reforma ou innovação característica.

É pois nesse Codigo, hoje conhecido pelo nome de *Estatutos Velhos*, que se deve procurar o teor do longo periodo escolar que precedeu a Reforma de 1772. Alli achamos qual a constituição e regimen da Universidade, a ordem dos estudos, a indicação dos livros, methodos de ensino, etc., etc. O conhecimento d'estas particularidades e os subsidios desentranhados dos archivos universitarios são os elementos de que nos servinemos para traçar o quadro do ensino medico em Portugal nos setenta annos que precederam a Reforma.

Entre as faculdades maiores, que constituíam o corpo docente da antiga Universidade de Coimbra, occupava a de Medicina o quarto e ultimo lugar. Seis professores, destinados a lerem em outras tantas cadeiras, tinham a seu cargo o ensino medico, e a parte principal da clinica no medico hospital da cidade. Reputavam-se de maior consideração as primeiras quatro cadeiras, a que chamavam grandes, designadas pela nomenclatura das horas canonicas, de prima, vespera, tertia e noa. As duas restantes cadeiras, havidas por pequenas ou cathedrilhas, recebiam o nome das doutrinas que nellas se ensinavam. Entrava-se por concurso no magisterio, e regulava-se pela antiguidade o accesso até á cadeira de prima. No impedimento ou falta dos professores effectivos serviam os conductarios<sup>1</sup>, que eram doutores addidos de nomeação regia, aspirantes ao professorado.

Errada opinião faria do tracto escolar d'outr'ora quem o modelasse e concebesse pelo que hoje se passa na Universidade. O ensino das sciencias, especialmente o da medicina, tinha uma feição propria e tão particular, que, para bem se comprehender, importa considerar attentamente os livros que serviam de texto, a distribuição das materias, os exercicios academicos e as provas de estudo e de aproveitamento desde o acto de primeira tentativa até

<sup>1</sup> Havendo algumas pessoas de tanta eminencia, ou esperanças, habilitade, e partes, que convenha á Universidade fazer-lhe *conducta*, podel-a-ha fazer. (*Est. Velhos da Univ.*, liv. 3.º, tit. 5.º, § 39.)

A primeira pensão annual do conductario era ordinariamente de 30\$000 réis; elevava-se a 40\$000 réis passado tempo, e por fim chegava a 60\$000 réis com o privilegio de leate.



às *vesperias*, que precediam os últimos graus. A apreciação de todos estes pontos, e a do systema resultante da sua mutua relação directamente nos conduz ao fim a que nos propomos.

Quando examinamos as materias, cuja leitura constituia o curso completo de Medicina, e inquirimos a relação de ordem ou dependencia que entre si guardavam, antolha-se-nos a confusão, a mistura informe de doutrinas desconexas, escolhidas ao acaso e distribuidas perfunctoriamente. Dos livros de Galeno, Hippocrates, Razi e Avicena se extrahiam os textos para as lições; os professores explicavam as materias que o estatuto assignava ás suas respectivas cadeiras; tal era porém a disposição da lei sobre as materias assignadas, que o curso completo das leituras durava na cadeira de prima seis, e nas outras cinco annos. Decorrido este espaço de tempo, voltava-se ao ponto inicial; repetiam-se as mesmas lições, percorria-se o mesmo circuito. Cada professor fazia o seu gyro isolado, e sem relação com os outros, na orbita da sua cadeira. Não havia precedencias reguladas pelos annos de estudo. Os alumnos assistiam de manhã e de tarde ás lições em todas as aulas, servia para todos a mesma doutrina, ouvida indistinctamente em qualquer tempo do curso. Cada um seguia a explicação do professor desde o ponto em que a apanhava; e assim se revolviam todos naquelle turbilhão de desordenada sciencia até completarem seis annos de assistencia nos seis cursos da Faculdade.

Tal era o aspecto geral do labyrintho, em cujos rodeios se ministrava o ensino sobre a arte de curar. Exploremos-lhe agora as particularidades, e comecemos por saber as materias professadas em cada uma das cadeiras.

Á cadeira de prima, regida pelo mais antigo doutor da Faculdade, competiam materias que se liam em curso de seis annos. Explicavam-se nos tres primeiros o *Tegne*<sup>1</sup> de Galeno e os livros

<sup>1</sup> Entre as cem obras authenticas, escriptas pelo medico Galeno, figura em o n.º 50 a — Τεχνή ιατρική (que em grego moderno depois da tomada de Constantinopola pelos turcos em 1453 se pronuncia — Τεχνη ιατρική — dando-se ao  $\tau$  o valor de  $\iota$ ), e é — a arte da Medicina.

Encerra um compendio completo de Therapeutica, antigamente introduzido em todas as eschololas de tal modo que não se dava licença a ninguem para curar sem primeiro ter dado provas de que estava prompto para explicar todos os pontos da doutrina d'este compendio. Na idade media era

*De locis affectis*: destinava-se um anno para os livros *De morbo* e outro para os dous *De differentiis februm*. Os tres livros *De simplicibus* rematavam o curso no sexto anno.

Na cadeira de vespera era o curso de cinco annos. Os *Aphorismos* de Hippocrates davam materia para dous annos. No terceiro explicava-se o *Nono ad Almansorem*<sup>1</sup>. Continuava nos dous immediatos o texto hippocratico nos livros *De ratione victus*, *Epidemias* e *Prognostico*.

De cinco annos era tambem o curso na cadeira de tertia ou de Avicena; nos tres primeiros lia-se a *Fen prima quarti*, e *quarta primi*; nos dous restantes a *Fen prima primi*, e *secunda primi*<sup>2</sup>.

citado com os titulos de — *Tegnum*, *Microtegnum*, ou *Microtechnum* de Galleno. Este compendio foi objecto de innumeraveis commentarios.

Devo esta nota ao nosso insigne hellenista, o sr. Antonio Ignacio Coelho de Moraes, professor de grego no lyceu de Coimbra. Aqui lhe confesso o meu reconhecimento.

Entre os muitos commentadores do *Tegne* deve contar-se, segundo affirma Barbosa na *Bibliotheca Lusitana*, o papa portuguez João XXI, que foi medico, e cujas obras se divulgaram com o nome de Pedro Hispano.

<sup>1</sup> Razi ou Rhazes, medico arabe; viveu pelos fins do seculo IX e principios do X da era christã.

Compoz e offereceu ao califa Almansor um tractado de medicina. É o livro nono d'esta obra que se lia na cadeira de vespera. Segundo uma bella edição da traducção latina, impressa em caracteres gothicos, e existente na bibliotheca da Faculdade de Medicina a inscripção do livro nono é a seguinte:

*Liber nonus, de sanguine per os emisso tractans, in duo dividitur capitula, quorum primum est de modis, causis, signis sive accidentibus, pronosticatione sanguinis emissi per os. Capitulum secundum est de cura sanguinis missi per os.*

É um commentario aos aphorismos de Hippocrates e ás opiniões de Galleno e outros sobre o prognostico e therapeutica do esputo e vomito sanguineo.

<sup>2</sup> Os quatro livros primeiros das obras de Avicena estão divididos em certo numero de *Fen*, e cada *Fen* em tractados, e estes em capitulos. As doutrinas que se mandavam ensinar eram as seguintes:

#### Fen primi quarti

Tracta das febres em quatro tractados.

1.º da febre ephemera. Occupa 44 capitulos com as generalidades e especialidades pathologicas e therapeuticas da febre ephemera, notando vinte e quatro especies causadas por angustia, tristeza, cogitação, ira, somno, vigilia, temor, fome, sede, frio, calor, etc. etc.

2.º das febres putridas. Contém 69 capitulos sobre generalidades e espe-

Na cadeira de noa, chamada tambem de anatomia, percorriam-se em cinco annos os dezeseite livros de Galeno *De usu partium*. O professor era obrigado a dar duas lições de cirurgia por semana, e a fazer anatomia de membros particulares, seis vezes cada anno, e tres geraes.

As obras de Galeno davam ainda materia para os cursos quinquennaes das cadeiras menores. Lia-se na primeira *De crisibus* e *De diebus criticis* em dous annos, e nos tres seguintes *De naturalibus facultatibus*, *De pulsibus ad tirones*, e *De inaequali intemperie*. Estudavam-se na segunda cathedrilha quatro livros *De methodo medendi*, *De sanguinis missione* em dous annos. Occupavam-se os tres restantes com os livros *De temperamentis*, *Arte curativa ad Glauconem*, e o livro *Quos et quando purgare conveniat*.

As prelecções em todas as cadeiras eram diarias; em todas duravam uma hora, excepto na de prima, onde se dilatavam por mais meia hora.

Completavam o quadro do ensino as lições de practica dadas no hospital da cidade sob a direcção dos lentes de prima, de vespera e d'Avicena, a quem por turno competia o serviço da clinica medica no mesmo hospital. A parte cirurgica estava a cargo do lente de anatomia. Na visita pelas enfermarias levava o professor após si a turba dos ouvintes: juncto de cada enfermo explicava de passagem a natureza das doenças e os remedios que mais convinha applicar-lhes. A visita e as consultas dadas aos pobres na casa da

cialidades, considerando extensamente os phenomenos concomitantes e subsequentes a taes febres.

3.º da febre ethica. Tem 11 capitulos.

4.º das febres pestilenciaes, e das que lhes são similhantes, a variola e o sarampão. Tem 20 capitulos.

#### Fen quarta primi

Tracta da medicação em geral; da evacuação, vomito, ventosas, sangria, etc.

#### Fen prima primi

Definição e objecto da medicina; dos elementos, da compleição, dos humores, suas partes e origem; dos membros, e aqui tracta especificadamente dos ossos, musculos, nervos, arterias, veias.—Segue tractando das virtudes naturaes e animaes.

#### Fen secunda primi

Generalidades sobre doenças — causas, ar, estações, mudanças de tempo, ventos, causas refrigerantes, calefacientes, etc.—accidentes e significação dos signaes das doenças.

aceitação duravam pouco mais de tres quartos de hora. Se havia algum doente pobre, que necessitasse ou de mais detida exploração, ou de assistencia domiciliaria, o professor encarregava um dos alumnos adiantados de tomar as devidas informações, e por ellas indicava o tractamento.

Seis annos tinha de frequentar a Faculdade quem nella quizesse formar-se e obter diploma para exercitar a medicina. Era condição indispensavel para a admissão á matricula do primeiro anno o grau de licenciado em artes, ou pelo menos o grau de bacharel e certidão da frequencia exigida para a licenciatura.

Passado o anno de intrancia devia o estudante mostrar que tinha de propriedade sua os livros do texto que os professores explicavam.

Os alumnos no primeiro anno eram obrigados a ouvir as lições nas cadeiras de prima e d'Avicena. Como mostrassem assiduidade na frequencia por espaço de oito mezes, dava-se-lhes o anno por provado, e ficavam habilitados a proseguir nos outros cursos. No segundo e no terceiro anno cansavam-se o corpo e o espirito com a frequencia de sol a sol em todas as aulas da Faculdade. O quarto e quinto anno eram consagrados ás lições das quatro cadeiras grandes e á practica no hospital. No sexto, enfim, só era obrigatoria a assistencia na cadeira de prima e na practica.

O testemunho de dous condiscipulos jurados para declararem a verdade era prova sufficiente para se demonstrar e certificar a frequencia regular nos cursos.

Na entrada do terceiro anno começavam os primeiros exercicios academicos, que de ordinario tinham logar nas quintas feiras e dias feriados não sanctificados. Consistiam na defesa de tres conclusões, escolhidas d'entre as materias explicadas, e contra as quaes argumentavam quatro condiscipulos. Todos eram obrigados, ora arguindo ora defendendo, a esta especie de sabbatinas, presididas e reguladas por um professor.

As provas de aproveitamento, e sobre as quaes recahia votação, começavam depois do terceiro anno por um acto, a que chamavam primeira tentativa. O examinando propunha nove conclusões, revistas e approvadas pelo presidente. Concorriam a argumentar-lhe doutores e bachareis, que julgavam do merecimento do defendente. No fim do quarto anno fazia, pelo mesmo processo, o acto de segunda tentativa, e obtida a approvação ficava tido por *bacharel*

*corrente*. Seguia-se, concluido o quinto anno, o acto de formatura, effectuado como os precedentes pela apresentação e defesa de conclusões. Depois d'este acto o alumno recebia o grau e podia usar de suas letras; no entretanto para exercer a medicina carecia ainda d'um acto de practica, que tinha logar, passado o sexto anno, sob a forma invariavel de conclusões.

Por este modo se habilitavam e instruíam os alumnos votados á espinhosa missão de cuidarem da saude dos povos. Para os que aspiravam aos ultimos graus academicos cresciam as difficuldades. Alem da residencia obrigatoria em Coimbra e da frequencia na clinica por espaço de tres annos, tinham de argumentar nos actos, e de serem arguidos em differentes disputas, entre as quaes sobresahiam os *quodlibetos*, e o *acto regio* por argumentos em conclusões, e o exame privado, em que se trocava a forma classica de theses pela de pontos, tirados á sorte nos livros de Hippocrates e Galeno. Tal era porém o espirito de controversia que então dominava, que na vespera dos doutoramentos (sob o nome de *vesperias*), e no proprio acto de se conferir o grau eram ainda as disputas elemento indispensavel <sup>1</sup>.

Que este vicioso systema de ensino medico attingisse todo o seu desenvolvimento nos derradeiros annos do seculo XVI, cousa é que se comprehende e se explica pelos factos anteriores, pelas

<sup>1</sup> Para que se possa apreciar quam insufficiente era a instrucção medica que se ministrava nas escholas, transcrevemos aqui a opinião de Verney a respeito dos medicos portuguezes.

«Ainda não achei medico portuguez que formasse verdadeira idéa de como circula o sangue nos vasos, e de que nasce o movimento do coração. Pelo contrario achei muitos que nem menos sabiam onde estavam as veias. Em certa casa me achava um dia, em que um medico famoso receitava sanguesugas no orificio do *podex* para alliviar certas dores de cabeça. Perguntei-lhe a razão da receita, e elle com voz magistral respondeu que era clara, visto que da cabeça até á dicta parte vinham duas veias direitas, pela qual via se descarregava.» (*Verdadeiro Methodo de estudar*, carta XII, vol. II, pag. 96.)

Citando o testemunho do illustre Verney, não pretendemos inculcar que todos os medicos portuguezes anteriores á Reforma de 1772 fossem de tão supina ignorancia como elle diz. Houve alguns muito instruidos e muito conhecedores da sciencia. O nosso fim é mostrar que o ensino ministrado nas escholas só podia produzir medicos como o tal que receitava sanguesugas no orificio do *podex*.

circunstancias da epocha e pelo exemplo de extranhos. Era o corollario final da antiga organisação da Universidade, ou, antes, o ultimo termo de progressão das reformas anteriores que com pequenos intervallos se tinham succedido.

O conjunto de disposições dos Estatutos coadunava-se com o espirito e necessidades do seculo; tendia a apurar ingenhos e a avivar perspicacias, que eram as prendas mais consideradas n'aquella epocha de interminaveis contendas. Demais as Unjversidades estrangeiras que se tomavam por modelos, e que então se reputavam os oraculos da sabedoria, tinham adoptado o mesmo systema de ensino. O que porém se torna incomprehensivel, e excita espanto, é que nos reinados de D. Pedro II e de D. João V se proseguisse no mesmo systema, incompativel com o adiantamento da sciencia, e desacreditado pelos resultados practicos.

Tudo alli conspirava para embrulhar e confundir os alumnos, em vez de lhes facilitar a comprehensão das verdades scientificas.

A primeira causa de confusão estava no enredado e abstruso artificio dos cursos que faziam os professores, sempre em desaccordo com as habilitações dos discipulos. Os ramos da sciencia, em vez de conservarem entre si uma relação methodica e natural, como partes do mesmo tronco, e de modo a concorrerem para um dado fim, achavam-se, pelo contrario, desligados, interrompidos, formando um todo cahotico e incomprehensivel. Fiel pintura da confusão escholar é a que nos dá um escripto coevo<sup>1</sup> pelas seguintes palavras: «A ordem das lições dos tractados era só fixa para os lentes, mas incerta e varia para os estudantes. Uns ouviam no principio as lições dos tractados que deviam ouvir-se no meio do tempo, e no fim do curso medico; e pelo contrario outros ouviam no meio e no fim aquelles tractados, que deviam preceder conforme a ordem natural das partes, de que se compõe a Medicina. Por este modo cortava-se o fio das materias; destruia-se a uniformidade do ensino; estabelecia-se uma confusão de estudos, tumultuaria e perplexa, e privavam-se os estudantes da utilidade de poderem conferir entre si pela diversidade das materias que aprendiam.»

Os livros, que ainda meado o seculo XVIII serviam para texto das lições, eram outra causa de confusão e de atrazo.

<sup>1</sup> *Compendio Historico*, part. II, cap. III, § 72.

Quando por toda a parte se trabalhava no adiantamento das sciencias, quando a physica e a historia natural, alongando seus dominios, auxiliavam a constituição de novas theorias medicas, e enriqueciam a pharmacologia com innumeraveis productos d'alem-mar, Portugal, que arrombara as portas do Oriente, e mostrara á Europa as maravilhas de mundos nunca d'antes conhecidos, conservava o ensino medico adstricto aos livros, e subjugado ás opiniões de antiquissimos escriptores. Desde os preparatorios até ao ultimo anno da formatura, não esclarecia a mocidade portu-gueza um raio de luz da sciencia moderna.

Para adquirir instrucção preparatoria e auxiliar da Medicina passava o alumno tres annos e meio nas escholas menores a estudar os livros de Aristoteles e os de seus commentadores. Os estatutos designavam pelos titulos competentes os livros do philo-sopho stagirita e a ordem das leituras nos differentes cursos. Tudo se resumia no ensino da logica, da metaphysica e da physica. Mas os jesuitas, que tinham a seu cargo as escholas menores no collegio das artes<sup>1</sup>, explicavam aquellas disciplinas, seguindo unica-mente as doutrinas e o desenvolvimento dos seus proprios com-mentadores. Consumiam o tempo, e moíam a paciencia dos ou-vintes, discursando sobre os *Universaes*<sup>2</sup>. A prestancia e a su-premacia do syllogismo davam materia para largas prelecções, e as idéas philosophicas de Bacon e de Locke nem para se refu-tarem eram chamadas á discussão. Evitavam-se como suspeitas de atheismo, por serem de origem protestante. O que porém redun-dava em mais grave detrimento para o ensino era a conservação da physica dos quatro elementos, e a pertinacia com que os je-suitas defendiam os erros aristotelicos. Commettiam evidentemente um attentado contra o progresso scientifico e contra a verdade; mas sustentavam a coherencia que evitava embates e discrepancias entre a physica e a Medicina. As doutrinas medicas, que se ensi-navam na Universidade, pediam aquella physica, para que houvesse

<sup>1</sup> A direcção dos jesuitas nas escholas do collegio das artes acabou em 1759, ainda antes da extincção da companhia.

<sup>2</sup> Sobre os *Universaes* ou *Predicaveis* de Porphirio, sobre os *Predica-mentos*, *Perihermenias*, *Topicos*, *Elencos*, etc. veja-se a *Historia da Philo-sophia em Portugal*, por J. J. Lopes Praça.

Sobre a utilidade, ou, melhor, inutilidade das materias ensinadas pelos jesuitas nos cursos de artes durante o seculo XVIII veja-se o *Verdadeiro Methodo de estudar* por Verney, carta VIII e seguintes.

harmonia entre os quatro humores e os quatro elementos e as quatro qualidades elementares em todos os graus de possível combinação.

Galeno e as velhas theorias dos humores tinham o primeiro logar no ensino. A auctoridade do medico de Pergamo obtivera tal predominio, que a leitura das suas obras era o texto exclusivo em quatro das seis cadeiras da Faculdade, na de prima e noa, e nas duas cathedrilhas. Os livros de Hippocrates, na cadeira de vespera, e com especialidade os do prognostico, podiam concorrer para desanuviar os espiritos das frivolas especulações, e indicarlhes o verdadeiro caminho na observação da natureza; quando porém se conseguissem estes bons effeitos, seriam logo contrariados pelas subtilezas e minucias<sup>1</sup> arabigas na cadeira de Avicena.

Para o estudo da anatomia faziam-se no hospital nove disseccções em carneiros, e liam-se nas aulas os livros de Galeno *De usu partium*, e a *Fen* primeira do primeiro livro de Avicena. Nunca houve estabelecimento ou casa especial com accomodações e utensilios necessarios para os trabalhos de disseccção e de observação medica. Ensinava-se theoreticamente uma sciencia toda fundada na practica. Quem attender á constituição da Universidade, ao regimen uniforme das quatro Faculdades maiores, ás prerogativas, costumes e prejuizos do tempo, achará a razão por que a Universidade de Coimbra não possuia um, sequer pequenino, gabinete de sciencias naturaes. Ella, a opulenta, sempre favorecida pela munificencia real, engrandecida com as grossas rendas do priorado mór de Sancta Cruz, que acudia com avultadas sommas ás faltas do Erario e ás necessidades de abastadas corporações, servia-se para o ensino de seus alumnos da pobreza do hospital da cidade<sup>2</sup>! Alli tinham logar os exercicios clinicos, que consistiam na superficiíssima observação dos doentes, feita de passagem e tumultuariamente, e nos apontamentos que dictava o professor quando justificava a applicação dos remedios.

Os exercicios escolares, instituidos com o louvavel proposito de excitar a emulação entre os alumnos, e de os habituar a dis-

<sup>1</sup> Como specimen das minudencias arabigas basta dizer que Avicena admittia vinte e quatro especies de febre ephemera.

<sup>2</sup> Os tres doutores, lentes de prima, vespera, e Avicena serão obrigados a visitar cada dia o hospital da cidade (em quanto o não ha da Universidade). Est. Velhos, liv. 3.º, tit. 55.º



correr em publico por meio dos certames litterarios, degeneraram em controversias estereis e rixosas. Nenhuma outra causa de decadencia actuou com mais energia para o descredito da eschola medica de Coimbra do que o azedume de taes contendas. Em vez de se tractarem questões scientificas, e de se explorarem os conhecimentos adquiridos, excogitavam-se unicamente argucias capciosas, frivolas subtilezas. A argumentação era enredada, cheia de trocadilhos e de ambiguidades. Ao interrogatorio por perguntas casuisticas respondia o defendente com um chuveiro de distincções. Os modos descompostos e a vosearia substituiam de ordinario a falta de recursos intellectuaes; dardejavam-se dictos picantes, que eram retorquidos com violencia: «Enfurecia-se o presidente, gritavam os arguentes, accendia-se o defendente, todos queriam ter razão, e como estavam d'ella distantes, nenhum socegava, todos clamavam, e só vencia quem era mais dextro e subtil em lançar palavras picantes<sup>1</sup>.»

Não aconteciam só entre os estudantes as dissensões e contendas que faziam da aula de Medicina «palestra de discordia e de incivildades<sup>2</sup>;» os professores davam o pernicioso exemplo de publico escandalo, invectivando-se mutuamente dentro e fóra das aulas. As discordias entre os membros da Faculdade attrahiram reprehensões e censuras em nome de el-rei<sup>3</sup>. Chegou até a applicar-se a pena de suspensão a um professor, para quem não fóra bastante mais brando castigo<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> *Comp. Hist.* part. II, cap. III, § 97.

<sup>2</sup> *Idem* part. II, cap. III, § 81.

<sup>3</sup> D. João etc. Mando a vós, Reitor reformador da Universidade, chameis á vossa presença toda a Faculdade de Medicina, e da minha parte advertireis aos lentes e mais pessoas d'ella que vivam em boa sociedade, sem darem occasião a escandalos assim no geral como fóra d'elle, nem murmurem uns dos outros. E constando-vos que algum ou alguns obram o contrario, m'o fareis presente, para mandar ter com elles a demonstração de castigo que fór servido. Provisão de 5 de março de 1738. L. 1.º dos Registos antigos da Universidade, fl. 316 v.

<sup>4</sup> Em 28 de novembro de 1737 tinha sido reprehendido o conductario com privilegio de lente, dr. Bernardo d'Almeida Torres. Porque não mudou o genio inquieto, nem evitou a discordia entre a Faculdade de Medicina, antes em actos publicos se mostrou violento para com os collegas, veio uma provisão, datada de 31 de maio de 1743, ordenando que o dicto dr. Bernardo d'Almeida Torres fosse suspenso do exercicio de lente. L. 4.º dos Registos antigos, fl. 369 e 389 v.

Que se podia esperar de espiritos eivados de ruins paixões, gastos e cansados de estereis polemicas? O zêlo pela instrucção estava de todo apagado; os mestres ou repetiam as costumadas postillás, ou desamparavam os cursos sob pretexto de que não tinham ouvintes; os discipulos, imbuidos do desleixo geral, desculpavam as faltas nas aulas pela ausencia dos professores<sup>1</sup>. No entretanto, quaesquer que fossem as provas dadas nos actos, a approvação era infallivel. De tão extranho procedimento foi a Faculdade advertida<sup>2</sup>. Baldado foi porém o aviso: nos termos dos exames dos annos seguintes não se acha uma nota de reprovação.

Eis pois o estado do ensino medico da Universidade nos primeiros tres quarteis do seculo passado. Arvore carcomida até á medulla, subsistia ainda erguida pelas escassas reliquias de antigo vigor. Da podridão das raizes já não vinham succos para novas vergõteas, na aridez dos ramos e na secca folhagem murchara a esperança de flor e fructo sazonado. Que restava pois ao tronco annoso, cariado por toda a espessura? Que o sopro da morte o reduzisse ao pó das instituições caducas, e desaffrontasse o terreno para cultura promettedora.

A lisura e a imparcialidade exigem que, antes de passarmos adiante, façamos a seguinte observação.

Não era só em Portugal que as sciencias, e principalmente a Medicina, jaziam em lamentavel desamparo. Desculpam a nossa incuria as adversidades que por espaço quasi de dous seculos nos perseguiram, e adversidades das que assolam profundamente, taes como a successão de quatro mortíferas e duradouras epidemias<sup>3</sup>, o flagello de sessenta annos de captiveiro, vinte e oito annos de guerras com Hispanha, e as desavenças internas, que tiveram a sua origem no paço. Coexistiu sempre com estas infelicidades a sanha impla-

<sup>1</sup> *Comp. Hist.* part. II, cap. III, § 96.

<sup>2</sup> E porque fui tambem informado que por mais ignorantes que sejam os estudantes nesta Faculdade (de Medicina), todos são approvados nos actos *Nemine Discrepante*, de que resulta grande prejuizo, fareis outra admoestação aos lentes para que não approvem os estudantes medicos que não forem merecedores de approvação, etc. Citada Provisão de 5 de março de 1738.

<sup>3</sup> Vid. *Memorias de Epidemiologia portugueza*, por A. C. Vieira de Meirelles, pag. 45 e seguintes.

cavel da inquisição, praga fatal e damninha, que por si só explica a esterilidade litteraria e scientifica d'aquelles tempos. Em outras nações de maior poderio e grandeza tambem por similhantes, ou por diversos motivos cahiram, pelo mesmo tempo, as sciencias em geral ruina. Salamanca, que no seculo XVI foi a Athenas do occidente, e que até o principio do seculo actual conservou a supremacia do ensino superior em Hispanha, deixou amortecer o fogo sagrado. Escutemos o que nos dizem os historiadores da sua Universidade: «Para dar una idéa «del desgobierno que nos aquecaba, bastará decir que sumidos en la escolástica mientras las «ciencias exactas tomaban un vuelo grandioso en Europa y des«cuidadas las lenguas sábias, llegó á perderse de tal modo la dis«ciplina académica en el siglo XVII que sobre otros abusos no se «presentaban los estudiantes en la Universidad, sino para matri«cularse y graduarse, acudiendo los alumnos teólogos a los frai«des, los legistas a los abogados, los de Medicina á los medicos «particulares y los filosofos á cualquiera que hubiesen saludado la «filosofia en busca de una instruccion insuficiente <sup>1</sup>.»—Em 1770 chegou a occasião de se reformarem os estudos salamantinos. No plano de reforma, diz D. A. Vidal y Diaz na sua Memoria sobre a Universidade, a pag. 170, «se conservaban todas las costumbres «antiguas sin conceder nada al adelantamiento de la época, ni tener «en cuenta la mayor ilustracion que ya habia, ni los descubri«mientos en todos los ramos del humano saber.» Quando o projecto que reformava e melhorava o ensino continha taes defeitos, facilmente se depreheende em que atrazo se achava a Universidade.

A Austria até o meado do seculo decimo oitavo teve os estudos de sciencias e artes em completa apathia. Em relação á Medicina diz um contemporaneo: «La Médecine ne peut se passer de l'Ana«tomie, de la Chymie ni de la Botanique; ces trois Sciences en «sont la base et le fondement: aucune de trois n'était cultivée à «Vienne. Il n'y avait ni amphithéatre anatomique, ni laboratoire «public de Chymie, ni jardin de plantes où on en fit des démon-

<sup>1</sup> *Reseña Historica de la Universidad de Salamanca*, hecha por los doctores D. M. H. Dávila—D. Salustiano Ruiz—D. S. D. Madrazo, pagg. 61 e 62.

Vejam-se as causas da decadencia na *Memoria Historica de la Universidad de Salamanca*, por D. Alejandro Vidal e Diaz, cap. v, pagg. 125 e 126.

«strations. La Chirurgie, cette autre branche de la Médecine, n'é-  
«tait pas en meilleur état; elle n'avait ni préparations anato-  
«miques, ni instrumens<sup>1</sup>.» Obviou a todas estas necessidades o  
Barão Van Swieten, chamado em 1745 pela imperatriz Maria  
Thereza para reanimar e dirigir as letras em seus estados.

A propria França, onde pelos esforços de iniciativa particular  
vemos dilatar-se e aperfeiçoar-se o conhecimento das sciencias me-  
dicas, no ensino publico permaneceu, até á epocha da revolução,  
adstricta ao antigo regimen universitario, que a muitos respeito  
se coadunava com os velhos estatutos da nossa Universidade.

Foi na Italia, no norte da Allemanha e na Inglaterra, aonde nos  
dous seculos que antecederam o actual se concentrou toda a acti-  
vidade scientifica, e donde irradiou a serie progressiva de brilhantes  
descobertas em todos os ramos do saber humano. As escholas de  
Medicina que alli floresceram, a influencia que tiveram no adian-  
tamento das sciencias, e os resultados a que chegaram no desenlace  
dos problemas da philosophia medica, serão o assumpto da segunda  
parte d'este discurso, para que a comparação entre a rotina e o  
progresso nos faça melhor sentir o que foi e o que devera ter sido  
o ensino medico da Universidade.

<sup>1</sup> Éloge de Mr. Le Baron Van Swieten no principio do vol. v do *Com-  
mentaria in Hermanni Boerhaave aphorismos*.

## II

### **Do desenvolvimento dos systemas medicos e dos progressos da Medicina em geral desde os fins do seculo xvii até 1770**

O movimento scientifico, inaugurado e proseguido na Italia durante o seculo xvii, exercera notavel predominio no desenvolvimento intellectual da Europa. Os progressos da physica, principalmente, haviam dilatado a esphera dos conhecimentos exactos, e produzido novos ramos de sciencia, cuja utilidade real a industria demonstrava em applicações quotidianas. Por seu lado a Inglaterra tambem pelo mesmo tempo se empenhara no adiantamento das sciencias, seguindo o methodo experimental. Tão felizes resultados colhera de seus esforços, que, ao findar o seculo, não só lhe competia o primado nas sciencias de observação, mas até o disputava nos dominios da philosophia ás nações continentaes. D'este lidar incessante nasceu o vivo clarão que havia de illuminar as sciencias, e caracterisar o espirito do seculo immediato.

A Medicina, que em todas as epochas fôra sempre influenciada, e algumas vezes subjugada, ou pelas sciencias physicas, ou pelas seitas da philosophia especulativa, estava nos fins do seculo decimo septimo e principios do decimo oitavo, em apropriada conjunctura para melhoramentos e reformas. Os numerosos inventos nas sciencias auxiliares, as descobertas anatomicas e physiologicas, as observações pathologicas das ultimas epidemias, e os productos do novo mundo, com que se tinha enriquecido a materia medica, jaziam em lembrança nos livros de Medicina como factos isolados, inconciliaveis com os systemas dominantes.

As theorias chemicas, fundadas na effervescencia, cocção e fermentação dos humores, ou nas misturas e combinações salinas e

sulfurosas, além de carecerem de demonstração nos princípios, o que as tornava inadmissíveis, julgavam-se, havia muito, insufficientes para a explicação dos phenomenos physiologicos e pathologicos. Coordenar pois os factos, analysar a sua relação, e estabelecer sobre novos fundamentos as theorias da sciencia, eram problemas que instavam por solução, e que offerciam largo estadio para se distinguirem ingenhos.

••

Os animistas entraram resolutos na liça. Desprendendo-se das condições physicas dos movimentos organicos, que consideravam effeitos d'uma causa superior, e elevando-se ao conhecimento d'essa actividade primordial, que determina e regula a successão dos phenomenos, concluíram, com mais ruido e violencia do que solidas razões, que a alma humana é o agente motor da economia e a causa efficiente de todas as acções vitaes. Esta conclusão a respeito dos actos physiologicos, inspirada pela philosophia de Descartes, serviu de base á pathologia e á therapeutica animista. Stahl, o fundador do systema, tinha observado como muitos medicos desde Hippocrates, que na resistencia ás causas morbificas e no restabelecimento á saude, se davam taes e tão bem combinadas operações, que evidentemente accusavam a existencia e influxo d'uma força intelligente. A natureza, força conservadora ou medicatriz dos antigos, considerada, como elles a suppunham, destituida de intelligencia, parecia-lhe insufficiente para a explicação dos factos; e como nada lhe indicava que o organismo fosse solicitado por outras forças intellectuaes, differentes das da alma racional, acabou por subordinar os phenomenos pathologicos ao mesmo principio que, a seu ver, regulava os physiologicos.

Segundo a doutrina de Stahl a actividade da alma é independente de qualquer acção corporea: exerce-se por sua propria intelligencia; quando porém os agentes exteriores modificam a economia, e destroem o equilibrio funcional, a alma, tomando então conhecimento da influencia das causas extranhas, excita movimentos para as repellir e para compellir os orgãos ao seu exercicio natural. D'este pensamento, que na generalidade abrange toda a pathologia stahliana, decorre a therapeutica correspondente. Visto que a alma tira da sua propria actividade intelli-

gencia para dirigir e força para executar, cumpre ao medico não perturbar com remedios energicos a marcha da doença. Por tanto abstenção de applicações perturbadoras, expectação e confiança na autocracia interior, constituíam os pontos cardiaes da therapeutica animista.

O animismo assim concebido tinha em si um vacuo immenso, deixava muito a desejar. Quando da alma, agente primordial, se descia para os phenomenos do organismo, ou por ordem inversa se retrocedia dos mesmos phenomenos até á alma, um abysmo insondavel interrompia a serie dos factos. O nexó entre a actividade d'uma força espirital e a sua influencia na materia escapava a todos os esforços da comprehensão. Dava-se como demonstrado o que era hypothetico e de conjectura. D'aqui procedeu que para encobrir o fraco do systema adoptou Stahl e a sua eschola um tom imperativo e dogmatico, improprio da occasião em que o pensamento se desprendia dos laços da auctoridade. Contrariavam porém directamente o animismo os sectarios de Bacon e Locke, para quem as forças hypotheticas, invocadas na resolução dos problemas scientificos, eram uma especie de *Deus ex machina*, arbitrario em principio e esteril nos resultados. Argumentavam com as recentes descobertas em optica e hydraulica, que todas tinham procedido da observação e da experiencia, e não de principios *a priori*. Mal podia pois progredir o animismo, quando os espiritos, cansados de vãs especulações, achavam na physica experimental a demonstração palpavel de verdades, que promettiam ás theorias medicas fundamento inalteravel. No entretanto na Allemanha por muito tempo vogaram as doutrinas de Stahl e de seus successores. Cabe-lhes a gloria de terem observado os doentes com todo o escrupulo e attenção, e de notarem muitas particularidades que debalde se procuram nos escriptos de outros medicos. Alem d'isso a tenacidade com que sustentaram a defesa dos seus principios, suscitou accurado estudo das forças vivas. Prepararam, e anteciparam talvez, o conhecimento claro da irritabilidade, e foram os medianeiros entre a concepção ideal de Glisson e a realidade demonstrada por Haller<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Stahl expoz a doutrina do animismo na sua obra *Theoria medica vera*, mas escreveu-a de modo, que se não comprehende facilmente. Acha-se a mesma doutrina tractada com lucidez no epitome de medicina de Juncker — *Conspectus medicinae theorico-practicae*. Halae 1734.

A massa sanguinea tinha sido o campo de operações do humo-  
rismo. Depois da descoberta da circulação as theorias estabelecidas  
na actividade dos humores foram em progressiva decadencia. Ao  
passo que se estudavam as condições do movimento do sangue,  
comparavam-se os factos physiologicos com o que se conhecia da  
hydraulica. Averiguou-se portanto que a disposição, calibre, an-  
gulos e curvaturas dos vasos modificam a corrente sanguinea, simi-  
lhantemente ao que acontece num systema de canaes inertes, per-  
corridos por um liquido. A confrontação deixava presumir que o  
sangue não tinha em si a causa do proprio movimento, e que, pelo  
contrario, era passivo e solicitado pelos vasos. Acabaram porém  
de elucidar o ponto os estudos experimentaes sobre os movi-  
mentos cardiacos. Numerosos trabalhos, instituidos com o propo-  
sito de se conhecer o mechanismo e força do coração, evidenciaram  
ser elle o agente principal do movimento circulatorio. Desde logo  
foi o sangue despojado das prerogativas de actividade, de que até  
então gosara; as paredes vasculares assumiram nova importancia,  
e os alicerces do solidismo tomaram assim fundamento sobre as  
ruinas do systema contrario.

A physiologia, cedendo ao impulso das sciencias auxiliares, pro-  
curou tambem nas mathematicas a precisão e a certeza que davam  
realce á physica. Mas a applicação do calculo falhou muitas vezes,  
e noutras conduziu a resultados absurdos por se não tomarem devi-  
damente as differenças entre os problemas physicos e os physiolo-  
gicos. As difficuldades, que a cada momento embaraçavam o em-  
prego das mathematicas no estudo da dynamica vital, entretiveram  
por muito tempo os estudiosos em lucta pertinaz contra obstaculos  
invenciveis; donde resultou desviarem-se as atenções da verdadeira  
dircção experimental, e restringir-se o conhecimento das acções  
organicas ao que simplesmente podia apreciar-se pela severa esti-  
mativa de conto, peso e medida. No entretanto a apreciação dos  
actos vitaes á luz da mathematica não foi de todo infructuosa.  
Apuraram-se muitas particularidades sobre movimentos, e a me-  
chanica animal ficou desde então estudada, para o que muito con-  
correram os trabalhos de Borelli.

A physiologia iatromathematica estava constituida; e, enquanto



Bernouilli a não submettia ás ultimas operações do calculo, ministrava auxilio para se explicarem pelas leis da mechanica os factos pathologicos e therapeuticos. Segundo a nova doutrina o exercicio funccional depende dos solidos, a cujos movimentos obedecem os liquidos. Ora, assim como as theorias physiologicas, fundadas na distillação, effervescencia e precipitação dos humores, se tinham substituido por principios de mechanica, em que se attendia á quantidade, grandeza, relação e forma dos órgãos, do mesmo modo devia cessar em pathologia a acrimonia dos acidos e alcalis, donde os iatrochimicos derivavam as affecções morbidas, para se edificar a pathogenia na constrictão e relaxação da fibra. Parecia renovar-se a eschola dos antigos methodistas; mas a verdade é que ella só emprestava os nomes; entre as idéas fundamentaes d'aquella eschola e as que deram origem ao systema iatromathematico, existem differenças capitaes. Reflectiram-se pois nos outros ramos das sciencias medicas as mudanças operadas na physiologia, e á luz dos principios recebidos e imitados da physica tomaram feição nova a pathologia e a therapeutica, e com ella ficou theoreticamente estabelecido o systema iatromechanico. Restava submitter a theoria aos dictames da practica, de cuja sancção pende o valimento e a auctoridade das doutrinas medicas. Similhante empreza demandava os esforços de grande talento, robustecido pelo estudo e pelos desenganos da experiencia. Ao insigne professor Frederico Hoffmann estava reservada a gloria de aperfeçoar e acreditar na praxe o systema, que, combinado com o de Stahl, havia de produzir em breve completa revolução nas sciencias medicas.

Hoffmann deduziu toda a pathologia e therapeutica das modificações dos solidos; na sua opinião *só o spasma e a simples atonia* subverte e arruina toda a economia vital, confundindo e pervertendo o movimento do sangue e dos outros fluidos. As causas morbigenas actuam de preferencia nos órgãos dotados de movimento e sentimento<sup>1</sup>. Não ha dôr, inflammação, spasma, paralyisia de movimento ou de sentimento, febre, ou excreção de humor em que os solidos não sejam interessados. A acção dos medica-

<sup>1</sup> *Universa pathologia longé rectius atque facilius ex vitio motuum microscoporum in solidis, quam ex variis affectionibus vitiosorum humorum, deduci atque explicari possit.*

Hoff. *Med. Rat. systematica*, T. 3, cap. iv, §. 46, Sectio 1.<sup>a</sup>, edição de Genova 1748, vol. 1, pag. 308.

mentos exerce-se nas partes solidas alterando ou moderando os movimentos, e não corrigindo a crase e intemperie dos liquidos, como pretendiam os humoristas <sup>1</sup>. Eis em breve palavras, e como seu auctor o definiu, o credo do systema iatromechanico.

Na Universidade de Halle, onde Hoffmann professava, junctamente com Stahl, por muito tempo disputaram primazias animistas e solidistas. A auctoridade de Hoffmann, como practico abalisado, os factos clinicos, com que esclareceu e comprovou a sua doutrina, e a simplicidade do systema, atrahiram a attenção dos medicos, e recrutaram proselytos dentro e fóra da Allemanha. A Inglaterra e a Italia acolheram benignamente os trabalhos de Hoffmann; não lhes faltaram adhesões em França, onde predominava a Medicina iatrochimica; e mais prospera ventura lhes correria, se Boerhaave, de quem vamos fallar, não illuminasse com tanto brilho a eschola de Leyde.

A revolução que se operava nas sciencias medicas encontrou no eclectismo um obstaculo, que lhe reprimiu os impetos e moderou os passos. Muitos escriptores do seculo decimo septimo, não tanto por espirito de seita quanto por bom senso e prudencia, tinham evitado o exclusivismo dos systemas, e adoptaram em theoria o que parecia conformar-se melhor com a practica. Estes esforços conciliadores nem influiram no movimento scientifico, nem a historia os recommenda como feitos assignalados. Ao começar, porém, o seculo decimo oitavo, uma só intelligencia, abrangendo em sua vasta comprehensão inteiro conhecimento do passado e profundo estudo do presente, ergue-se para sustentar o eclectismo medico, e gravar nos fastos da sciencia o nome immorredouro de Boerhaave.

Os ultimos sectarios da eschola hippocratica tinham prestado tão importantes serviços á sciencia e á humanidade, que, embora contrariassem as exigencias e aspirações dos systemas, eram todavia acatados, e serviam de modelo na praxe. O humorismo, apesar de muito decahido, era comtudo o repositorio accumulado em quatorze seculos, donde mais prompts recursos sahiam para se obviar ás necessidades clinicas. A demonstração pelos processos phisicos e a precisão inculcada pelos iatromathematicos calavam no espirito

<sup>1</sup> Ibidem.

como verdades incontrovertidas, e impunham-se não só pelo que eram, como pelo que promettiam. Havia pois no dominio exclusivo de cada systema alguma cousa aproveitavel e de utilidade real para a arte de curar. Boerhaave, espirito methodico e organisador, contemplando o movimento geral das escholas e o embate das opiniões, e sentindo a conveniencia de se coordenarem as verdades scientificas sem prejuizo das idéas fundamentaes dos systemas vigentes, concebeu o plano de cõgregar num corpo de doutrina factos e theorias de procedencia diversa, que por qualquer modo esclarecessem o curativo das enfermidades. Reunir elementos contrarios, estabelecer concordancia entre idéas oppostas, empreza era de tanta ou maior difficuldade, do que a de architectar em estreita base systematica o edificio das sciencias medicas. As difficuldades domaram-se, e o plano concebido foi executado. Do desempenho da obra poderá julgar-se não tanto pela admiração dos contemporaneos, quanto pela influencia coercitiva na revolução, que fermentava nas escholas havia quasi um seculo. Leyde, onde Boerhaave professava, celebre pela Universidade, que fõra o premio de heroicos feitos de armas <sup>1</sup>, tornou-se então o centro para onde convergiram as attenções medicas de toda a Europa.

Nas duas obras primas, *Instituições e Aphorismos*, houve-se Boerhaave mais como medico do que como philosopho. Sacrificou a coherencia e a uniformidade dos principios ás conveniencias da practica. As theorias mechanicas mereceram-lhe especial consideração; serviram-lhe porém para explicar o que só podia entrar no dominio da mechanica. Se via que pelas combinações ficavam melhor explicados os phenomenos, invocava o auxilio da chimica, de que foi strenuo cultor. Cingiu-se á apreciação dos factos, e coordenou-os sem se elevar ás regiões das causas finaes para achar um principio unico e invariavel que resumisse em si a razão dos phenomenos vitaes. N'este particular ficou áquem dos seus mais notaveis contemporaneos, e por isso ainda hoje se lhe extranha que empre-

<sup>1</sup> Os de Leyde, cercados pelos hispanhoes em 1574, e intimados para se renderem, responderam: — Não espereis tal em quanto ouvirdes aqui ladrar um cão. E se até este nos faltar para alimento, mataremos a fome devorando o braço esquerdo, e servir-nos-hemos do direito para pelejar. — Em recompensa da heroica resistencia que oppozeram aos hispanhoes obtiveram uma Universidade. Veja-se Cantu — *Hist. Univ.*, vol. VIII, pag. 84, edição de Bruxellas.

gasse o seu talento immenso mais em organizar o passado do que em explorar o futuro <sup>1</sup>.

Outras obras concorreram para se ampliar a reputação e fortalecer o prestígio de Boerhaave. A chimica e a botanica mereceram-lhe particulares desvelos: uma e outra professou com muito credito, e de ambas deixou escriptos de valioso merecimento. Notavel é tambem a excellente obra sobre o methodo do estudo medico, cujas indicações foram muito attendidas nas reformas de estudos superiores em diversas nações. O ensino medico, instituido em Portugal e na Universidade de Coimbra pela restauração dos estudos em 1772, foi em grande parte inspirado pelas idéas de Boerhaave. Comprehende-se que tantos e tão assignalados serviços ás sciencias, quer nos laboratorios e hospitaes, quer no professorado e na correspondencia com os sabios da Europa, levantassem um dique resistente contra a revolução que tendia a aniquilar as tradições do passado, para dar á Medicina nova constituição sobre novas bases. Se o braço vigoroso do mestre pôde conter o impeto insoffrido das escholas, o auxilio dos discipulos e commentadores corroboraram o exito da obra. Van Swieten e Haller, commentadores dos livros de Boerhaave, augmentaram-lhes a importancia, e prolongaram-lhes a influencia.

Tal foi em geral a evolução dos systemas medicos na primeira metade do seculo decimo oitavo. A discussão sobre principios e idéas fundamentaes entreteve então os espiritos muito mais do que a observação e estudo dos factos particulares. Appareceram todavia pelo mesmo tempo algumas obras sobre os diversos ramos de Medicina, que muito concorreram para o adiantamento da sciencia. Merecem particular menção as produções de Morgagni, Santorini, Winslow, Le Cat., Haller e Albinus em anatomia e physiologia, as de Sauvages em nosologia, a qual pela primeira vez se mostrou sob forma scientifica. A cirurgia e a arte obstetricia tiveram a muitos respeitoes consideraveis aperfeiçoamentos; e a hygiene, principalmente o que pertence á bromatologia, foi estudada com bastante attenção. Nos vinte annos que decorreram desde o meado do seculo até se dar principio á Reforma da nossa Universidade,

<sup>1</sup> Veja-se a critica profunda e severa, feita a Boerhaave por Trousseau e Pidoux nas primeiras paginas da notavel introdução ao *Tractado de Materia Medica e Therapeutica*.

a Medicina assume direcção e phase diversa. Entra no periodo de elaboração preparatoria e indispensavel, donde veremos sahir a revolução e novos systemas, precusores do movimento e do progresso da actualidade.



As escholas de Leyde e Halle tinham chegado ao apogeo da sua gloria. Depois da morte de Boerhaave e de Hoffmann, eram astros que caminhavam para o occaso, vendo surgir no oriente esplendores de nova luz. Gottinga na Allemanha e Edimburgo na Escossia accendiam o facho que havia de purificar a sciencia, e servir-lhe de pharol no caminho do progresso. Haller, o mais distincto ouvinte que teve o professorado de Boerhaave, depois de illustrar com sabios commentarios as obras do grande mestre, emprehendeu trabalhos originaes, donde procederam as descobertas que immortalisaram seu nome. Em primeiro logar a anatomia deteve-o em aturado estudo. Corrigiu erros que inconsideradamente passavam d'umas para outras obras de Medicina<sup>1</sup>; aperfeioou a anatomia humana, ampliou os limites da comparada; investigou com toda a minuciosidade a composição e estrutura dos órgãos, lançou fundamentos á anatomia geral<sup>2</sup>. Proseguindo

<sup>1</sup> Ainda então se designavam por membranas nervosas muitos órgãos fibrosos, onde com o escalpello se não descobre nervo. Haller demonstrou lucidamente que o periosteo, ligamentos e membranas fibrosas não são de natureza nervosa. Sobre as propriedades physicas dos nervos fallavam os contemporaneos como quem nunca tinha visto aquelles órgãos. Deu-lhes Haller claro conhecimento das verdadeiras propriedades. Excitou com o seu exemplo a que se estudasse a anatomia no cadaver, o que muito correu para o adiantamento que desde logo teve aquella sciencia.

Na introdução aos *Elementos de Physiologia* na primeira edição de Napoles diz Antonio Montano, professor de Medicina em Pisa, amigo particular de Haller — *quadringenta etiam hominum cadavera propria manu dissecut, et viginti adnotationum anatomicarum volumina patienter conscripsit*. — Sendo hoje incomparavelmente muito mais frequentes do que no tempo de Haller os trabalhos de dissecação, raro se achará, apesar d'is o, quem tenha dissecado em dezeseis annos quatrocentos cadaveres.

<sup>2</sup> Conforme se não achará esta asserção com o dizer dos escriptores que têm historiado o desenvolvimento e progressos da anatomia; mas quem attender ao modo por que Haller tracta das propriedades do tecido cellular, musculos, nervos e vasos, terá o desengano de que a anatomia dos systemas organicos lhe deve os fundamentos.

depois em profundar o estudo das sciencias medicas, ergue arrojado vôo, devassa por methodos experimentaes de sua invenção o que se passa no interior do organismo, e reforma a physiologia. Em 1747 publicou as primeiras linhas d'esta sciencia, preludio notavel da grande obra em que mais tarde se havia de occupar. Alli patenteou a idéa, que muito havia o dominava, de que as forças vivas, principalmente a muscular, eram cousa differente do que se conhecia na physica<sup>1</sup>. Cinco annos mais tarde, em 1752, a sociedade de Gottinga examinava o relatorio e apreciava o resultado de cento e noventa experiencias, por onde Haller evidenciava que a irritabilidade e a acção nervosa são apanagio exclusivo dos órgãos da economia<sup>2</sup>. Era a proclamação do principio fecundo, com que o reformador da physiologia inaugurava uma nova epocha para a Medicina.

Por toda a parte se viu então insolita actividade em trabalhos de physiologia experimental. Certificam uns, contestam outros a legitimidade das conclusões deduzidas por Haller. A resistencia dos adversarios obriga a novos esforços; repetem-se as experiencias, modificam-se os methodos e processos, interpretam-se os factos á luz da rigorosa critica, e d'este certame afanoso sahe enfim ratificado o principio de que a irritabilidade é uma força insita, privativa dos corpos vivos, ingenita sómente *in solido vivo*. Haller extrema com muita clareza a contractilidade physica da irritabilidade; e do mesmo modo considera esta inteiramente distincta da sensibilidade. Circumscreve ao musculo a posse da irritabilidade, e limita ao nervo a da sensibilidade<sup>3</sup>. Convencido de que a nenhuns outros órgãos pertencem aquellas propriedades, prosegue no seu estudo, inquirindo primeiro com muita individuação todas as condições intrinsecas e as circumstancias extrinsecas que podem tornar o musculo mais ou menos irritavel. Profundou tanto nesta materia, que pouco deixou a excavar aos physiologistas de ha um

<sup>1</sup> Musculus triplex vis ad minimum insidet. Prima mortua. Altera, quam diximus insitam, per sua phoenomena diversa... denique soli musculari fibræ propria, in nulla alia corporis humani parte cum his, quas enumeravi, doctibus reperitur. Haller — *Primæ Lineæ Physiologiae*, cap. xi. § cccc.

Hæc vis ab omni alia hactenus cognita proprietate corporum diversa et nova est. Ibidem, § cccclii.

<sup>2</sup> Kurt Sprengel. — *Histoire de la Médecine*, tom. v, pag. 322.

<sup>3</sup> Sola fibra muscularis contrahitur vi viva; sentit solus nervus, et quæ nervos acceperunt, animalis partes.

Hal. *Elementa Physiologiae*, lib. xi, Sect. 2.<sup>a</sup>, § 10.

seculo. Com equal applicação investiga as propriedades dos nervos e a acção nervosa; combate os erros dos iatromechanicos, e amplia a sciencia com a descoberta de novas verdades. Depois de porfiada contenda com adversarios respeitaveis, taes como Hamberger, Bianchi e Roberto Whytt, tendo apreciado pela experiencia a acção de todos os órgãos e apparatus, entregou á estampa a sua obra monumental *Elementa Physiologiae*, fructo de aturado estudo e profundo saber.

Applicar á pathologia, materia medica e therapeutica o principio da irritabilidade de Haller, reformar a Medicina pelo conhecimento claro e bem definido, como então estava, das forças vivas, era a consequencia necessaria das verdades apuradas no longo debate physiologico. Cullen apparece opportunamente nas cadeiras de Edimburgo para continuar a revolução proclamada em Gottinga. Quarenta annos de practica, vasto conhecimento da medicina, espirito recto e intelligencia não vulgar são predicados que conferem a Cullen o posto da vanguarda na propaganda das novas doutrinas. Desempenhou convicto a missão que se impozera. Firmou a conquista dos principios physiologicos, nelles edificou a pathologia, a materia medica e a therapeutica, diffundindo por este modo a luz da nova era que alvorecera em Haller. As suas obras foram publicadas depois de concluida a Reforma da Universidade de Coimbra em 1772. Não cabe por tanto neste lugar, conforme o plano que traçamos, apreciar o merito e a importancia que tiveram. Fallaremos noutra parte d'esta memoria da influencia que exerceram em Portugal.

Emquanto se debatia, e aperfeiçoava o conhecimento e applicação dos principios physiologicos de Haller, muitos trabalhos de incontestavel merecimento engrandeciam outros ramos das sciencias medicas. Huxham na Inglaterra publica um excellento ensaio sobre as febres, onde a clareza e a exacta relação dos phenomenos correm emparelhados com optimas considerações medicas. Bordenave e Le Cat proseguem em França no caminho indicado por Haller. Bordeu estuda as glandulas e o tecido mucoso; as suas vistas sobre anatomia geral e physiologia fazem com que se considere o precursor de Bichat. A questão sobre a inoculação da variola agita-se por toda a parte com o interesse, que devia inspirar a descoberta de um meio effcaz para se reprimir o flagello

que em tantas epidemias tinha devastado a humanidade. Bertin, Zinn, Cotunni e Camper enriquecem a anatomia descriptiva, humana e comparada. Gaubio torna-se notavel pelas suas instituições de pathologia medica, obra ainda hoje consultada com proveito. Storck empreheute uteis observações sobre as doenças agudas e chronicas; ensaia na practica o stramonio, meimendo e aconito; os resultados satisfactorios que obteve da cicuta levam-no a encarecer as virtudes d'esta substancia. Antonio de Haen, adversario implacavel de Haller, melhor clinico do que physiologista, aquilata o valor therapeutico de muitas substancias medicinaes. As experiencias de Spallanzani, sempre citadas com elogio, elucidam muitos pontos de physiologia. Morgagni, emfim, adquire merecida celebridade pelos trabalhos importantes de anatomia pathologica, que teriam mudado o rumo á pathologia se a attenção dos contemporaneos não estivesse concentrada nas questões physiologicas. Mas, se a eschola physiologica do seculo passado impediu, por modo indirecto, que se estudasse largamente nas lesões cadavericas a natureza das enfermidades, a mesma eschola no seculo decimo nono, possuida já de outras aspirações, reconheceu devidamente os serviços de Morgagni, e concorreu para que a anatomia pathologica formasse parte integrante da pathologia, e se cultivasse como ramo especial das sciencias medicas.

Tal foi, em geral, o movimento d'estas sciencias nos setenta annos decorridos, desde o começo do seculo decimo oitavo.

Quando se confronta o adiantamento da medicina nas mais cultas nações da Europa com o que da mesma sciencia se ensinava em Portugal antes da Reforma, sobresahe evidentemente o desengano de que não tinhamos progredido um passo desde a epocha da renascença. Muitas causas contrarias aos desejos e á vontade nacional influiram para ficarmos segregados da commu-nhão scientifica até ao fim do seculo decimo septimo. Só no decimo oitavo podemos attender convenientemente para as necessidades litterarias. Dos preliminares para o desenvolvimento do ensino e reforma das eschololas, e das circumstancias que então impediram ou retardaram os melhoramentos litterarios, occupar-nos-hemos na terceira parte d'este discurso.





Com relação á Medicina diz o *Compendio Historico* que el-rei mandara convidar o celebre Boerhaave, com a promessa d'uma larga pensão, para restabelecer em Portugal o ensino medico, e que, não accedendo aquelle professor ao convite, mandara, pelo conde da Ericeira, consultar em Inglaterra a Jacob de Castro Sarmiento sobre os meios de se reformar no reino a Medicina. Os alvitres d'aquelle nosso compatriota nunca chegaram a realisar-se. Cuidados e applicações para outros negocios do estado, e por fim oito annos de enfermidades inhibiram o monarcha de cuidar nos projectos de reforma.

Embora porém continuassem os esforços para se melhorar o ensino d'uma sciencia, de cujo aperfeiçoamento resulta immediato interesse social, nunca a Medicina nem as mais sciencias universitarias sahiriam do estado de manifesta decadencia em que se achavam, se a reforma d'outras instituições não precedesse ou acompanhasse a dos estudos. Temos por indubitavel que a criação de academias é um poderoso auxilio para o engrandecimento das sciencias; a fundação de bibliothecas outro auxilio não menos effcaz para se propagarem; mas nem estas fecundissimas instituições, nem a voz auctorizada de insignes professores podiam subsistir e prosperar no ambiente deleterio que inficionava o reinado de D. João v. Que importava o apparatus sc̄ntifico, quando tudo conspirava para reprimir os vãos da intelligencia? D'um lado a credulidade supersticiosa, refractaria á razão, e intransigente com as aspirações da sciencia; do outro a vigilante censura sobre todas as producções litterarias; e por cima de tudo isto o *fogo sagrado do sancto officio*, sempre prompto para reduzir a cinzas o desventurado que ousasse pensar livremente... Como insuflar vigor ás letras em atmospheria de tão perniciosos elementos?

Reformar as instituições existentes, assegurar por ellas a liberdade de pensar e de discutir, tanto quanto as idéas do tempo o permittiam, era condição indispensavel para o bom exito de qualquer reforma litteraria. Mas tal empresa excedia os recursos dos ministros da corôa, e tambem se não coadunava com as devotas inclinações de D. João v. Porisso, se não foi totalmente frustrado o desvelo com que se applicou a restabelecer as letras, os resultados que obteve não corresponderam á grandeza de seus esforços e desejos; e para cumulo de magoa viu definhar apressadamente as suas mais gloriosas instituições. A Academia de historia atro-

phiou-se, as bibliothecas fecharam-se, e em logar da influencia de institutos civilisadores o fanatismo e os preconceitos dominaram poderosamente em todo o reino. De tanto dispendio e azafama pelo engrandecimento das letras restavam apenas as producções academicas, o massiço das obras d'arte, e as escholae de humanidades, incumbidas aos padres de S. Filippe Nery. E foi esta a herança litteraria que um reinado de quarenta e quatro annos incompletos, farto d'ouro e pedraria, transmittiu ao governo subsequente. Deixou mais do que tinha encontrado, mas muito menos do que devera ter deixado. Das tentativas para a reforma da instrucção medica não ficaram reliquias aproveitaveis; permaneceu porém viva na lembrança de todos a necessidade de se lhe acudir com algum melhoramento.

O desleixo, a confusão e a ruina, em que D. João v deixou todos os negocios do estado, mal permittiam que o reinado de D. José se inaugurasse com uma reforma litteraria. Não tinha ainda amadurecido na reflexão o plano que conviria seguir em tão momentosa reforma; nas outras instituições sociaes tambem tudo carecia de reparação, tudo instava pelo beneficio de acertadas providencias. Em tão difficil conjunctura nem a reforma era opportuna, nem as letras poderiam medrar em quanto não estivessem satisfeitas outras necessidades. Recahiu por tanto sobre differentes negocios a attenção de D. José, ou, antes, a do seu providente ministro, a quem mais tarde elevou a Marquez de Pombal. Em quanto porém o governo se applicava a reparar as finanças, a animar o commercio e a marinha, e a remover as difficuldades que lhe surgiam de todos os lados, debatia-se com insolito fervor, na opinião publica e longe das instancias officiaes, a questão momentosa do ensino, preludio notavel da futura reforma, que esclarecia o assumpto, e dispunha os animos para se effectuar em tempo competente a restauração litteraria.

Apparecera publicado em 1746 o *Verdadeiro Methodo de Estudar*, obra do sabio Verney, em que se condemnavam as doutrinas e methodos rotineiros dos jesuitas, e se mostravam as vantagens de se instruir a mocidade portugueza nos adiantamentos litterarios e scientificos da epocha. A companhia de Jesus, já despeitada porque a congregação do oratorio lhe tomava o passo no ensino das humanidades, sentiu profundamente o golpe, que

mão certa lhe vibrara. Exacerbava-lhe ainda mais os desgostos o proposito que tivera o editor de offerecer a obra *Aos Reverendissimos Padres Mestres da Veneravel Religiam da Companhia de Jesus no reino e dominios de Portugal*. O silencio, a indifferença ou a humildade simulada equivaliam então á morte da companhia. Conhecendo, pois, quanto importava aos creditos de tão famosa corporação rechaçar os adversarios e conservar intacto o seu prestigio, do proprio estremecimento tira fortaleza e cobra ousadia para repellir a aggressão. Travou-se renhida contenda, não em campo aberto e de viseira levantada, mas sob o pseudonymo e através das seteiras dos claustros. O azedume e a virulência do certame chamam a attenção geral; a natureza do debate excita interesse no publico; formam-se partidos, irritam-se os animos, e prolonga-se, finalmente, por mais de oito annos, a acalorada discussão, em que os padres da companhia, batidos por todos os lados, perdem muito de seus creditos e affeições.

As consequencias d'esta lucta de idéas, porque evidentemente era a philosophia moderna a braços com a eschola peripatetica, foram de summa importancia. Pelo que respeita ás letras parecemos que, sem a obra de Verney e a discussão subsequente, talvez os Estatutos e Reforma da Universidade não grangeassem os louvores que ainda hoje lhes tributamos.

Em quanto se ventilavam as questões sobre os pontos capitaes do ensino, e se derramava no publico a luz que brotava da discussão, intedia cuidadosamente na administração do estado o celebre ministro, Sebastião José de Carvalho e Mello. Honrado depois com a nomeação de primeiro ministro, continuou na mesma ardua occupação, fazendo sentir a sua influencia em todos os acontecimentos que tornaram memoravel o reinado de D. José. Acode aos desastres do terremoto de 1755 com energicas providencias, e sobre as ruinas da velha Lisboa levanta uma cidade formosa. D'entre a nobreza sahe uma conjuração contra el-rei; castiga severamente os conjurados, e destróe a poderosa influencia dos nobres. E para desembaraçar o estado de qualquer poder ou jurisdicção, que não procedesse exclusivamente da autocracia real, reprime a inquisição, depois de ter descarregado sobre a companhia de Jesus golpe de exterminio. Todos estes factos lhe conciliaram grande respeito e auctoridade; por isso, firmada a paz exterior pelas relações de amizade

com as outras nações, pôde desassombradamente conservar a tranquillidade interna, e promover por sabias leis a prosperidade da nação. Todos os ramos da administração publica lhe mereceram cuidados, todos lhe deveram o serviço de assignalados melhoramentos. Ao cabo de vinte annos de aturada vigilancia, luctando e vencendo contra inimigos poderosos dentro e fóra do reino, depois de transformar as instituições, de crear a industria, de fomentar o commercio, e de explorar outras fontes de riqueza nacional, volveu então olhos para as letras, como quem sabia que era chegada a occasião favoravel de coroar tantos e tão bem succedidos trabalhos com a grande obra da restauração universitaria.

A tão grandiosa empreza applicou o ministro, já então Marquez de Pombal, alem de assíduos cuidados, os recursos da sua vasta intelligencia. Primeiro que tudo foi creada uma Junta de Providencia Litteraria, por carta de 23 de dezembro de 1770, para debaixo da inspecção do Cardeal da Cunha e do Marquez de Pombal conferirem sobre a decadencia e ruina da Universidade, «examinando com toda a exactidão as causas d'ellas, ponderando «os remedios que considerarem mais proprios para ellas cessarem, «e apontando os cursos scientificos, e os methodos que se deviam estabelecer para a fundação dos bons e depurados estudos «das artes e sciencias.»

Consta que muito antes d'esta epocha, quando ainda se agitava a questão do ensino contra os jesuitas, fóra consultado em Pariz o celebre medico portuguez, Antonio Nunes Ribeiro Sanches, sobre a reforma da Faculdade de Medicina <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> É pouco conhecida a biographia do nosso compatriota, escripta por um seu devotado amigo e herdeiro dos seus manuscritos. Anda incorporada e antecede o catalogo, hoje raro, dos livros que pertenceram a Ribeiro Sanches.

O biographo enumera as obras do celebre medico portuguez, notando cada uma com as particularidades do seu conhecimento. Ao referir sob o numero 5.º o *Methodo para se aprender a estudar a Medicina etc.*, diz que esta obra, assim como o *Tractado da conservação da saude dos povos*, fóra encomendada pelo governo portuguez. Foi impressa em 1763 sem logar de impressão, segundo affirma o sr. I. F. da Silva no *Diccionario Bibliographico*. O manuscrito da mesma obra estava concluido havia annos, porque Barboza já o menciona no 4.º volume da *Bibliotheca Lusitana*, que foi impresso em 1759. Por tanto, se já neste anno estava o manuscrito composto, é provavel

Com quanto nos trabalhos da Junta não se ache uma só vez citada a obra de Ribeiro Sanches, é de presumir que a consultasse. A grande reputação do auctor, a sua competencia em assumptos litterarios e scientificos, e sobre tudo em assumptos de Medicina, naturalmente deviam mover a Junta a apreciar os esclarecimentos de tal auctoridade. Do que se não pode duvidar é de que ella se habilitou convenientemente para desempenhar o seu honroso mas difficil encargo. Estudou com muita attenção os escriptores nacionaes e estrangeiros, que melhor tinham desenvolvido as questões sobre instrução publica, e cuja obras mereciam geral approvação; examinou detidamente o estado da Universidade; *cuidadosa* inquireu as causas da ruina dos estudos; discutiu e meditou profundamente a resolução dos problemas sobre o ensino superior; e, —«empregando, emfim, toda aquella applicação, e todo aquelle «desvelo, que a sua inviolavel obediencia, o seu devido zêlo, e a «mesma importancia de tão grave materia»— exigiam, apresentou, passados oito mezes, um extenso e profundo relatorio, em que se apontam—os estragos «feitos na Universidade e nas aulas de todo «o reino.»—Tal relatorio é o celebre *Compendio Historico do Estado da Universidade de Coimbra no tempo da invasão dos denominados Jesuitas, e dos estragos feitos nas sciencias e nos professores*, etc. A Junta—«concluiu de uniforme accordo que antes de «tudo se devia pôr na presença de el-rei o *Compendio Historico*, «para que o conhecimento de tão grandes e tão inveterados males «podesse indicar mais sensivelmente os remedios, que hão de constituir os objectos dos paternaes cuidados de Sua Magestade<sup>1</sup>.»

De duas partes consta o *Compendio Historico*; na primeira colligiram os membros da junta, por ordem chronologica, os meios por que os jesuitas se apoderaram do governo da Universidade, e

que tivesse sido incommendado nos ultimos tempos das questões sobre methodos de ensino com os jesuitas.

Debalde tenho procurado o *Methodo para se aprender a Medicina*. O exemplar que havia na bibliotheca da Universidade, e que se acha mencionado nos catalogos, extraviou-se. Como pois não me foi ainda possivel alcançar a leitura do livro, não posso dizer até que ponto concorreu a obra de Ribeiro Sanches para a reforma dos estudos medicos.

<sup>1</sup> As passagens notadas com aspas são transcriptas da consulta que a Junta de Providencia Litteraria levou á presença do monarcha com o *Compendio Historico* em 28 de agosto de 1771.

os estragos que nella fizeram, destruindo as antigas leis, regras e methodos de ensino, e substituindo-os pelos estatutos que Filippe II de Castella outorgou em 1591 e 1597. A segunda parte relata os estragos feitos pelas machinações dos mesmos jesuitas em cada uma das Faculdades separadamente. Acresce a esta segunda parte um volumoso *Appendice*, onde se continúa a relação dos estragos nas Faculdades juridicas, etc.

Se o apparato de larga erudição, concepção facil, e raciocinio inflexivel, mas sempre expedito para chegar sem rodeios ao ponto determinado, são predicados por onde deva aquilatar-se o merito d'uma obra litteraria, o *Compendio Historico* tem incontestavelmente subido merecimento. Enfraquecem, porém, o brilho d'aquelles dotes alguns defeitos, que não procedem tanto da incuria, quanto de sobrepensada malicia. A sinceridade, a rectidão e o espirito de justiça, que devem animar todo o escriptor consciencioso, nem sempre se encontram no *Compendio Historico*: requeira pelo contrario de todas as paginas o odio entranhado contra os jesuitas, e o proposito de os tornar responsaveis por todos os estragos e desastres nacionaes desde a introdução da companhia em Portugal.

Não era mister para a condemnação dos jesuitas imputar-lhes factos em que não tiveram parte. Mas o ministro, que fez caminhar para a fogueira da inquisição com a roupeta de S. Ignacio a ultima victima de tão atroz supplicio <sup>1</sup>, comprazia-se em revolver o passado e em desenterrar pretextos para accumular accusações contra a companhia de Jesus. Por isso elle, que foi a alma da Junta de Providencia Litteraria, conglobou como de procedencia jesuitica tudo quanto directa e indirectamente concorreu para o atrazo litterario e scientifico, e levou a Junta a considerar como obra do jesuitismo, feita de proposito para entreter a ignorancia, os velhos estatutos, que por cento e oitenta annos regeram a Universidade. Que os jesuitas tiveram suas culpas na ruina, que padeceram as letras patrias, é para nós ponto averiguado. Cabe-lhes

<sup>1</sup> «Esta practica alterou-se em Malagrida, que neste *auto de fé*, como «ultima victima de morte, condemnada pela inquisição, não só sahio dos «seus carceres com a roupeta de jesuita, mas até na sentença se lhe declarou «ser membro da companhia de Jesus.»

S. J. da Luz Soriano, *Historia do Reinado d'El-Rei D. José*, vol. 1.º, pag. 436.

entre outras cousas inteira responsabilidade pela obstinada reluctancia, com que mantiveram nos cursos de artes os commentarios do collegio conimbricense, excluindo do ensino as recentes descobertas, que engrandeciam as sciencias de observação e a philosophia racional. Acoimal-os, porém, de prejudiciaes no ensino das sciencias universitarias, que não ensinaram, attribuir-lhes influencia nociva na coordenação dos estatutos velhos, que são pouco mais do que a recopilação de leis, praxes e costumes estabelecidos no decurso d'um seculo, é injustiça manifesta, que o juizo imparcial da historia como tal reconhece <sup>1</sup>.

Não entra no plano d'este discurso analysar a extensa relação que faz o *Compendio Historico* do estado de todas as Faculdades universitarias, e das causas que determinaram a ruina dos estudos. Apontaremos apenas, porque o assumpto o pede, o que lá se acha desenvolvido em relação á Faculdade de Medicina.

<sup>1</sup> Não é o desejo de contrariar as asserções do *Compendio Historico*, e menos ainda a singularidade de me constituir defensor officioso de jesuitas, que me decide a emittir opinião differente da que geralmente voga: é sim o amor pela verdade, e a obrigação de escrever nesta memoria historica o que a minha diligencia apurou no estudo dos documentos.

Quem confrontar as disposições dos estatutos velhos com a legislação por que se regou a Universidade sessenta ou setenta annos antes, convencer-se-ha que as doutrinas, os methodos de ensino, e o systema escholar estabelecido nos citados estatutos, já estavam pela maior parte em vigor na Universidade antes da entrada dos jesuitas em Portugal, e antes de se intrometterem nos negocios do reino. Das Univeridades de Pariz e de Salamanca recebeu a nossa Universidade vigorosa influencia, depois que por el-rei D. João III foi estabelecida em Coimbra. Amoldou-se em geral ao systema d'aquellas Univeridades; acompanhou-as nas suas reformas, e quasi que passou pelas mesmas alternativas. Os ultimos estatutos das antigas Univeridades de Pariz e Salamanca são do principio do seculo XVII, coevos com pouca differença dos estatutos velhos da nossa Universidade. As disposições relativas á parte litteraria são em todos tres semelhantes e a muitos respeitoes identicas. Não se dirá, porém, que os jesuitas influiram nos estatutos parisienses e salamantinos. É sabido que naquellas duas Univeridades houve sempre pouca afeição pela companhia de Jesus. A de Salamanca, instada pela de Alcalá de Henares e pela de Lovaina, empenhou todo o seu valimento em 1625 para impedir que os jesuitas fundassem, como muito desejavam, uma Universidade em Madrid. Desde então nunca mais se reconciliaram. A pezar de purificados do jesuitismo, os estudos de Salamanca passaram por inevitavel ruina, como deixámos referido a paginas 21.



Serios embaraços teve a Junta de Providencia Litteraria para descobrir motivo ou pretexto plausivel, em que fundasse contra os jesuitas a accusação de perverterem o ensino medico na Universidade. Nem todas as razões convinham a seu proposito; por isso cortou as difficuldades, affirmando em tom dogmatico e peremptorio o que lhe cumpria demonstrar, e encheu todo o terceiro capitulo da segunda parte do *Compendio Historico* dissertando sobre «os estragos feitos na Medicina, e sobre os impedimentos «que pozeram os compiladores dos estatutos para que ella nunca «podesse sahir do cahos da ignorancia.» Para mais clareza e melhor apreciação do objecto a Junta considerou os estragos em tres epochas, antes dos estatutos, no tempo em que se compilaram, e depois de publicados.

Cifram-se os estragos da primeira epocha nas queixas que fez um medico do hospital de Lisboa ao bispo D. Jorge de Athaide, affirmando «ter sido a Medicina florente, e achar-se perdida no «tempo em que escrevia». A Junta, tendo as queixas por bem fundadas, explica em continente «que a verdadeira causa da decadencia da Medicina foi a lamentavel ruina que padeceram os «estudos das linguas, das humanidades, e da philosophia com a di-«recção e magisterio dos jesuitas.» O corollario da explicação é que aos padres da companhia, como origem primaria, embora remota, pertence a responsabilidade da decadencia dos estudos medicos. O pretexto tem mais de frivolo do que de sincero, e a culpa resente-se de taes fundamentos. Tanto a junta conheceu isto, que para encobrir o fraco da imputação passou immediatamente a encarecer o estudo das humanidades, e a demonstrar por uma lucida argumentação quanto importa ao medico instruir-se nellas convenientemente. Aqui eleva-se a junta á altura da sua missão. Deixando arteiramente os jesuitas, e concentrando a attenção na importancia da materia, discorre com muito acerto sobre a necessidade que tem de estudar as linguas antigas quem houver de cursar a Medicina; do mesmo modo torna manifestas as vantagens da philosophia, das bellas letras e da historia. Dissertando enfim, sempre com muita erudição e profundo conhecimento do objecto, a respeito da instrucção preparatoria que deve preceder o estudo das sciencias, evidencia, em relação á Medicina, o que sobre este ponto conviria estabelecer na futura reforma.

Os estragos da segunda epocha são os perniciosos regulamentos, introduzidos de propósito nos estatutos pelos jesuitas com o intuito de impedirem a instrucção da mocidade e os progressos das sciencias.

Na compilação dos estatutos velhos nada mais se fez do que colligir, modificar, e regular o que, havia muito, se observava nas escholas. Não se alterou a feição e indole da Universidade; todas as Faculdades conservaram a organização particular com que desde a reforma de D. João III se tinham constituido. A pezar de tudo os auctores do *Compendio Historico*, analysando a legislação respectiva ao cahotico systema de estudos medicos, atiram para sobre os jesuitas com a imputação de haverem arditosamente preparado a confusão e a anarchia, donde devia seguir-se estrago inevitavel para a medicina. Involvem a imputação n'umas apparencias de veracidade, patenteando os defeitos do regimen escholar, e proseguem depois contrapondo habilmente á desordem decretada nos estatutos extensas e bem pensadas considerações a respeito das disciplinas, e da successão methodica de estudos, de que deve constar um curso completo de instrucção medica. É nestas e em considerações semelhantes que a Junta de Providencia Litteraria manifesta os seus muitos recursos, e se mostra digna de todo o elogio. Sobre as sciencias preparatorias e auxiliares com que deve habilitar-se o alumno antes de entrar em Medicina, discursa excellentemente; onde porém se houve com mais assignalada mestria foi na indicação das sciencias, da ordem, dos methodos de ensino que convém observar-se numa Faculdade de Medicina. Neste particular a Junta desempenhou-se cabalmente da incumbencia; expendeu idéas ainda hoje abraçadas e seguidas em todas as escholas. Não se adoptaram á risca nos novos Estatutos; em breve se conheceu o erro, que pouco depois se reparou, como em seu logar se dirá.

A execução pontual dos estatutos constitue os estragos da terceira epocha. É evidente que de leis e regulamentos deleterios só podia esperar-se a confusão e a ruina. A Junta, apreciando os resultados practicos do ensino medico ordenado nos estatutos, torna palpaveis as imperfeições de tão cahotico systema. A mistura incongruente de doutrinas, a desordem nos cursos, a esteril e ruidosa argumentação nos exercicios escholares e nos actos, tudo a Junta poz em manifesto relevo, para que abertamente se conhecesse que

em tal estado não podiam nem deviam subsistir as escholae de Medicina.

Nada ficou por dizer ou por averiguar dos defeitos inherentes ao vicioso systema de estudos universitarios. A Junta houve-se na sua tarefa com muita diligencia: foi clara na demonstração dos males, sabia e profunda na indicação dos remedios; nota-se-lhe porém com razão o pouco escrupulo que teve na indagação das causas. Atribuiu deliberadamente aos jesuitas todos os males que atrophiam as sciencias, e omittiu fallar de outras causas, que, com especialidade para a Medicina, foram indubitavelmente mais perniciosas do que todas as machinações jesuiticas. Consideramos como tal a inquisição, porque um tribunal que se impunha á consciencia, que opprimia o pensamento, perseguia e desterrava os sabios, que atirou para os carcerees e para as fogueiras com professores respeitaveis <sup>1</sup>, era a negação de todo o progresso e o mais invencivel obstaculo para o desinvolvimento intellectual <sup>2</sup>.

Os trabalhos da Junta, não obstante a sua reconhecida parcialidade, constituem o mais notavel relatorio que até hoje se tem escripto em Portugal sobre negocios de instrucção publica. Merecidos foram pois os louvores que em 2 de setembro de 1771 lhe dispensou o Soberano, merecida foi tambem a confiança com que a honrou, encarregando-a de proseguir na ardua tarefa do plano dos cursos scientificos e dos novos Estatutos.

Na consulta que subira com o *Compendio Historico* á presença d'el-rei, dizia a Junta que nos estatutos velhos «não havia cousa «alguma que se podesse aproveitar para objecto de reforma <sup>3</sup>». Ora, como se aproximasse a epocha da abertura das aulas, e fosse impossivel pela estreiteza do tempo coordenar para então novos pla-

<sup>1</sup> Temos noticia de Antonio Homem, queimado no Terreiro do Paço em Lisboa, em 3 (ou 5?) de maio de 1624, de cuja sentença vimos uma copia entre os manuscriptos da bibliotheca da Universidade, e de Antonio Francisco Caldeirão, que soffreu igual supplicio em 22 de março de 1632.

<sup>2</sup> Duas vezes sómente em todo o *Compendio Historico* se encontra nomeada a inquisição nas pagg. 3 e 66 da edição de formato grande, e em ambas as passagens se inflige aos jesuitas o stigma de denunciantees perante o terrivel tribunal.

<sup>3</sup> Em termos mais explicitos manifestou a Junta a mesma idéa no *Compendio Historico*, parte 1.<sup>a</sup>, § 63, clausula 3.<sup>a</sup>

nos de estudos e novos regulamentos; e como tambem se tornasse de instante necessidade acabar com o simulacro de escholas, que eram o descredito da Universidade e a vergonha da nação, providenciou opportunamente o governo, ordenando por aviso de 25 de setembro de 1771 ao vice-reitor, fr. Pedro Thomaz Sanches, que não procedesse em outubro ao juramento e matriculas, determinadas nos estatutos antigos, cujo effeito el-rei havia por suspenso.

O velho instituto de D. João III tinha chegado ao termo de seus dias: a ultima providencia para a suspensão das matriculas foi tambem o signal derradeiro da sua existencia. Seguiu-se depois, por um anno completo, extranho silencio no deserto alcaçar das sciencias: as salas e os geraes universitarios permaneceram fechados, para sómente se abrirem ao raiar o primeiro esplendor da futura restauração litteraria.

## PARTE PRIMEIRA

### CAPITULO I

#### Estatutos Medicos

A Junta de Providencia Litteraria tinha patentado a lastimosa ruina em que se achava o ensino das sciencias na Universidade. Do exame que fizera para conhecer o estado da instrucção colligira que a viciosa legislação dos estatutos velhos era a causa immediata do desleixo, da confusão e da ignorancia que simultaneamente infestavam as escholas. Por isso, ao desenrolar perante el-rei os estragos nas letras e nas sciencias, afirmou em conclusão «que nada havia nos dictos Estatutos que fosse objecto de reforma; que, para se lhe opporem os remedios contrarios, se deviam proscrever e abolir inteiramente, sem que d'elles ficasse algum vestigio como se practicava com a peste<sup>1</sup>.»

Formar pois novos planos de estudos, coordenar estatutos e regulamentos adequados ao espirito da epocha, ás necessidades e decoro da nação; era empreza que reclamava da Junta cuidados instantes. No *Compendio Historico* tinha ella demonstrado com profundo conhecimento e clareza quaes os preparatorios indispensaveis á instrucção superior, quaes as doutrinas, precedencia de estudo e methodos de ensino que se deviam adoptar na constituição das Faculdades Academicas. Importava porém desenvolver

<sup>1</sup> *Compendio Historico*, part. 1, § 63.

as particularidades, e reduzir a artigos de legislação o que estava concebido em planos geraes, e exposto em forma de relatorio. Applicou-se a Junta com todo o desvelo a executar esta difficil parte da sua commissão. Com tal acerto e boa vontade dirigiu os seus trabalhos, que antes de um anno apresentou o mais notavel codigo de legislação universitaria que até então se conheceu em todas as nações civilisadas. É este o famoso e com razão celebrado corpo de—*Estatutos da Universidade de Coimbra, compilados debaixo da immediata e suprema inspecção de el-rei D. José I, pela Junta de Providencia Litteraria, creada para a restauração das sciencias e artes liberaes*. Esta obra monumental, vulgarmente conhecida pela designação de novos Estatutos da Universidade, obteve sancção regia e força de lei por carta de roboração de 28 de agosto de 1772.

Em tres livros se contém os novos Estatutos, e é esta a primeira e a mais geral divisão de toda a obra. Encerra o primeiro as disposições relativas ás sciencias theologicas, o segundo ás juridicas; e o terceiro, que mais interessa a nosso proposito, refere-se á constituição e regimen das tres Faculdades de naturaes. Das tres partes que formam o livro terceiro pertence a primeira á Faculdade de Medicina, e as duas seguintes ás de Mathematica e de Philosophia. Extractaremos dos Estatutos quanto baste para se conhecer qual a organização do curso de sciencias medicas, instituido pela nova restauração.

## TITULO I

### Da preparação para o curso medico

**CAP. II**—O estudante que houver de cursar Medicina deve primeiro adquirir conhecimento claro da lingua latina, e quanto baste da grega de modo que a entenda com sufficiencia e desembaraço. É para desejar, mas não se torna obrigatorio, que se instrua tambem nas linguas vivas da Europa, principalmente na franceza e ingleza.

Estudará durante um anno ou particularmente, ou em alguma eschola publica do reino, ou na cadeira especial da Universidade, um curso de philosophia racional e moral.

Com a certidão de approvação nos exames de latim e de logica

pode o alumno passar para os cursos das sciencias auxiliares da Medicina, e requerer matricula no primeiro anno das Faculdades de Mathematica e de Philosophia. A certidão de approvação em grego é dispensada até ao fim do segundo anno do curso medico.

#### Preparatorios das sciencias auxiliares

Por tres annos deve demorar-se o alumno no estudo das sciencias naturaes e auxiliares da Medicina, frequentando em cada anno um curso na Faculdade de Mathematica e outro na de Philosophia.

No primeiro anno estudar á arithmetica, geometria e trigonometria plana na 1.<sup>a</sup> aula de Mathematica, e a historia dos tres reinos da natureza na Faculdade de Philosophia. Tendo feito exame d'estas materias no fim do curso, e sabindo approvado, passará

No segundo anno a estudar algebra elementar, principios de calculo infinitesimal directo e inverso, na aula do segundo anno mathematico, e physica experimental na terceira cadeira de Philosophia. Obtida a approvação nos actos d'estas doutrinas, seguirá o alumno para

O terceiro anno, em que tem de cursar no terceiro anno mathematico phoronomia, ou a sciencia geral do movimento com a sua applicação á mechanica, statica, dynamica etc., e chimica na quarta cadeira de Philosophia. Se alcançar approvação nos actos finaes, ficará habilitado para requerer matricula no primeiro anno do curso medico, comprovando por certidão que tem dezoito annos de idade.

### TITULO II

#### Tempo, disciplinas etc. do curso medico

CAPP. I e II — Todas as disposições dos novos estatutos são acompanhadas de excellentes e bem pensadas considerações, que tem por fim justificar e esclarecer a parte preceptiva, e até por este modo se ordena que seja de cinco annos o curso medico. Ha porém alguns capitulos em que similhantes considerações constituem parte integrante e essencial da lei. Taes são as que se contêm no capitulo que se inscreve — *Da eschola medica e suas disciplinas; e da attenção que ha de haver na escolha dos auctores pelos quaes se deve ensinar.*

Antes de tractar especificadamente da ordem dos cursos e forma dos actos quiz o legislador assignalar qual o character distinctivo do ensino medico em geral na eschola da Universidade depois de reformada. Persuadido de que os conhecimentos adquiridos só pela experiencia são tardos e embaraçosos, e de que a especulação e o puro racionalismo conduzem a paralogismos, que são na practica o flagello da humanidade, proscreve o empiricismo, desterra o puro racionalismo, e manda que se conserve sempre o meio termo entre os dous extremos reprovados. Dá indicações para isto se conseguir, e, tendo assim mostrado qual deva ser o verdadeiro caminho no estudo, designa as disciplinas que entram no curso completo de Medicina. Ordena que no ensino da arte de curar se comprehenda a pathologia e a therapeutica das doenças tanto internas como externas; eguala em honras e prerogativas o medico e o cirurgião, e impõe rigoroso silencio aos fautores do divorcio entre a medicina e a cirurgia. Para confirmar e tornar mais claros, com um exemplo, as disposições geraes, que devem caracterisar o ensino medico da Universidade, acrescenta no § 11.º estas significativas expressões: — «Todas as disciplinas se ensinarão, sem adhesão a systema algum; mas imitando quanto possível fôr o methodo dos geometras tanto synthetico, como analytico, conforme a natureza das materias o pedir, e olhando sempre para os principios demonstrados na *physica*, *mechanica* e *hydraulica*; porque é evidente que as propriedades medicinaes dos remedios não são virtudes occultas, mas consequencias que resultam das suas propriedades physicas, e que nem o remedio ajuda nem a materia morbifica offende, senão por uma acção mechanica empregada e applicada nas differentes partes do corpo, cuja acção e mechanismo se deve entender, para se discorrer e practicar com acerto 1.»

Recommenda em seguida o legislador que as lições se façam pelos melhores autores que tiverem escripto d'um modo elementar e abreviado, mas cheios de doutrina; e ordena que nenhum auctor nacional ou estrangeiro seja fixamente adoptado para as lições de Medicina, mas que se tenha sempre provisionalmente o

1 As idéas theoreticas acima expostas, sobre pathogenia e pharmacodynamia são a genuína e a mais sublime expressão do systema iatro-mechanico de Hoffmann. Importa recordar isto quando se tractar da apreciação da Reforma.



que for adoptado para o dicto fim, em quanto não apparecer outro na mesma materia que se julgue mais perfeito.

**CAP. III**— Com seis cadeiras para serem regidas por outros tantos lentes proprietarios mandam os novos Estatutos constituir a Faculdade de Medicina. Estabelecem que haja dous lentes substitutos, e dous demonstradores, um para a cadeira de materia medica e pharmacia, outro para a de anatomia, operações, e arte obstetricia.

**CAP. IV**— De outubro a junho se mandam continuar as leituras em todos os cursos, havendo aulas todos os dias excepto nos domingos e quintas feiras e nas ferias do natal, entrudo, e paschoa. Para os actos destinam-se os mezes de junho e de julho.

### TITULO III

#### Da distribuição das lições pelos annos do curso medico

##### Lições do primeiro anno

**CAP. I**— Materia medica e pharmacia são as disciplinas que os Estatutos mandam ensinar no primeiro anno de Medicina. Quanto póde desejar-se para encaminhar o professor na regencia da cadeira, e instruir os discipulos no verdadeiro conhecimento da sciencia, tudo em 32 artigos se acha desenvolvido nos Estatutos. No 10.º, que é como que um resumo dos antecedentes, prescreve-se: «Em todas as lições de materia medica terá o lente grande cuidado em satisfazer aos dous pontos capitaes, em que consiste a sua obrigação; o primeiro é fazer que os seus discipulos adquiram o conhecimento ocular de todos os productos da natureza que tem uso na Medicina, etc.: O segundo mostrar as virtudes e usos medicinaes que nos dictos productos se têm descoberto, os meios por onde se descobriram, etc.» E proseguindo na indicação dos meios por que se deve aperfeiçor e ampliar o conhecimento da materia medica, encommenda-se ao professor que acautele os alumnos «contra as virtudes decantadas de certas pedras raras e peregrinas, e de muitas preparações secretas, elogiadas por quem interessa em as vender.» E em continuação no artigo 2.º achamos: «o professor fará todo o possivel por plantar logo desde o principio nos animos dos seus discipulos as idéas de exactidão rigó-

«rosa, e de probidade, com que se deve proceder em materia de «tão grandes consequencias etc.» Completam as prescripções sobre o ensino do primeiro anno o que pertence ás lições de pharmacia e ás operações practicas, indispensaveis para se adquirir inteiro conhecimento da arte.

#### Das lições do segundo anno

CAP. II.— Ensinar-se-ha no segundo anno primeiramente anatomia humana, e o que possivel for da comparada, em cujo estudo se deverão empregar quatro a cinco mezes. Ter-se-ha depois um curso de operações chirurgicas desde a sangria até á mais difficil e delicada operação; e por fim se explicará tudo o que pertence á arte obstetricia. As regras prescriptas em 31 artigos para o estudo da anatomia e de operações, a insistencia com que se recommenda a practica incessante d'uma e outra disciplina, são tendentes a formar bons anatomicos e bons operadores. Para que o ensino prospere e possa dilatar-se a instrucção dos alumnos determina-se que o theatro anatomico esteja provido de todos os instrumentos e utensilios necessarios para trabalhos practicos, e que não falem desenhos, estampas coloridas, corpos artificiaes, esqueletos, e preparados anatomicos. É notavel o pleno poder que no artigo 12 os Estatutos concedem ao reitor e á Congregação de Medicina «para, «na falta de cadaveres no hospital, fazerem conduzir para o theatro «anatomico quaesquer outros, e para obrigarem a consentir nisso «a todas e quaesquer pessoas; procedendo-se contra os rebeldes «como inimigos do bem publico, e fautores de preoccupações que «tanto damno têm causado á Medicina, e á saude e vida dos ho- «mens.»

#### Das lições do terceiro anno

CAP. III.— Instruidos os estudantes medicos nas disciplinas, até agora recommendadas, «passarão no terceiro anno do seu curso a «estudar a *theorica medica*, que se funda nos principios estudados «nos primeiros dous annos, combinados com os principios da *phy- «sica* e *mathematica*, que houverem aprendido. A *theorica medica* «se encerra no curso de *Instituições*, ás quaes deverão applicar-se «os estudantes com assiduidade e diligencia, sendo manifesto que «uma boa *theorica* é a alma da medicina.— Por esta razão cuidará o «lente em fixar bem no intendmento dos ouvintes as regras par-

«ticulares do methodo para o estudo medico; as quaes devem conformar-se ao espirito das regras geraes, estabelecidas pelo cavalheiro Newton para a philosophia natural, regras fixas e seguras pelas quaes se devem dirigir todos aquelles que procuram a verdade, etc.» O curso de Instituições comprehende o estudo de physiologia, principios de pathologia geral e semeiotica, hygiene, e therapeutica. Para que se conheça quão uteis são todas as considerações sobre o ensino d'estas disciplinas, apontaremos apenas as que se referem á hygiene. «Esta é a parte mais importante da medicina... por estudar e ensinar as regras que se devem guardar para a conservação da saude; objecto que, além da sua grande importancia, tem a vantagem de se poder melhor conservar, pois que é mais facil conservar a saude, do que restituil-a depois de perdida. — Pelo que encarrego gravemente ao lente que nesta parte se não deixe levar pelo nocivo exemplo dos institutarios modernos, que tractam da hygiene superficial e perfunctoriamente como se fosse cousa alheia da medicina; e lhe ordeno que tracte fundamentalmente esta materia, como requer a sua importancia, etc.» Os estudantes do terceiro anno serão obrigados a assistir ás lições de medicina e cirurgia practica nas cadeiras de clinica no hospital.

#### Das lições do quarto anno

CAP. IV — Pelos *Aphorismos* de Hippocrates mandam os Estatutos começar as lições no quarto anno, fazendo o lente entender bem o sentido genuino de cada um dos aphorismos, mostrando a razão em que se funda, e explicando os differentes casos em que cada um pode ter logar. Acabado este pequeno curso de regras geraes, passará o lente ás regras particulares das doenças, e, porque se não conhece d'esta materia nenhum tractado mais accomodado ás lições academicas do que os *Aphorismos* de Boerhaave<sup>1</sup>, por elles fará o lente as suas lições emquanto não houver outro mais completo.» Recommenda-se que o lente suppra as materias que faltam nos *Aphorismos* Boerhaavianos, taes como febres exanthematicas, nervosas, etc. Depois de longas e utilis-

<sup>1</sup> Os *Aphorismos* de Boerhaave encerram um tractado breve e methodico de pathologia e therapeutica especial, escripto com muita consisão e em forma aphoristica, e por isso apto para texto das preleções academicas.

simas considerações sobre o ensino theorico da pathologia, segue-se a determinação expressa de que os estudantes do quarto anno medico assistam diariamente ás aulas de clinica no hospital.

#### Das lições do quinto anno

**CAP. V**—«O curso do quinto anno será inteiramente empregado na practica do hospital, onde os estudantes ouvirão de manhã e de tarde os lentes de clinica medica e cirurgica.» Os trinta e seis artigos dos estatutos, relativos ao ensino da Medicina practica, são um modelo acabado sobre tão melindroso assumpto. Nada esqueceu ao legislador. Seguindo o methodo de ensino instituido por Sylvio, e aperfeiçoado por Boerhaave, attendeu por tal modo a todas as particularidades, que ainda a experiencia não fez sentir a necessidade de novos preceitos.

### TITULO IV

#### Dos exercicios litterarios do curso medico

Os alumnos deverão exercitar-se vocalmente nas lições diarias, por escripto nas dissertações mensaes sobre pontos dados pelo professor, e em trabalhos practicos dissecando e fazendo preparados anatomicos, e operando já no dispensatorio pharmaceutico, já no hospital, que tem de frequentar desde o principio do terceiro anno até o fim da formatura.

### TITULO V

#### Dos exames, actos e grãos

Os estudantes dos primeiros quatro annos do curso medico deverão fazer actos ou exames das materias que estudaram perante um jury de quatro membros. A approvação nas disciplinas de cada anno é condição impreterivel para a matricula no immediato. Em cada um dos quatro primeiros annos versará o primeiro argumento sobre uma dissertação, que o estudante ha de compor, e entregar com anticipação ao presidente do jury; os tres argumentos seguintes recahirão em materias que designarem os pontos tirados

á sorte vinte e quatro horas antes do acto. Os alumnos do primeiro e segundo anno são obrigados além do acto theorico a um exame de practica, no primeiro anno sobre operações pharmaceuticas, e no segundo sobre anatomia. Com a approvação no acto do quarto anno tomará o estudante o gráo de bacharel. O acto do quinto anno é todo practico e á cabeceira dos enfermos. Por espaço de vinte dias deverão os estudantes observar certo numero de doentes a respeito dos quaes expenderão o seu juizo por escripto, notando as causas, symptomas, diagnostico, e therapeutica das doenças, dando a rasão de tudo. «E do mesmo modo farão os estudantes em voz «clara todos aquelles raciocinios e combinações que os professores «costumam fazer á cabeceira dos enfermos.» Ao acto do quinto anno assistirão todos os membros da Faculdade: todos votarão no fim dos vinte dias sobre o merito dos examinados. Dous votos de exclusão bastam para que o estudante fique réprovido. Se alcançar a approvação, concluiu a formatura, e pode exercer a Medicina em qualquer parte dos dominios portuguezes. Querendo obter os grãos superiores tem de frequentar por mais um anno a Universidade, ouvindo as lições nas cadeiras de instituições e de Aphorismos. No fim do anno ha de defender num acto de conclusões magnas uma dissertação inaugural e theses sobre todos os ramos da Medicina; e depois fará um exame privado das materias que frequentou no sexto anno, exame a que só poderão assistir os membros da Faculdade, e no qual argumentarão seis em dous turnos. Se o estudante sahir approvedo, conferir-se-lhe-ha o gráo de licenciado, e ficará habilitado para receber o gráo de doutor.

## TITULO VI

Do hospital, officinas, e partidos, pertencentes  
á Faculdade de Medicina

CAP. I—«É necessario que um hospital, hem regido e administrado, se considere como estabelecimento essencial da Faculdade, e como a melhor cadeira de Medicina. E porque o hospital da cidade, além de estar situado em logar baixo e humido, «é regido e governado por uma administração independente da «Faculdade, e que não entra nas vistas do ensino publico... faz-se «necessario que a Universidade tenha um hospital proprio, etc.»

Seguem-se depois as condições como se deve instituir o hospital e o regimen para admissão dos doentes, etc.

CAP. II—«O theatro anatomico é depois do hospital o estabelecimento mais necessario e essencial da Faculdade: porque, sendo a anatomia a base de toda a cirurgia e Medicina, e não sendo possível que se aprenda verbalmente nas aulas... é consequentemente necessario que haja um lugar destinado para as lições practicas com todos osapparelhos e requisitos que ellas demandam.»

E prosegue mandando estabelecer o theatro anatomico em uma das salas do mesmo edificio do hospital, e indicando o que nelle se deve conter, etc.

CAP. III—«Pedindo a boa administração do hospital que juncto d'elle haja uma botica, na qual se preparem os remedios, e sendo muito conveniente que os estudantes medicos se exercitem nas operações da pharmacia, e que na mesma botica se criem tambem boticarios de profissão... hei por bem ordenar que no mesmo edificio do hospital, ou juncto d'elle, se estabeleça um *dispensatorio pharmaceutico* com a capacidade e requisitos necessarios.» Continuam-se as instruções para o bom regimen da botica, etc.

CAP. IV—Revoga-se n'este capitulo a antiga legislação sobre partidos para os estudantes medicos e boticarios, e criam-se de novo vinte e quatro partidos para os estudantes de Medicina, e dez para os alumnos de pharmacia. Regula-se o modo como devem ser distribuidos, etc.

## TITULO VII

### Do Conselho Medico

«Para que melhor se consiga a inteira observancia de todos os regulamentos, ordenados para o estudo da Medicina e da cirurgia, e haja sempre uma vigilancia continua sobre este objecto, hei por bem crear um conselho com o nome de *Congregação da Faculdade de Medicina*, o qual intenda sobre a observancia dos Estatutos, etc.»

Determinam-se as attribuições do Conselho, as do director e fiscal da faculdade, e as obrigações dos censores e secretario.

Taes são em resumo os estatutos com que na restauração das sciencias foi instituida a Faculdade de Medicina.

## CAPITULO II

### Preliminares para a execução dos novos estatutos medicos

Fôra mister muito saber e experiencia, e ao mesmo tempo ingenho e contensão de espirito, para que os novos planos de estudos sahissẽ completos, e bem combinados desde as primeiras e mais geraes divisões até á individuação de minimas particularidades. Os methodos de ensino principalmente, a distribuição das disciplinas, e todo o regimen escholar haviam sido acabados com muito esmero. Apezar de tudo a restauração das sciencias carecia ainda de esforços perseverantes. Restava passar das concepções da intelligencia aos factos, e realisar na prãctica o que se mostrava no desenho.

Esta parte da empreza, até o ponto de cabal execução, era tarefa de muitas difficuldades. Nas reliquias da velha Universidade tudo estava gasto, velho e caduco; e a instituição das novas escholas requeria elementos novos para surtir o effeito desejado. Remover os destroços do passado, que não podiam servir para edificação no presente, nem de esperanza no futuro, era o primeiro embaraço e não pequeno, mas condição essencial para o bom exito, porque d'este preparo nos alicerces pendia a solidez e o regular seguimento da obra. Anteviam-se depois embaraços de outra ordem inherentes á immediata execução dos mesmos planos de estudos. E como alem d'isso tudo indicava a possibilidade de surgirem occorrencias imprevistas, que, se esperassem pela resolução d'el-rei, causariam demora prejudicial, para encurtar difficuldades, resolveu o monarcha mandar a Coimbra o seu primeiro ministro, investido de amplos poderes, a fim de providenciar opportunamente para todas as necessidades. No dia em que foi assignada a carta de

roboração dos novos Estatutos, pela qual ficou abolida inteiramente a antiga legislação universitária, nesse mesmo dia se expediu ao Marquez de Pombal carta regia, em que el-rei lhe ordenava «passasse á Universidade, e fizesse restabelecer nella as artes e sciencias, obrando em tudo como seu logar-tenente com jurisdicção «privativa, exclusiva e illimitada, etc. <sup>1</sup>.»

Em 15 de setembro de 1772 sahiu de Lisboa o Marquez de Pombal para desempenhar, como logar-tenente d'el-rei, a importante missão de restaurador das sciencias. No dia 22 pelas cinco horas da tarde chegou a Coimbra acompanhado de numerosa comitiva. Desvelou-se a cidade em pompas, para receber tão illustre hospede com as honras devidas á dignidade da pessoa e á elevação do cargo. De Almeida tinha vindo um troço de tropa engrossar a força publica de Coimbra, para que o apparatus da milicia fortificasse a auctoridade do Marquez, e imprimisse respeito solemne a seus actos. As felicitações que no dia seguinte lhe apresentaram as communitades e as pessoas notaveis da terra, não o desviaram de começar logo a intender nos preparativos da Reforma. Tirou informação do pessoal docente e dos aspirantes ao professorado; nomeou para algumas collegiaturas sujeitos de reconhecido mere-

<sup>1</sup> Honrado Marquez de Pombal, etc. Hei por bem ordenar-vos, como por esta vos ordeno, que passando á Universidade façaes nella restituir, restabelecer as artes e as sciencias contra as ruinas em que se acham sepultadas; fazendo publicar os novos estatutos, removendo todos os impedimentos, e incidentes que occorrerem contra a prompta e fiel execução d'elles. A estes fins usareis não só de todos os poderes que foram concedidos a vosso quinto avô Balthazar de Faria, primeiro visitador reformador da dicta Universidade pelo alvará da dicta commissão expedido em 11 de outubro de 1555, que serviu de norma aos outros reformadores, que depois foram mandados á mesma Universidade pelos senhores reis meus predecessores, mas tambem de todos os mais poderes que os dictos senhores reis costumavam reservar para si; delegando-vos os que para os sobredictos fins me pertencem como protector da mesma Universidade, e como rei e senhor soberano; e concedendo-vos, como concedo sem reserva, todos aquelles que considereis necessarios, segundo a occurrencia dos casos, assim em beneficio do dicto estabelecimento, como a respeito do governo litterario e economico da mesma Universidade em todas as suas partes; obrando em tudo como meu logar-tenente, com jurisdicção privativa, exclusiva e illimitada para todos os sobredictos effeitos, etc.

Carta regia de 28 de agosto de 1772 para o Honrado Marquez de Pombal, (tirado do original do archivo da Universidade.)



cimento, a quem depois, no acto de lhe agradecerem o beneficio, estimulou com o incentivo de honrosas expressões. No dia 26 tomou solemnemente posse do cargo de logar-tenente d'el-rei na nova fundação da Universidade. A ostentação e a grandeza com que este acto foi celebrado, cercaram o representante do monarcha com o prestigio da realza<sup>1</sup>. Repetiu-se egual cerimonia no dia 29, em que teve logar a apresentação e publicação dos novos Estatutos; desde então entraram os trabalhos da Reforma na sua phase de maior actividade.

Como pela carta de roboração dos novos Estatutos foram os velhos completamente revogados, cessou a antiga instituição das cadeiras e das escholas, e o corpo cathedratico ficou sem occupação. Os lentes das Faculdades positivas, que por conveniencia do ensino e utilidade da sciencia ficavam excluidos da Universidade, facilmente se podiam accomodar nos empregos civis e ecclesiasticos para que tivessem alguma aptidão. Não acontecia porém outro tanto com os lentes de Medicina, que, privados do exercicio do professorado, só achariam arrimo nos partidos camararios, onde o governo não tinha immediata ingerencia para os collocar. Obviou a estas difficuldades o Marquez de Pombal com a seguinte ordenação, passada em 28 de setembro: «Hei por serviço de Sua Magestade jubilar nas cadeiras extinctas da Faculdade de Medicina, «que até agora regeram, a saber:

O dr. Alvaro Antunes das Neves . . . . .	na de Prima
O dr. Antonio Amado de Brito . . . . .	na de Vespera
O dr. Antonio José da Silva . . . . .	na de Avicena
O dr. Francisco Lopes Teixeira . . . . .	na de Anatomia
O dr. José dos Sanctos Gato . . . . .	na de Cirurgia

«E que aos drs. Manuel de Miranda, Bernardo José da Costa, «Francisco Antonio Peres, Manuel Cordeiro Calhau, José das «Neves e Sousa, Antonio Gomes Macedo, Antonio José Francisco

<sup>1</sup> A relação circunstanciada da posse, escripta por pessoa da comitiva do Marquez de Pombal, póde vêr-se no *Anuario da Universidade* de 1870 a 1871, pag. 160.

«d'Aguiar e Manuel Antonio Sobral se conservem as pensões que até agora venceram <sup>1</sup>.»

Ficou d'este modo arrimado e despedido do serviço academico sem prejuizo dos ordenados todo o corpo docente da antiga Faculdade de Medicina. Quando no primeiro dia de outubro se inaugurou a abertura da Universidade com a Missa do Espirito Sancto e com a profissão de fé, compareceram os mestres que desde 11 de setembro estavam despachados para as Faculdades; só a Medicina não teve nesse dia representante. Instava pois completar o quadro dos professores universitarios com a nomeação dos lentes para esta Faculdade. Da acertada escolha que então se fizesse, d'este primeiro impulso para a restauração da sciencia, estavam pendentes os credits da Reforma e o futuro da Medicina em Portugal. Parece que se não conheciam então no reino medicos sufficientemente habilitados, de quem se podesse confiar a regencia das novas escholas<sup>2</sup>. Leva-nos a esta conjectura o facto de se não proverem todos os logares creados pelos novos Estatutos, e de se nomearem dous estrangeiros para as cadeiras de anatomia e de medicina practica. O Marquez de Pombal, que costumava imprimir nas suas obras o cunho da grandeza, contentou-se com o pessoal incompleto, que na escolha apurou para constituir a Faculdade de Medicina. Aproveitou dos professores jubilados sómente os dous ultimos conductarios, que no conceito geral se reputavam bons medicos e muito intelligentes; convidou dous portuguezes e dous estrangeiros, e

<sup>1</sup> Todos os cathedraticos occupavam os logares em que foram jubilados desde a promoção de 3 de setembro de 1759. Os tres primeiros tinham obtido a nomeação de conductarios em 28 de novembro de 1737, e a graduação de lente em 11 de outubro de 1742. Contavam portanto 35 annos de residencia na Universidade, e 30 de professorado. O cathedratico Lopes Teixeira tinha 30 annos de residencia e 21 de professor, e o dr. Sanctos Gato 21 de residencia e 18 de lente.

Os seis primeiros conductarios eram considerados como taes com o ordenado de 40\$000 réis annuaes desde 26 de janeiro de 1756: a nomeação dos ultimos dois com o ordenado de 30\$000 annuaes data de 27 de setembro de 1759.

N. B. Achei uma nota nos antigos registos de que o conductario dr. Antonio Gomes Macedo fóra nomeado para a cadeira de *Methodo* em 3 de setembro de 1759. Parece-me que o copista se enganou no registo.

<sup>2</sup> Poucos deveriam ser os medicos habilitados para ensinar Medicina, por isso que a unica eschola portugueza em que se podiam instruir estava longe de os habilitar.

distribuiu por elles as cadeiras medicas conforme a sua idoneidade, dando-lhes por auxiliar um demonstrador de anatomia. O despacho dos professores effectuou-se em 3 de outubro; e segundo as cartas de nomeação da mesma data, o quadro da Faculdade de Medicina ficou composto da maneira seguinte:

Simão Goold, lente da primeira cadeira de practica;

Antonio José Pereira, lente de instituições medico-cirurgicas;

Luiz Cichi, lente de anatomia, operações cirurgicas, e arte obstetricia;

José Francisco Leal, lente de materia medica e pharmacia;

Dr. Manuel Antonio Sobral, substituto da cadeira de instituições;

Dr. Antonio José Francisco d'Aguiar, substituto das cadeiras de practica;

José Corrêa Picanço, demonstrador de anatomia.

No dia 9 receberam o grau de doutor os quatro cathedraicos<sup>1</sup> não graduados; juraram todos a pontual observancia dos novos Estatutos, fizeram profissão de fé, e successivamente tomaram posse dos logares. Na tarde do mesmo dia 9 recitou o dr. Antonio José Pereira uma oração latina, proemio inaugural de prosperos successos aos estudos da nova Faculdade.

Já por este tempo se achavam tambem constituidas as Faculdades de Mathematica e Philosophia. Para uma e outra tinham vindo professores estrangeiros, mas em ambas estavam os quadros incompletos como em Medicina. Era do espirito dos novos Estatutos que as tres Faculdades de naturaes tivessem entre si tal solidariedade, que, auxiliando-se mutuamente, conspirassem para o engrandecimento da sciencia. É possivel que já então se pretendesse, com mais razão do que hoje, levar o mutuo auxilio até ao ponto de acudirem os membros d'uma Faculdade ao serviço d'outra. Ou fosse por este ou por outros motivos, os professores Miguel Franzini, mathematico, e Domingos Vandelli, philosopho, foram incorporados na Faculdade de Medicina no dia 12 de ou-

<sup>1</sup> A provisão de 7 de outubro determina que no dia 9 tomem o grau de doutor Simão Goold, Antonio José Pereira, José Francisco Leal, e Luiz Cichi. Consta d'um manuscrito da Secreraria da Universidade, publicado já por extracto no 1.º volume do *Instituto*, que os tres primeiros nomeados effectivamente se graduaram e tomaram posse no dia 9, e que ao professor Cichi só no dia 12 fôra conferido o grau de doutor e posse da cadeira de anatomia.

tubro, e por muito tempo depois tiveram assento nas congregações d'esta Faculdade, assim como o professor Dalla-Bella.

Após a nomeação do pessoal docente e da constituição das Faculdades Academicas, veio o decreto de 22 de outubro, que estabeleceu os ordenados para todos os funcionarios da Universidade. Ficaram subsistindo notaveis differenças nos vencimentos, não só d'umas para outras Faculdades, mas até entre as cadeiras da mesma Faculdade. Em Medicina taxou o citado decreto os serviços pela forma seguinte:

Ao lente da primeira cadeira de practica.....	600\$000
Ao lente da segunda cadeira de practica.....	550\$000
Ao lente da cadeira de aphorismos .....	400\$000
Ao lente da cadeira de instituições .....	350\$000
Ao lente de anatomia e operações.....	350\$000
Ao lente de materia medica.....	350\$000
Dous substitutos a 200\$000 cada um .....	400\$000
Dous demonstradores a 200\$000.....	400\$000
Ao bedel .....	150\$000
Somma réis.....	<u>3:550\$000</u>

Conformaram-se os lentes portuguezes com as taxas e differenças da tabella; mas os estrangeiros, *sempre difficeis de contentar*<sup>1</sup>, não soffreram que o seu merecimento fosse aferido por semelhante escala. Ao professor Simão Goold, que tinha obtido despacho para a primeira cadeira de clinica, pertenciam segundo a nova lei 600\$000 réis. A solicitar igual quantia acudiu logo o professor de anatomia Luiz Cichi, e foi-lhe deferida a petição. Por determinação de 7 de novembro se lhe concedeu o augmento de ordenado de 150\$000 réis, com que ficou igualado aos professores das outras Faculdades de naturaes seus compatriotas, «visto o muito que promettia, e o profundo conhecimento que «tinha da sua arte:» e a titulo de ajuda de custa mandaram-se-lhe dar mais 100\$000 réis.

<sup>1</sup> Os lentes estrangeiros que vieram para a Universidade em 1377 foram exigentes com el-rei D. Fernando. Os que D. João III convidou obtiveram pingues ordenados e concessões importantes. Na Reforma de 1772 appareceram tambem as impertinencias dos lentes estrangeiros.

O pessoal escolhido, embora incompleto, parecia sufficiente para satisfazer aos encargos do ensino medico; restava providenciar a respeito dos estabelecimentos e dos utensilios indispensaveis para os exercicios practicos. O Marquez de Pombal, a cuja vasta comprehensão não escapavam os meios conducentes ao bom exito da Reforma, tinha attendido com muita circumspecção para estas necessidades. A sua providencia facilitou-lhe o ensejo de os remediar convenientemente. O collegio, que fôra dos jesuitas, era edificio de tão amplas dimensões, que por si só bastava para a accommodação de todos os estabelecimentos das Faculdades de naturaes. O que importava era adaptal-o nas divisões interiores aos misteres das futuras instituições scientificas. Concedeu pois este edificio á Universidade para nelle se estabelecerem os gabinetes da Faculdade de Philosophia, e destinou o quarteirão que olha ao norte e ao poente para o hospital e mais accommodações da Medicina. Em officio de 21 de outubro participou ao reitor que tinha dado ordens ao corregedor da cidade para a mudança do hospital, e á junta da fazenda para a venda publica das casas do antigo hospital a beneficio dos enfermos; e no mesmo officio mandou ao reitor que por sua parte providenciasse para tudo se executar. Não pôde então effectuar-se a mudança; serviu de impedimento a falta de condições nosocomiaes da casa e o ruído das obras necessarias para a converter em hospital. E como os professores de Medicina se promptificassem a dar as lições de clinica e de anatomia no hospital velho, em officio de 27 de novembro mandou suspender-se a transferencia até se fazerem as obras indispensaveis. Deram-se as providencias para se terem aulas no antigo hospital da praça, onde a permanencia dos enfermos se protrahiu ainda por mais de seis annos.

Concluidos os necessarios preparativos, sobre tantos e tão diversos assumptos, para se dar execução aos novos Estatutos, despediu-se o Marquez de Pombal da Universidade na sessão solemne de 22 de outubro<sup>1</sup>, e na manhã de 24 sahio para Lisboa. Agra-

<sup>1</sup> No discurso de despedida louvou o Marquez o corpo universitario, porque «nelle se haviam já principiado a fundar os bons e depurados estudos.» E prosegue: «Este fiel testemunho de que em Coimbra achei muito que «louvar, nada que advertir, será na alta mente de Sua Magestade uma segura «caução das bem fundadas esperanças, que ha de conceber dos progressos

deceu-lhe el-rei o bom desempenho da commissão por carta regia de 6 de novembro, e continuou-lhe os illimitados poderes de logar-tenente na fundação da Universidade, para que a sua consummada experiencia e sabedoria levasse a termo a obra começada com tanto desvelo.

Ao despedir-se do corpo academico declarou o Marquez que a direcção da Universidade ficava incumbida ao digno prelado que até então a tinha governado como reitor, e que do dia da sua partida em diante a havia de dirigir como reitor reformador. Era este o insigne D. Francisco de Lemos de Faria, varão de excellentes predicados, que parece ter nascido providencialmente para desempenhar importante missão na grande empresa da restauração litteraria. Cedo lhe conheceu o Marquez de Pombal o muito que valia o seu prestimo, que esta rara perspicacia para divisar aptidões era condão natural do ministro de D. José. Por isso quando resolveu occupar-se definitivamente da reforma universitaria, o seu primeiro acto para tão momentosa obra foi assegurar a cooperação do futuro bispo de Coimbra. Confiou-lhe o cargo de reitor da Universidade em 14 de maio de 1770, deu-lhe honroso cabimento na Junta de Providencia Litteraria, e ultimamente, para estabelecer e firmar a practica dos novos planos de estudos, commetteu-lhe a execução dos Estatutos e a direcção da Universidade na qualidade de reitor reformador. Em tão elevados empregos houve-se D. Francisco de Lemos por modo, que correspondeu ás previsões e desejos do Marquez de Pombal. Collaborou efficaz-

«litterarios de uns dignos academicos, que de tal sorte preveniram as novas leis dos Estatutos com o fervor e aproveitamento dos seus bem logrados estudos.»

Effectivamente a Universidade nos ultimos annos da sua decadencia tinha sido frequentada pelas maiores notabilidades litterarias e scientificas que floresceram em Portugal na segunda metade do seculo decimo oitavo. Aspiravam então ao professorado e preparavam já grandes melhoramentos no ensino das sciencias positivas essa pleiada de vigorosos talentos, taes como Ricardo Raymundo, Antonio Ribeiro dos Sanctos, Paschoal José de Mello e outros. Parece que tudo se havia disposto e opportunamente combinado para que a reforma dos estudos prosperasse. Só para o ensino das sciencias naturaes não appareceram tantos sujeitos de engenho e sabedoria quantos se necessitavam para a regencia das escholae. Mas similhante falta não devia servir de motivo para que o Marquez deixasse de practicar um acto de reconhecida justiça louvando e animando na sua despedia os esforços dos professores benemeritos.

mente no *Compendio Historico*, teve parte principal nos planos e redacção dos novos Estatutos, e ao seu reconhecido zelo, prudencia e actividade se deve o bom andamento que desde logo tiveram os estudos e a prompta construcção dos edificios para se estabelecerem os gabinetes de sciencias naturaes. Acertada foi pois a escolha do prelado que havia de continuar a reforma inaugurada sob a suprema direcção do logar-tenente de D. José.

Era chegada a occasião de se proceder na Universidade á abertura das matriculas, e de se começar por este primeiro acto a execução da nova lei; deteve porem o reitor neste serviço de expediente uma difficuldade, para a qual não se tinha ainda attendido. Os estudos, cadeiras e cursos das novas escholas nada tinham de commum com as antigas; e por isso nenhuma correspondencia se dava entre os annos da Universidade, provados segundo a velha legislação, e os que se haviam determinado nos ultimos Estatutos. Se houvesse de observar-se rigorosamente a nova lei, raros estudantes alcançariam matricular-se nas Faculdades Academicas por falta dos exames exigidos; e os que já tinham annos de estudos universitarios ver-se-hiam obrigados a começar de novo a formatura. Para se evitar esta collisão, tomou-se o prudente arbitrio de se contar por valido e legal certo tempo de estudo aos alumnos adiantados, e nesta conformidade se regulou a abertura das matriculas, mas de modo especial para cada Faculdade. Em Medicina ordenou-se por edital de 7 de novembro que se contassem os cursos do modo seguinte:

«1.º O antigo grau de licenciado em artes valerá sómente pelo anno de philosophia racional e moral conforme os novos Estatutos, e não será contado por curso de Medicina.

«2.º Os que tiverem um anno medico provado estudarão os dous de preparatorios philosophicos e mathematicos, e no terceiro d'estes preparatorios terão tambem a matricula no primeiro medico.

«3.º Os que tiverem dous annos provados poderão matricular-se, como obrigados, nos cursos de physica e mathematica, ficando-lhes livre para no segundo anno dos dictos cursos se matricularem no primeiro de Medicina, e no terceiro dos mesmos cursos junctamente com o segundo medico;

«4.º Os que tiverem tres annos de matricula provados poderão

matricular-se no primeiro medico; os que tiverem quatro no segundo, e assim por diante; com a clausula de que todos deverão cursar geometria, physica e historia natural.»

Na conformidade das disposições contidas neste edital, se procedeu á matricula, e ficaram inscriptos para seguirem as aulas de Medicina oitenta e quatro estudantes.

Emfim, constituidas as Faculdades, tomadas cuidadosamente todas as providencias para o andamento regular das novas escholas, abriram-se os geraes universitarios, e no capitolio da sciencia brilhou a luz da restauração.



### CAPITULO III

#### Serviço da Faculdade nos onze annos consecutivos á Reforma—Primeiros estabelecimentos

Em 16 de novembro de 1772 se abriram pela primeira vez, em quatro faculdades sómente, os novos estudos universitarios. Dificuldades, que surgiram quando apressadamente se tentou a mudança do hospital, obrigaram a sobr'estar na abertura das aulas de medicina. Mas como o tempo se adiantasse, e não podesse effectuar-se desde logo a transferencia dos doentes para o collegio que pertencera aos jesuitas, entendeu-se o reitor com os professores de medicina, e accordaram em se darem interinamente no antigo hospital as lições de clinica e de anatomia. Remediasdas por este acertado accordo as necessidades instantes, mandou o prelado abrir o curso medico, o que teve logar em 23 de novembro conforme a melhor conjectura <sup>1</sup>.

Dos 84 estudantes matriculados em medicina pertenciam 46 ao primeiro anno, 25 ao segundo, 12 ao quinto, e 1 ao sexto. Tudo persuade que nas aulas de materia medica, de anatomia e de clinica se começaram e proseguiram os trabalhos academicos com a possivel regularidade. E com quanto á matricula do terceiro e quarto anno não concorressem alumnos, parece-nos todavia que os lentes de Instituições e de Aphorismos explicaram as materias das suas respectivas cadeiras, como se tivessem ouvintes obrigados <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Não achei documento donde constem as particularidades a respeito da abertura das aulas e da continuação de estudos, etc. O que deixo relatado é deduzido da correspondencia official do Marquez de Pombal, e nomeadamente dos officios de 16 e 27 de novembro de 1772.

<sup>2</sup> O insigne Francisco Tavares, que se achava então repente, provou o

Determinavam os Estatutos que as Instituições e Aphorismos de Boerhaave servissem de texto para as lições nas cadeiras theoricas do terceiro e quarto anno; e além d'isto recommendavam aos lentes de medicina «que não mudem facilmente de Boerhaave «para outro, sem ponderarem, e discutirem por miudo as vantagens que d'isso podem resultar.» Observou-se a lei pontualmente, e tão respeitadas foram as duas obras principaes do celebre professor de Leyde, que por ellas se explicou durante muitos annos a physiologia, a semeiotica e a hygiene, a pathologia e a therapeutica.

Não ficou expresso na lei de quaes compendios se devia desde logo usar, nas aulas do primeiro e do segundo anno, para as lições de materia medica e de anatomia; importava por isso ao conselho da Faculdade providenciar sobre tal omissão. Das providencias, que a este e outros respeitoes se tomaram perdeu-se com o tempo a lembrança; é porém muito provavel que, embora se adoptassem alguns livros para texto, se seguisse nas leituras a ordem das materias, indicada nos Estatutos.

A primeira e mais remota noticia de se ter occupado a Faculdade na escolha de compendios acha-se na acta da congregação de 25 de novembro de 1774. D'alli consta que fôra então approvado para texto na aula de anatomia o tractado elementar d'esta sciencia composto por Heyster<sup>1</sup>. Não se refere que na mesma ou

curso do sexto anno, o que não podia acontecer senão tendo assistido diariamente ás lições theoricas nas cadeiras do 3.º e do 4.º anno. Deviam ter frequentado estas lições os estudantes que andavam matriculados no 5.º anno.

<sup>1</sup> A anatomia tinha progredido consideravelmente nos ultimos quarenta annos, e o *Compendium anatomicum* de Heyster publicado em 1717 não continha os recentes descobrimentos. Apesar de tudo era ainda considerado como obra classica para o estudo da sciencia, não só por comprehender todas as partes da anatomia, como tambem pela concisão, clareza e verdade, qualidades que lhe grangearam grande reputação.

Já então havia outras obras que talvez se devessem preferir para o ensino. A circumstancia de serem escriptas em lingua vulgar, a cujo conhecimento se não obrigavam os alumnos, devia concorrer para se dar a preferencia ao livro de Heyster escripto em latim. Parece-nos que foi este o primeiro compendio por onde se explicou a anatomia na Universidade depois da Reforma. Nos dous annos que precederam a escolha do livro temos que não houve texto obrigado, e que o professor fez as prelecções, seguindo o programma geral recommendado nos Estatutos. Na cadeira de materia medica devia provavelmente acontecer o mesmo.

em outra sessão tractasse o Conselho de escolher um livro para o estudo da materia medica; por onde se pode conjecturar que continuaram as lições no primeiro anno como tinham começado em 1772.

Do que ficou inteira noticia foi do cuidado com que o Marquez de Pombal procurava instituir os exercicios practicos na aula de anatomia. Em officio de 2 de março de 1773 dizia ao reitor «não tardarão ao dr. Luiz Cichi os instrumentos anatomicos e cirurgicos.» Tardaram porém e de modo que só vieram a servir no fim do anno lectivo, como se vê do officio de 30 de junho, em que o marquez se regosija «pelos bons principios que já tinha dado ás operações e demonstrações anatomicas o lente Luiz Cichi, e pelo fervor com que a mocidade se applicava.» Em pleno estio, e já nos ultimos dias de aula escasso desenvolvimento podiam ter os exercicios practicos no cadaver. Inauguraram-se os trabalhos anatomicos e operatorios, e deu-se por amostra no fim do anno este grande melhoramento da Reforma. Assim o julgou o Conselho da Faculdade em congregação de 12 de julho de 1773, a primeira e unica de que ficou memoria naquelle anno lectivo; por quanto decidiu que «no primeiro e segundo anno se fizessem tão sómente actos theoreticos, visto os estudantes não terem recebido instrucção practica por falta de dispensatorio pharmaceutico e de theatro anatomico.» E de facto só houve exames theoreticos do primeiro e segundo anno. Os estudantes do quinto pediram para fazer acto; foi-lhe indeferida a petição «por utilidade publica e honra da Faculdade.» Mandaram-nos estudar por mais um anno materia medica, anatomia, geometria, physica e medicina practica.

Assim correram os trabalhos do primeiro anno escolar depois da Reforma. Quando principiaram novamente as lides academicas recebeu o reitor aviso do Marquez de Pombal «de que ficava esperando a proposta para o provimento das cadeiras e substituições de medicina.» Já por este tempo devia estar impossibilitado do serviço o professor de clinica Simão Goold; e como o quadro da Faculdade se achava incompleto desde a sua instituição, era de urgente necessidade augmentar o pessoal. Ou porque as propostas do reitor não agradassem, ou porque o Marquez resolvesse adiar as nomeações, disse em carta de 15 de novembro «que era melhor nomear, segundo o merecimento, os lentes para as cadeiras nas

«quatro Faculdades» e foi espaçando as promoções na de medicina até o fim de maio de 1776. Com a aposentação do dr. Simão Goold em dezembro pouco mais ou menos de 1773<sup>1</sup>, ficou a Faculdade reduzida a tres cathedaticos, dous substitutos e ao demonstrador de anatomia. É de crer que para não haver faltas no serviço começasse em outubro a reger as duas cadeiras de practica o substituto, dr. Antonio José Francisco d'Aguiar, que cumulativamente as regeu por mais de quatro annos.

O pessoal docente, embora diminuto, obviou por então ás necessidades do ensino, e sustentou os creditos de Reforma. Tão boa estreia tiveram neste anno lectivo os trabalhos anatomicos, que mereceram especiaes louvores do ministro reformador em carta de 25 de fevereiro de 1774. Não se extendiam elles ao professor da cadeira, antes na mesma carta o manda o ministro reprehender por não ter a devida assiduidade; e fallando de certos instrumentos, accrescenta que «estariam promptos se o dr. Cichi não tivesse re-«provado alguns, feitos conforme aos modelos dados por elle.» Para que os alumnos podessem exercitar-se na practica das disseccões, ordenou-se, na mesma data de 25 de fevereiro, á Relação e Caza do Porto que mandasse remetter para o theatro anatomico em Coimbra os cadaveres dos justificados.

Não tiveram equal desenvolvimento os exercicios practicos na aula de materia medica e pharmacia. Empenhava-se o lente no adiantamento dos discipulos; mas em quanto se não fundasse o dispensatorio, decretado nos estatutos, era escúsado planear trabalhos escolares de pharmacotechnia. Por isso os exercicios practicos não podiam ir além da demonstração das substancias medicinaes feita pelo professor durante as preleções academicas. Assim continuaram, até que em 1779 se estabeleceu definitivamente o dispensatorio pharmaceutico.

Os beneficios da reforma cedo chegaram aos enfermos que recorriam á caridade do hospital. Sob a direcção clinica dos novos lentes melhoraram immediatamente algumas condições d'aquelle estabelecimento. Estes bons principios levaram o reitor a solicitar que se entregasse á Faculdade de Medicina a administração dos

<sup>1</sup> O professor Simão Goold recebeu os ordenados por inteiro até o fim de dezembro de 1773. Acha-se mencionado nas folhas dos vencimentos com a nota de aposentado e recebendo só metade do ordenado desde o 1.º de janeiro de 1774.

tres hospitaes da cidade, geral, de convalescença e de S. Lazaro. Prompto e favoravel despacho teve a petição do reitor. Em 13 de abril de 1774 lhe annunciou o ministro que estayam passadas duas provisões, tendentes a satisfazer á sua requisição. Pouco tempo depois achava-se reunida em uma só, e a cargo da Faculdade de Medicina, a administração dos hospitaes de Coimbra.

Entre as muitas occupações que entretiveram o Conselho da Faculdade nenhuma lhe mereceu maior consideração nem trouxe maiores cuidados do que a administração dos hospitaes. Redundaram em prosperidade todos os desvelos empregados naquelle humanitario instituto durante a epocha que vamos historiando. Na regularidade do serviço, limpeza e accio das officinas, e no agasalho dos doentes foram sensiveis os melhoramentos, e para tudo chegavam as rendas proprias da caza. Mais tarde cresceu o numero dos doentes, e como não cresceram proporcionalmente as rendas, a severa economia e os cuidados vigilantes dos administradores não conseguiram evitar a penuria, como em seu logar contaremos.

Não era só a regencia das cadeiras e a administração dos hospitaes que estava a cargo da Faculdade de Medicina; cumpria-lhe tambem interpor o seu voto sobre os livros medicos que houvessem de se imprimir, assim como examinar quaesquer remedios de composição desconhecida, que os descobridores ou inventores pretendiam inculcar ou expor á venda.

Nas primeiras congregações de 1774 appareceram requerimentos pedindo licença para a impressão das seguintes obras :

De Jorge Rei e companhia . . . . .	{	Aviso ao publico de Tissot.
De José Camillo . . . . .	{	Resposta ás reflexões do dr. Manuel Gomes de Lima.
De Manuel de Moraes Soares . . . . .	{	Historia morbi particularis.
De Manuel Coelho Amado . . . . .	{	Materia medica sobre o novo invento do especifico remedio de curar canceros.
De Vicente Fereira de Moraes . . . . .	{	Tractado da enfermidade dos ossos.
De Antonio Rodrigues Portugal . . . . .	{	Methodo de conhecer e curar as feridas.

De Juiz Antonio Alfeirão . . . . .	}	Tractado das operações cirurgicas de <i>Sharp</i> .
De Thomé Evaristo Vidal . . . . .		Saude dos litteratos de <i>Tissot</i> .
De José Gomes Pires . . . . .	}	Traducção portugueza da cirurgia de <i>Elias Col</i> .
Do dr. Balthazar de Tara . . . . .		Methodo do uso dos pós febrifugos (os quaes pós apresentou numa caixa).

O pessoal da Faculdade era então insufficiente para satisfazer ás obrigações do ensino e aos encargos da censura. Ponderou o prelado ao governo as accumulações de serviço e a necessidade de se proverem os logares vagos. Respondeu o Marquez de Pombal em 12 de março de 1774 «que não tinham ainda apparecido tantos sujeitos habeis para as respectivas cadeiras, quantos se requeriam pela novissima instituição; mas que providenciava para as necessidades da occasião, ordenando que os professores das Faculdades de naturaes, os drs. Franzini, Vandelli, e Dalla Bella tivessem assento e voto na congregação de Medicina.» Nada se remediou com tal providencia, porque os tres doutores que se mandaram encorporar no Conselho da Faculdade nem se incumbiram da administração dos hospitaes, nem tomaram parte nos trabalhos de censura.

De todas as requisições dirigidas á Faculdade para expender opinião sobre a efficacia de remedios particulares nenhuma attrahiu tanto as attentões e excitou a curiosidade, como a seguinte, que por se interessar nella o governo merece neste logar inteira menção.

Appareceu em Lisboa, vindo do Brazil, um francez que dizia ter empregado no Rio de Janeiro com bons resultados o tratamento da elephantiasis. Tal confiança tinha nos seus estudos e experiencias a respeito d'aquella terrivel enfermidade, que não duvidou inculcar-se ao Marquez de Pombal como practico de quem se podiam esperar bons serviços medicos na cura dos lazarus. Pareceu ao ministro que o francez era homem habil, e que discursava na materia como quem d'ella tinha particular conhecimento. Convencido de que se não deviam ter por mal empregadas as tentativas feitas com o proposito de se achar remedio contra a mais hedionda de quantas doenças affligem a humanidade, resolveu mandar inquerir o francez por peritos idoneos, a fim de

averiguar se algum proveito podia obter-se da sciencia que inculcava. Para tão especial averiguação scientifica não havia então no reino junta ou corporação competente e legalmente constituida além da Faculdade de Medicina. Encarregou-a o Marquez de examinar attentamente o caso; e para que tudo se conseguisse sem detrimento do serviço academico, mandou o francez para Coimbra precedido da seguinte carta, dirigida ao reitor.

*Ex.<sup>mo</sup> e Rv.<sup>mo</sup> Sr.* — A essa Universidade vai dirigido João Francisco Ravin para que na congregação da Faculdade de Medicina se examine com circumspecção, e sem espirito de parcialidade, a tentativa por elle feita sobre a origem, progressos e curativo proprio da enfermidade chamada *mal de São Lazaro*.

Este mal, conhecido ha muitos seculos em Portugal, e fora d'elle, sem de todo se atinar com a sua verdadeira cura, ainda que hoje não seja tão frequente pela razão que logo referirei, no Rio de Janeiro é communissimo. E pedindo a saude dos povos d'esta colonia portugueza que se acuda á sua conservação, é bem necessario que se lhe dê um soccorro proprio ás suas urgencias, examinando-se as causas d'aquella enfermidade, pela informação e experiencia de um homem, que parece habil, como o referido João Francisco Ravin, que assistiu muitos annos na sobredicta colonia, examinando e curando o mesmo mal.

O fim d'esta diligencia é chegar-se por effeito dos exames, e conferencias da congregação da Faculdade a assentar-se no proprio e especifico curativo da dicta enfermidade, tendo-se conhecido, e assentado qual seja a causa originaria, e primitiva d'ella; para que o mesmo Ravin volte ao Rio de Janeiro a fazer as methodicas curas, em que se assentar, e fique depois tendo uma correspondencia aberta com a Faculdade, ao fim de aplanar algumas duvidas, que sobrevenham na practica do mesmo curativo, e de communicar á Faculdade as observações que for fazendo, ou da alteração, ou da variedade dos já conhecidos symptomas, ou dos novos remedios, que for descobrindo e applicando.

O modo que se ha de practicar nestas conferencias deve ser o de se congregar a Faculdade, ser na presença d'ella ouvido o sobredicto Ravin, e por elle ser lido o opusculo, votar o primeiro lente da Faculdade com pleno conhecimento de causa, examinando em sua casa o dicto opusculo; votando por escripto, e ficando em

segredo o voto. Passar d'este a segundo, depois a terceiro, até o ultimo voto da Faculdade pela mesma forma, e com tal segredo, que os votos d'uns não sejam vistos pelos outros, antes da publica abertura d'elles. Em estando concluidos, chamar toda a congregação, lerem-se nella todos os votos, e pelo resultado d'elles, discutirem-se as duvidas que se apresentarem, ou convencendo-as com força de bons fundamentos, ou conciliando-os dado que se venha a assentar no solido, verdadeiro, e util methodo curativo, com que se vá acudir ao grande numero de enfermos d'aquella capital, que insta pelo remedio d'uma enfermidade, que pode vir a ser de ultima consequencia, e a produzir um contagio successivo, e irremediavel.

Não será porém fóra de proposito que a este respeito lembre eu a v. ex.<sup>a</sup> algumas especies que me occorrem, e que, sendo communicadas á sobredicta Faculdade, darão algumas luzes para o presente caso.

Desde tempos antiquissimos houve em Portugal o costume de se fazerem muitos hospitaes destinados para *Lazaros* ou *Gafos* (nome que ainda hoje nas provincias do norte d'este reino se dá aos que enfermam de mal venereo) e se acham memorias de muitos legados e instituições particulares para *Gafarias*, o que dá uma clara ideia de ser então este mal muito frequente. Depois porém que se conheceu o curativo do *morbo celtico*, pouco e pouco se foi minorando aquelle grande numero de *Lazaros* ou *Gafos*, por se atalhar com os remedios *antivenereos* o progresso d'este mal, sem que chegue ao ultimo estado, que reduz os enfermos a *Lazaros* irremediaveis.

Este mesmo mal é o da Lepra Asiatica bem conhecida no *Levitico*, e cujos symptomas, expressos naquelle livro, combinados com os do mal de que se tracta, são pouco menos que identicos, a respeito dos da ultima ruina, a que a queixa *celtica* reduz os corpos dos que chegam a esse estado. Esta é originalmente a Lepra *Syriaca*; e o que me confirma neste conceito é a Lepra de *Naaman o Syrio*, sabendo nós pelas descripções, que d'esta enfermidade (ainda hoje commum naquelle paiz) se nos fazem, que são uma pintura fiel dos arruinados e perdidos pelo *mal celtico*, e sabendo, que a nimia devassidão dos povos asiaticos até fazia ponto de religião da sua immoderada, e brutal incontinencia, bem facil é de crer que aquella Lepra era o *mal celtico*, de que não



tinham conhecimento, e a que não sabiam remedio especifico, que o atalhasse.

Combinado isto com as ideias medicas, que nos dão alguns viajantes celebres, com os conhecimentos positivos de Tournefort e de Moundrel, que nos decidem da causa da dicta enfermidade, e com os outros conhecimentos, que tambem temos, da devassidão sensual dos povos americanos, será facil de reconhecer que d'esta desordem provem a mesma queixa, ou por infecção contrahida, ou hereditaria; e que o pouco cuidado de atalhar esta enfermidade nos seus principios, a deixa habituar até o ponto de reduzir os corpos dos enfermos d'ella ao triste estado de *Lazaros* ou *Gafos*.

Se d'estas luzes se poder tirar alguma utilidade em beneficio da causa, que faz o assumpto d'esta carta, estimarei que a Faculdade de Medicina conheça que eu desejo muito os grandes progressos d'ella.

Deus guarde a v. ex.<sup>a</sup> Sitio de Nossa Senhora d'Ajuda em 23 de abril de 1774. — *Marquez de Pombal*.

*Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr.* — Bispo eleito coadjutor, e futuro successor de Coimbra, reformador reitor da Universidade <sup>1</sup>.

Dous mezes se tinham passado depois que fôra expedida esta carta quando o francez João Francisco Ravin deu entrada em Coimbra. Achavam-se então os lentes occupados no serviço dos actos; não obstante, o prelado mandou logo reunir a congregação de Medicina. Em 25 de junho constituiu-se a Faculdade em sessão extraordinaria para dar cumprimento ás determinações do logar tenente d'el-rei. Chamou-se o dicto Ravin perante o Conselho, e ahi se procedeu ao interrogatorio. Foi perguntado por todos os vogaes sobre o *methodo de curativo da elephantiasis, observações, symptomas, e remedios*. Não se contém mais explicitos apontamentos no rascunho donde tirei estas noticias; das respostas verbaes do francez não ficou escripta uma só palavra: apenas se mencionaram, como unica resposta sobre todo o interrogatorio, as seguintes palavras em duas linhas e *apresentou um papel que tinha feito sobre a materia para a Faculdade examinar.*— *Mandou-se correr.*

<sup>1</sup> Tirada do original, do livro 2.º, dos originaes existentes na secretaria da Universidade.

Em vão procurei esclarecimentos que indicassem a opinião da Faculdade, e os resultados da sua averiguação. Nem dos apontamentos para as actas<sup>1</sup>, nem da correspondencia do ministro consta o destino que teve o francez ou o apreço que se deu em Coimbra á sua especialidade therapeutica. Este silencio a respeito de pessoa tão recommendada e sobre negocio de tanta importancia, deixa presumir que se não achou fundamento para se travar correspondencia scientifica entre a Faculdade e o francez, e muito menos para se lhe auctorisar o exercicio d'uma arte sublime, que sempre degenera em flagello nas mãos de curiosos.

Em todo o anno de 1775 e no immediato não houve occorrença que alterasse o andamento regular da Faculdade. No ensino escholar e na administração dos hospitaes empregaram os lentes o melhor de seus cuidados. Com o intuito de se beneficiar o serviço interno do hospital geral e de se confiar a enfermeiros caridosos e desvelados o tractamento prescripto aos doentes, resolveu o Conselho da Faculdade em sessão de 20 de janeiro de 1776 pedir ao Marquez logar-tenente do soberano que se dignasse mandar vir para o mesmo hospital tres padres de S. Camillo de Lelis. A petição nunca teve despacho, e o serviço das enfermarias continuou, como estava, entregue aos costumados enfermeiros.

O limitado pessoal da Faculdade tinha supprido as faltas com tanto zelo e prestado taes serviços, que bem cabida era já qualquer demonstração do governo tendente a galardoar a sua dedicação. Reconheceu-lhe o governo os serviços com a promoção de 29 de maio de 1776. Os quatro lentes portuguezes, os unicos na Faculdade que sinceramente se entregaram ás obrigações do professorado, foram contemplados como os seus merecimentos pediam. Os dous substitutos passaram a cathedricos, e os que já tinham esta graduação melhoraram de vencimentos subindo na escala das cadeiras. Por esta promoção ficou a Faculdade constituída do modo seguinte:

<sup>1</sup> As unicas lembranças que existem das actas das congregações de Medicina desde a reforma até 28 de julho de 1781 constam d'uns apontamentos em papeis avulsos. Em 19 de junho de 1781 rubricou o lente de prima, Antonio José Pereira, um livro para se escreverem as decisões do Conselho. A primeira acta que lá se escreveu é a da sessão de 17 de maio de 1786. Faltam portanto noticias das actas de cinco annos.

O dr. Antonio José Pereira . . .	}	Lente de prima — 2. <sup>a</sup> cadeira de practica.
O dr. José Francisco de Aguiar		Lente da 1. <sup>a</sup> cadeira de practica.
O dr. Manuel Antonio Sobral . .	}	Lente da cadeira de Aphorismos.
O dr. José Francisco Leal. . . . .		Lente da cadeira de Instituições, accumulando a de Materia medica.

Alem d'estes havia no quadro o italiano Luiz Cichi, a quem estava incumbido o ensino da anatomia. Tinha este professor regido a cadeira nos ultimos dous annos com tanto desleixo e má vontade, que se tornou reprehensivel o seu procedimento. E como nem as reprehensões da parte do governo, nem os avisos e admoestações do reitor o compellissem ao desempenho dos seus deveres, foi-lhe intimada a suspensão do serviço academico no principio de dezembro de 1776. Recorreu para o governo com uma allegação de defesa e petição de desagravo. Contrariou-lhe porém as pretensões a informação dada pelo reitor sobre a materia do requerimento. Não podendo então justificar-se das culpas, nem eximir-se da pena que lhe havia sido imposta, solicitou a demissão do cargo, e com ella a permissão para se ausentar do reino. Foi-lhe acceita a primeira e concedida a segunda por carta de 18 de janeiro de 1779. Teve este expediente a dupla vantagem de se desembaraçar o serviço academico d'um funcionario relaxado, e de se facilitar o accesso para as cadeiras de Medicina a um dos melhoes anatomicos que illustraram a Faculdade.

Apenas o professor Cichi deixou de exercer as suas funcções, passou a regencia da cadeira de anatomia para o respectivo demonstrador, conforme determinavam os Estatutos. Regeu-a em quanto durou o impedimento do proprietario; mas como a lei sómente lhe dava a faculdade para dirigir os trabalhos escolares, e não lhe conferia auctoridade para presidir nos actos, promptificaram-se para este serviço os lentes das outras cadeiras, e tudo se remediou sem que fosse necessaria a intervenção de professores estrangeiros.

Os bons credits anatomicos, de que já gosava o demonstrador José Corrêa Picanço, augmentaram desde que pôde desassombadamente manifestar todos os seus recursos na regencia da cadeira.

Houve-se no ensino com tanta pericia, tão solida instrucção conseguiu dar a seus discipulos, que d'estes bons serviços lhe veiu a principal recommendação para obter no quadro da Faculdade a collocação que merecia. Logo que vagou a cadeira de anatomia pela demissão do dr. Cichi foi nella provido por carta de 16 de feveiro de 1779, e mandado graduar e incorporar na Faculdade de Medicina, «como se tinha practicado com o seu antecessor.»

Já por este tempo se achavam concluidas no collegio dos extinctos jesuitas as obras indispensaveis para a accommodação dos estabelecimentos medicos. Pertencia ao conselho da Faculdade, como cousa que interessava a seus credits, installar o serviço dentro das novas officinas, e dirigil-o por meio de adequados regulamentos. Attendeu opportunamente a esta obrigação, e em 16 de março de 1779, em congregação convocada para visita aos novos estabelecimentos, approvou «as regras e estatutos provisionaes para o regimento economico dos hospitaes.» Do mesmo modo cogitou de prover em pessoas idoneas e de confiança os officios creados para o laboratorio e dispensatorio pharmaceutico; e como fosse necessario para bem do ensino occorrer quanto antes á necessidade das demonstrações, tractou de escolher para este serviço quem o podesse desempenhar dignamente.

Tinham decorrido mais de seis annos desde que vigoravam os estudos reformados, e era já tempo de se ver o fructo das novas escholae, manifestado em algum discipulo intelligente que se tornasse digno de occupar o logar de professor. Entre os medicos de Coimbra sobresahia então o dr. Francisco Tavares, que concluiu a formatura no ultimo anno do antigo regimen universitario, e que havia cursado o sexto anno para obter os grãos superiores logo no principio da Reforma. Obteve o gráu de doutor em 30 de novembro de 1778, e foi o primeiro alumno medico a quem se conferiu segundo a legislação dos novos Estatutos. A este aspirante ao magisterio confiou a Faculdade de Medicina o cargo interino de demonstrador de materia medica, que começou a exercer em 12 de abril de 1779. Dous annos depois, em congregação de 19 de junho de 1781, decidiu a Faculdade informar o governo «que o dr. Francisco Tavares tinha merecimentos para lente.»

Com egual felicidade acertou o Conselho na escolha de demonstrador para a cadeira de anatomia. Distinguia-se entre os alumnos

seus contemporaneos o estudante Caetano José Pinto d'Almeida, que por vezes tinha interrompido o curso medico, e que então frequentava o penultimo anno da formatura. Foi chamado para demonstrador interino de anatomia e para cirurgião do hospital. Serviu um e outro logar com tanto zelo e intelligencia, que em congregação de 14 de janeiro de 1781, quando ainda cursava o quinto anno, disse a Faculdade para o governo «que elle era digno de que S. Magestade lhe mandasse passar carta de demonstrador de anatomia.»

Com a nomeação interina dos dous demonstradores pôde desenvolver-se o ensino theorico e practico. A regencia de Instituições e de Materia medica ainda continuou a cargo d'um só professor. Não obstante, os trabalhos escholares foram adquirindo maior regularidade, até que em junho de 1783 se melhorou directamente todo o serviço da Faculdade. Concorreu para o successivo aperfeiçoamento do ensino a instituição de estabelecimentos providos de utensilios, peças artificiaes e preparados naturaes.

#### Primeiros estabelecimentos

O hospital geral de Coimbra, fundado por el-rei D. Manuel em 1503, accommodava-se numa casa, pouco apropriada, sita na praça de S. Bartholomeu. Na mesma casa, mas com administração separada, se estabeleceram em 1743 umas enfermarias para convalescentes, a que chamaram por isso hospital de convalescença, para cuja instituição e sustentação deixou legado sufficiente o conego da Sé, dr. Sebastião Antunes. Havia fóra de portas da cidade hospital particular para leprosos, fundado e dotado por D. Sancho I. Sustentava-se dos rendimentos proprios, e tinha administração distincta da de todos os outros estabelecimentos de caridade <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> A historia dos hospitaes de Coimbra foi escripta e publicada no jornal *o Conimbricense* pelo proprietario do mesmo jornal, o sr. Joaquim Martins de Carvalho, assiduo investigador de curiosidades historicas.

Começou a sahir nas folhas de dezembro de 1866 e continuou em 1867. É um trabalho muito apreciavel, farto de interessantes noticias pela maior parte ignoradas, e o mais completo que até hoje tem apparecido sobre tal assumpto.

Tambem traçou a historia dos hospitaes de Coimbra o sr. dr. A. A. da Costa Simões em poucas mas substanciosas paginas do seu opusculo sobre *hospitaes da Universidade*.

Por longos annos teve a Universidade em casa emprestada as aulas de medicina practica. Davam-se as lições no hospital da cidade, aonde concorriam por turno a fazer serviço clinico os tres lentes mais graduados da Faculdade. Nos Estatutos Velhos achava-se a clausula de que este emprestimo subsistiria em quanto a Universidade não tivesse hospital de seu. Nunca o teve nem consta que tentasse estabelecê-lo, embora nos cofres abundassem os recursos pecuniarios para tal empresa. De tão fatal descuido ou esquecimento nasceu o ensejo de se coroar a obra da restauração das sciencias com a instituição d'um hospital universitario.

O Marquez de Pombal, que a tudo attendia, e tudo considerava com muita reflexão, sabendo que o velho hospital de Coimbra, alem de acanhado, estava a todos os respeitos em pessimas condições hygienicas, e conhecendo tambem que havia nelle duas administrações distinctas, quando ambas e a do hospital dos lazarus se podiam incorporar vantajosamente em uma só, resolveu extinguir o hospital geral e de convalescença, e fundar outro melhor, que servisse para se tractarem os enfermos pobres e ao mesmo tempo para escholar de medicina practica. O collegio dos jesuitas, situado na parte superior da cidade, desafrontado d'outras construcções, lavado dos ares, e bem exposto, parecia que de proposito fóra edificado para nelle se estabelecer um hospital. Ainda que o ministro projectava fundar alli os gabinetes de sciencias naturaes, era tal a grandeza da casa, que chegava de sobejo para outras accomodações. Destinaram-se portanto para o estabelecimento do novo hospital os dous lados do grande quarteirão no angulo N.O. do edificio. Modificaram-se as divisões interiores, adaptaram-se na disposição e grandeza para enfermarias e mais officinas indispensaveis, e os dous andares da casa ficaram assim com sufficiente capacidade para conterem o dobro dos doentes que se accommodavam no antigo hospital.

Tinha a Faculdade de Medicina a seu cargo desde abril de 1774 a administração de todos os hospitaes de Coimbra. Pela media dos rendimentos e despesas calculou que a receita chegava para se manterem até oitenta doentes. Nesta conformidade organizou os regulamentos para o serviço, e estabeleceu as regras para a admissão dos enfermos. Tomadas por este modo as necessarias providencias para o bom governo do novo hospital, tractou-se da mudança dos doentes.

Em 19 de março de 1779 se inaugurou solemnemente o estabelecimento definitivo do hospital no edificio que pertencera aos jesuitas. Dias depois achava-se em bom andamento o curativo dos doentes e todo o serviço das enfermarias. Corresponderam os resultados clinicos ao que se tinha previsto ácerca das condições hygienicas da casa. Taes creditos foi ganhando o estabelecimento, que em breve augmentou consideravelmente a concorrência dos enfermos. Seguiu-se a isto o desequilibrio inevitavel entre a receita e a despesa, e desde então começaram os embaraços administrativos, que foram causa de incessantes cuidados para a Faculdade de Medicina.

No pavimento inferior do mesmo collegio dos jesuitas, e juncto ao angulo que está virado ao nordeste, se estabeleceu o dispensatorio pharmaceutico com todas as suas pertenças. Communicava interiormente com o hospital, o que muito convinha para a regularidade e promptidão no serviço. Foi provido logo desde o seu principio de abundancia de drogas e de preparados pharmaceuticos, assim como de instrumentos e apparatus para satisfazer ao duplo fim de fornecer remedios para o hospital, e de servir para o ensino practico da materia medica e da pharmacia. Por alguns annos se conservou o dispensatorio nas salas em que primeiro foi estabelecido: passou depois para outras onde ainda hoje existe, quando appareceu a necessidade de se fundar em logar espaçoso um theatro para disseções cadavericas.

A primeira casa que se destinou para os exercicios de anatomia practica era uma sala de pequena capacidade que ficava entre as dependencias do hospital e as do museu. No centro da sala estava uma mesa, onde o professor auxiliado pelo demonstrador fazia as demonstrações anatomicas e os exercicios de medicina operatoria no cadaver.

Não permittia a estreiteza da casa que houvesse alli armarios para a arrecadação de instrumentos, livros, estampas e preparados anatomicos. Tão acanhado era o espaço que, quando havia cursos numerosos, não podiam os estudantes assistir ás demonstrações practicas senão divididos em turmas. Demais a falta de luz e de ventilação embaraçava o serviço, e tornava sensivel a má visinhança tanto para o museu como para o hospital. Por todas estas razões

se julgou que era de urgente necessidade remover a aula de anatomia para casa espaçosa, clara e bem ventilada, e para sitio d'onde não podesse vir influencia prejudicial aos outros estabelecimentos.

As salas em que se achava o dispensatorio pharmaceutico tinham boas condições para alli se accommodarem os gabinetes de anatomia. Eram frias pela exposição ao norte, claras e bem ventiladas pela grandeza das janellas e pelas communições interiores com o pateo central; e como tinham capacidade bastante, entendeu-se que se deviam alli estabelecer a aula e gabinete de anatomia, e mudar o dispensatorio para outras casas no mesmo pavimento do edificio. Assim se fez. A botica e aula de materia medica passaram para as duas grandes salas que recebem luz pela fachada principal; a drogaria, officinas e aposentos dos empregados ficaram nos repartiamentos interiores; e nas duas salas que têm exposição ao norte estabeleceram-se os gabinetes pertencentes á cadeira de anatomia. Construiu-se na primeira sala, que recebe luz do norte e nascente, um amphitheatro, em cujo centro se collocou uma mesa para dissecções cadavericas; e como sobrava ainda muito espaço, encostou-se a uma das paredes um amplo armario bem acabado de boa madeira do Brasil. Na sala immediata collocou-se o deposito de agua, armario com gavetas, e mesas para dissecções e exercicios operatorios. Mais tarde destinou-se para aula de anatomia a sala que fica entre a botica e o amphitheatro anatomico. Alli se accommodaram tambem livros, estampas e preparados indispensaveis para o ensino da sciencia. Não existe noticia das peças e instrumentos que possuiu o gabinete nos primeiros tempos da sua instituição <sup>1</sup>; sabemos apenas que foi provido desde o principio de instrumentos anatomicos e cirurgicos. É de presumir que tambem pelo mesmo tempo adquirisse algumas collecções de boas estampas que ainda hoje conserva.

<sup>1</sup> Num papel avulso, juncto a outros que contém apontamentos para as actas até 1781, achei o seguinte:

*Mudança de hospital, esqueletos de ossos, etc., preparados anatomicos de cera. Todas as machinas para a arte obstetricia. Armentario inteiro cirurgico, comprehendendo a obstetricia. Figuras necessarias para ataduras, e tractado de Hunter.*

Isto ou é relação de cousas que já existiam, ou apontamento para se alcançarem.



## CAPITULO IV

### Apreciação da reforma do ensino medico

Quando se compara a antiga organização dos estudos medicos com a norma de ensino decretada nos Estatutos de D. José, sente-se o embate das diferenças, como quando se passa das trevas para a claridade. Alem a desordem nos cursos, a confusão nas materias, e a mistura incompreensivel de doutrinas obsoletas; aqui a methodica distribuição dos ramos da sciencia, a regularidade na successão dos estudos, e os sabios preceitos para se instruirem os alumnos em conformidade com os progressos scientificos. Estas vantagens, que evidentemente sobresaem na confrontação dos velhos com os novos Estatutos, abonam a Reforma, e são argumento incontroverso da sua proficuidade. A experiencia de onze annos nos cursos universitarios confirmou as previsões do legislador, e tornou palpaveis os beneficios que advieram á instrucção. É portanto indubitavel que, em relação ao passado, melhorou a Reforma efficaçamente a sorte da Medicina em Portugal. Não é porém sob este aspecto que agora tentamos avaliar-lhe a importancia. Dirigimos as considerações, que se seguem, a sondar o espirito que presidiu á reforma dos estudos medicos, a combinar a traça com a execução da obra, e a apreciar finalmente a mesma Reforma em si e pelos resultados <sup>1</sup>.

Extinguir totalmente a velha Universidade, e crear outra de novo, foi o pensamento culminante que dominou a Junta de Providencia Litteraria ao tomar sobre si a reforma do ensino superior.

<sup>1</sup> A apreciação relativa ás doutrinas medicas terá logar no capitulo VII.

Bastava-lhe um traço de penna para aniquilar o velho instituto de D. João III; na substituição por outro de melhor valia, na criação de eschololas que satisfizessem ás necessidades presentes e ás aspirações futuras estavam as difficuldades da empreza. As mais notaveis academias estrangeiras tambem pelo mesmo tempo se occupavam na resolução de importantes problemas sobre instrucção publica. Havia já então quem impugnasse as celebradas vantagens das Universidades. Argumentava-se que estes estudos geraes, concebidos e fundados sob a influencia clerical na idade media, embora modificados e affeioados segundo as exigencias dos tempos, resentiam-se todavia da origem; desvelavam-se mais na ostentação das suas prerogativas aristocraticas e na conservação das formulas e costumes tradicionaes, do que nos progressos e adiantamento das sciencias. Fortificava-se o argumento com o exemplo de modestas eschololas, que fundadas sem privilegios nem apparatus de universalidade, circumscriptas á cultura especial d'uma sciencia, eram officinas de trabalho proficuo, d'onde sahiam os inventos que engrandeciam e dilatavam os conhecimentos humanos.

A Junta de Providencia Litteraria não ignorava que as Universidades professavam no ensino tão sómente as verdades adquiridas e sancionadas pelo concurso geral, que se não esforçavam pelo adiantamento das sciencias, nem recebiam «com a promptidão necessaria» os recentes descobrimentos<sup>1</sup>. Conhecia tambem que nas eschololas especiaes e academias particulares havia outras tendencias e mais gloriosas aspirações, que primavam pela investigação de verdades desconhecidas e pelo desejo da novidade. Ponderando pois os vicios e virtudes inherentes a umas e outras instituições, possuiu-se a Junta do enthusiasmo que inspira a novidade, e inclinou-se abertamente para as idéas de progresso. No entanto, apesar de qualificar o procedimento das Universidades como «de grande prejuizo ao bem commum e ao adiantamento das letras<sup>2</sup>,» não deixou de reconhecer que uma prudente reserva na admissão das materias, que se hão de explicar das cadeiras, era cautela bem entendida, para que o ensino superior tivesse utilidade real e a importancia que lhe compete, e para que a mocidade não tresviasse seduzida pela apparencia de verdades mal definidas.

<sup>1</sup> *Estatutos da Universidade*, liv. III, no principio.

<sup>2</sup> *Ibidem*.

Portanto, accetando por incontestaveis os factos com que se impugnavam as Universidades, não accetou igualmente as consequencias. Pareceu-lhe que os defeitos das antigas Universidades procediam antes da sua viciosa organização, do que da existencia simultanea de escholas de todas as artes e sciencias. O concurso de muitos conhecimentos, quando devidamente ministrados e bem dirigidos, em vez de prejudicar e confundir, esclarece e facilita o estudo. Por isso a Junta, ao lançar os primeiros traços para a reforma, longe de esboçar escholas particulares, desligadas e independentes, preferiu o plano de congregar numa só corporação o ensino de todas as sciencias, e de as relacionar de modo que a proximidade d'uma podesse auxiliar e desenvolver o conhecimento da outra. Este pensamento, que em geral presidiu á constituição de todas as faculdades, tornou-se evidentissimo em relação á de Medicina.

Com quanto fosse do designio da Junta promover o aperfeiçoamento das sciencias pelo mutuo auxilio, o seu fim principal no plano que projectava para as facultade naturaes, mirava a conseguir aquelle resultado satisfazendo ao mesmo tempo a mais elevadas aspirações. A criação de estudos de Mathematica e de Philosophia Natural entrava no plano como parte essencial da Reforma. A Junta não se limitava simplesmente a instituir cadeiras e a determinar as regras para os cursos; o seu proposito desde todo o principio foi estabelecer tambem gabinetes, laboratorio e mais officinas indispensaveis, onde aquellas sciencias se podessem tractar e aprender practicamente. Desde então, julgando que era possivel dar tanto vigor ás novas escholas, que servissem a um tempo para se instruir a mocidade e para se emprehenderem descobrimentos, similhantemente ao que acontecia em algumas academias, dirigiu as suas vistas para este duplo fim. E como tambem desejava que em tudo predominasse a forma classica e apparatusa das Universidades, empenhou-se em alliar a pompa e a gravidade universitaria com a indole activa e laboriosa de outras instituições scientificas. Levada por este empenho confederou as facultades de Mathematica e de Philosophia com a de Medicina, impondo-lhes a obrigação de promoverem o progresso da sciencia «melhorando os conhecimentos adquiridos, e adquirindo outros de novo que se façam logo passar aos cursos<sup>1</sup>.» A idéa dominante da Junta

<sup>1</sup> *Estatutos*, liv. III, no principio,

era concentrar na futura Academia Conimbricense toda a actividade que em outras nações anda repartida por muitas escholas. Os professores haviam de ensinar os discipulos, escrever livros, dirigir estabelecimentos, descobrir factos e verdades ignoradas e communicar com os sabios. Infelizmente as leis por que se havia de reger tão famosa empreza, e que deviam constituir a parte quarta do terceiro livro dos Estatutos, nunca se chegaram a publicar. Não se pode por tanto julgar dos meios que a Junta empregaria para conseguir os seus intuitos. O que porém se pode affirmar é que muitas das disposições contidas nos Estatutos em relação ás faculdades de naturaes, não favorecem, antes contrariam tão elevadas aspirações. A verdade d'este asserto sahirá manifesta do que vamos expor com referencia á Faculdade de Medicina.

No *Compendio Historico* tinha a Junta de Providencia Litteraria delineado com todo o desaforo a instituição d'uma Faculdade de Medicina apta para acompanhar os progressos da sciencia e para satisfazer ás necessidades da nação. Indicara primeiro com muito discernimento os preparatorios em que devem instruir-se os alumnos antes de começarem o estudo das sciencias medicas. Quando depois coordenou os Estatutos seguiu neste ponto em geral as indicações que havia apresentado. Não aconteceu porém outro tanto ao dispor as regras para o curso medico. N'esta parte a legislação dos Estatutos ficou a muitos respeitoes áquem das concepções profundas e desassombradas do *Compendio Historico*.

Em primeiro logar é para extranhar que se alterasse na disposição dos ramos da sciencia a ordem natural e logica, tão claramente demonstrada e aconselhada no *Compendio Historico*. «É «regra geralmente abraçada por todos, escrevia alli a Junta<sup>1</sup> que «o estudo proprio da Medicina deve principiar pela anatomia. Não «é necessario demonstrar com razões uma verdade tão clara.» Demonstrou porém que ao estudo da anatomia se deve seguir o das Instituições medicas, em que se comprehende a physiologia, a hygiene e a pathologia geral. Depois d'estas doutrinas recommendou o estudo da pathologia especial e da therapeutica, e por fim os cursos de clinica nos hospitaes.

Esta successão de estudos medicos tão methodica e racional,

<sup>1</sup> *Compendio Historico*, parte II, cap. III, § 69.

aconselhada pela Junta e seguida com proveito nas principaes escholas, não foi adoptada para os Estatutos! A anatomia, que a Junta considerava, como Galeno, o olho direito da Medicina, que devia ser a porta para o curso medico, e preceder a todos os ramos da sciencia, foi collocada no segundo anno do curso contrariamente a todas as razões, e até contra a opinião de Boerhaave<sup>1</sup> que a Junta acatava respeitosamente. A materia medica e a pharmacia occuparam o posto da entrada no primeiro anno, e ficaram por este modo desligadas e interrompidas das materias que têm com ellas mais estreitas relações. Felizmente parou aqui a alteração na ordem das materias do curso e a contradicção da Junta, porque para o terceiro, quarto e quinto anno decretou-se a successão de estudos conforme as indicações do *Compendio Historico*<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Omnes enim medici conveniunt incipiendum esse studium medicum proprie dictum ab illa scientia (anatomia) sine qua nihil potest medicus. — Boerhaave — *Do methodo do estudo medico*, parte VII.

<sup>2</sup> Da confrontação entre os *Estatutos* e o *Compendio Historico* resultam evidentemente as contradicções apontadas no texto; mas a critica imparcial e o respeito devido aos membros da Junta requerem que se procurem os motivos de tamanho desaccordo. É elle tão palpavel, que não podia passar desaperecebido; e se a Junta o não evitou, necessariamente cedeu a força superior á sua vontade.

Tudo nos persuade que a Junta teve de se amoldar ás circumstancias e de se afastar em muitos pontos das suas opiniões, quando organizou os *Estatutos medicos*. A falta de pessoal habilitado para ensinar, e a repugnancia que o Marquez de Pombal mostrou em admittir muitos mestres estrangeiros, repugnancia aliás justificada, obrigavam a restringir o quadro dos professores e o numero das cadeiras. E como nas mais afamadas escholas tambem pelo mesmo tempo se incumbia ainda a um só professor o ensino de muitas disciplinas, não duvidou a Junta seguir o mesmo arbitrio. Houve-se porém de modo que deixou as materias em grupos bem combinados. Com a anatomia juntou a medicina operatoria e a obstetricia. Esta circumstancia influiu talvez para se collocar a cadeira de anatomia no segundo anno. Se a materia medica ensinada no primeiro ficava muito separada da pathologia e da therapeutica, juncto das quaes se deve sempre apprender, o mesmo inconveniente se dava a respeito da medicina operatoria e da obstetricia. Como pois não podia seguir-se a ordem racional e methodica aconselhada no *Compendio Historico*, adoptou-se a que pareceu melhor para a occasião. Deu-se á materia medica e á pharmacia o primeiro logar no curso medico, não só porque se julgava então sciencia mais facil, e no estudo deve sempre preceder o que é de mais facil comprehensão, mas tambem porque segundo a ordem estabelecida para as disciplinas preparatorias na faculdade de Philo-sophia, disciplinas, que os alumnos medicos haviam de cursar, parecia mais

Segundo motivo de reparo é o que nos offerece o limitado numero de cadeiras e de professores, e o acanhado desinvolvimento que se deu ao ensino. Neste ponto contrasta singularmente a estreita economia dos Estatutos com a franqueza do *Compendio Historico*. Aqui expoz a Junta de Providencia Litteraria amplamente todo o seu pensamento; nos Estatutos foi mais comedida, restringiu-se talvez para se amoldar ás necessidades da occasião. Quaesquer porém que fossem as razões que determinaram a Junta, o que é indubitavel é que a continuação do ensino medico em seis cadeiras, como d'antes estava, não correspondia aos intuitos dos reformadores nem aos creditos da Reforma. Importava alargar o ensino em conformidade com o adiantamento das sciencias, e desembaraçar os cursos escolares de improductivas accumulacões. A anatomia, que tão encarecida fôra pela Junta, e cujo estudo se reputava de grande importancia, tinha progredido tanto nos ultimos tempos, que dava de sobejo materia para o curso de um anno. Por todas as consideracões se devia já então ensinar numa cadeira especial e desaffrontada d'outros encargos. Aconteceu o contrario. Accumulou-se com a anatomia o ensino das operaçoes cirurgicas e da obstetricia; e para que o estudo d'esta parte da Medicina tivesse o competente desinvolvimento, determinou-se que o curso anatomico não passasse alem de quatro mezes e meio, e quando muito de cinco mezes. A cadeira de Instituicões não ficou alliviada, embora a accumulacão se não tornasse tão sensivel como na cadeira de anatomia. Convinha por certo tirar-lhe a semeiotica e a therapeutica geral, para que o ensino d'estas materias não encurtasse a duração do da physiologia e hygiene.

natural que se passasse da chimica, no quarto anno philosophico, para a materia medica e pharmacia, do que para a anatomia.

Eis os motivos que me parece terem levado a Junta a modificar as suas opiniões, e a alterar na practica do ensino a ordem das materias tão sabiamente encarecida e recommendada no *Compendio Historico*. No entretanto as modificaçoes, exigidas pela força das circumstancias, não prejudicavam em cousa alguma o regimen escolar nem os methodos de ensino. Podem considerar-se como providencias de effeito transitorio, porque em verdade o Conselho da Faculdade estava auctorizado pelos *Estatutos* a mudar a ordem estabelecida e a distribuir os ramos da sciencia como julgasse mais conveniente. Só em 1792 passou a cadeira de anatomia para o primeiro anno e a de materia medica e pharmacia para o terceiro. Desde então a precedencia dos estudos medicos ficou regulada segundo a primitiva concepção da Junta de Providencia Litteraria.

A mais aggravante de todas as accumulações foi a que se decretou para a cadeira de Aphorismos no quarto anno. Assignar para as leituras d'um anno lectivo a pathologia interna e externa, ambas precedidas da doutrina hippocratica, era sacrificar demasiadamente a profundidade á extensão dos conhecimentos medicos. Por muita diligencia que o professor empregasse, nunca levaria ao fim a explicação das materias recommendadas nos Estatutos. Tanto a Junta de Providencia Litteraria reconheceu este inconveniente, que para o evitar providenciou cautelosamente a escolha d'um livro conciso e de dicção aphoristica, que servisse de texto nas lições, e ao mesmo tempo sujeitou o professor á observancia do seguinte preceito: «Não se alargará a fazer prelecções muito prolixas, cheias de erudição escusada, e de allegações de auctoridades, que não valem nada na practica: mas cingir-se-ha a fazer intender completamente a doutrina do texto com todos os seus usos e limitações, que são de grande importancia na practica <sup>1</sup>.» Cabe aqui a advertencia de que similhante restricção ao que só podia ter uso nas applicações clinicas destôa da apparatusa instrucção preparatoria, e da elevação que se pretendia dar á instrucção superior.

Comprehende-se pois que o ensino medico, ministrado em quatro cadeiras theoricas e duas de practica, não podia desenvolver-se convenientemente. Embora as vistas da Junta ao formular as regras para os Estatutos se circumscrevessem a modestas proporções, embora entendesse que a instrucção medica se devia regular de modo que somente aproveitasse para a arte de curar, ainda assim, para que os professores explicassem as materias sem peias nem restricções de tempo, deviam-se acrescentar duas cadeiras ao numero das que foram decretadas, uma para o ensino da pathologia externa, e outra para nella se desaccumularem as exuberancias das restantes cadeiras. Augmentado então proporcionalmente o quadro dos professores, as obrigações do ensino ficariam repartidas com egualdade, e o desempenho d'outros encargos por isso mais regular expedição.

Para as seis cadeiras de Medicina instituidas pela Reforma crearam-se outros tantos logares de professores cathedaticos, e dous de substitutos que serviriam no impedimento dos quatro proprietarios das cadeiras maiores. Na falta dos lentes de anatomia e de materia

<sup>1</sup> *Estatutos da Universidade*, liv. III, parte 1, tit. III, cap. IV, § 12.

medica tomariam o serviço diario das lições os respectivos demonstradores. A este limitado pessoal foi imposta a obrigação do ensino, a direcção dos estabelecimentos, e a administração dos hospitaes. Cada professor, conforme aos encargos da sua cadeira, devia intender nestas occupações, e nellas empregar o principal do trabalho quotidiano. E como se isto não fora bastante, accumularam-se nos professores reunidos em Conselho, sob o nome de congregação da faculdade, as seguintes obrigações «zelar a observancia e execução dos Estatutos, vigiar as lições, exercicios e exames, examinar os compendios, visitar os estabelecimentos, inspecionar a arrecadação das rendas dos hospitaes, superintender no serviço das enfermarias, compor, additar e reformar a pharmacopeia geral do reino, vigiar que não exercitem a Medicina pessoas idiotas, e censurar antes de impressos todos os livros de Medicina que se pretenderem estampar. Alem d'isto, como estava determinado que as facultades de naturaes se confederassem n'uma congregação geral para cuidarem no adiantamento da sciencia, á Faculdade de Medicina competia tomar tambem parte nos progressos, descobrindo e inventando para illustrar as outras facultades, e recebendo d'estas «os conhecimentos descobertos, que ella deveria communicar nas «aulas para os discipulos se utilizarem não somente das lições positivas do *mestre*, mas tambem das ideias originaes do *inventor* <sup>1</sup>.»

Tantas e tão pesadas incumbencias não podiam ser satisfeitas por quem tinha a obrigação diaria de reger uma cadeira de Medicina. Impossibilitavam o desempenho não só o numero mas tambem a natureza dos encargos. A administração e arrecadação das rendas dos hospitaes, a inspecção do serviço levada aos extremos de minuciosidade, e a vigilancia para se obstar a que os idiotas exercitem a medicina, são occupações pouco adequadas para homens de sciencia e inconciliaveis com o sacerdocio do professorado. Algumas das outras funcções, ainda que apropriadas para quem tracta letras, mal se podiam accumular com o exercicio do magisterio, como estava decretado nos Estatutos. Importava considerar que a attenção repartida por assumptos diversos perde de intensidade, e desaproveita o exercicio das forças intellectuaes. Se os professores tentassem acudir áquelle conjuncto de variadas obrigações, acabariam certamente por faltar a todas. Mas a Junta de

<sup>1</sup> Estatutos da Universidade, livro III, parte I, tit. VII, cap. I.



Providencia Litteraria, que recebera salutaes inspiraçoẽs das obras de Boerhaave, deixara-se influenciar pelas ideias de grande mestre, e imaginara por isso naquella intelligencia immensa o typo de professor de Medicina. Ora, como os seus planos para a restauraçaõ das sciencias procederam todos de concepçoẽs grandiosas, da mesma origem lhe veio tambem a ideia de que só engenhos superiores e intelligencias muito distinctas deveriam entrar na regencia das novas escholas. Julgando então que os futuros lentes de Coimbra haviam de egualar, ou pelo menos seguir os passos do celebre professor de Leyde, traçou-lhes occupaçoẽs como quem nas obras do modelo via a possibilidade de se expedirem muitos serviço. A experiencia, que é espelho de desenganos, em breve mostrou até onde se podia chegar. Os professores que inauguraram os trabalhos da nova faculdade tiveram de se cingir á regencia das cadeiras, e á direcção e administração dos estabelecimentos; e nem por isso merecem menos respeito os serviço que prestaram no professorado, antes se devem accumular de louvores, porque foram zelosos e desinteressados, e porque sustentaram os creditos da Reforma, habilitando discipulos para o exercicio clinico e para o magisterio <sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Sentiram o peso de tantos encargos e a impossibilidade de satisfazer a todos não sómente os professores que inauguraram as aulas de Medicina, e começaram a executar os Estatutos, mas tambem os que pelo correr dos annos lhes succederam. No principio da Reforma não se podia nem devia exigir mais dos lentes do que a pontualidade na regencia das cadeiras. Os medicos a quem se commetteu o ensino eram intelligentes e muito sabedores, mas apenas dous estavam familiarisados com o trato academico, e todos careciam de aturado estudo para acompanhar os progressos scientificos. Pertencia-lhes formar a eschola, dar ao ensino a elevação conveniente, e instruir a mocidade nos adiantamentos da epocha. Os professores que lhes succederam, embuidos sob melhores auspicios dos conhecimentos da sciencia moderna, acharam-se em condições muito mais vantajosas, e apezar d'isso não poderam satisfazer a todas as exigencias dos Estatutos. Quando no reitorado do principal Castro se instou com os professores para comporem os compendios das materias que cada um explicava, viu-se que houve muita diligencia e grande empenho em se cumprir a lei; não obstante os trabalhos e a boa vontade de todos, poucos levaram ao fim a obra começada. Isto demonstrou que os dotes particulares para instruir a mocidade andam muitas vezes desacompanhados da propensão para dirigir a penna, e que rarissimos engenhos logram a aptidão para satisfazer a todos os encargos, que os Estatutos impõem aos professores de Medicina.

Deprehende-se das considerações expostas que nos planos da Junta havia desigualdades salientes, que prejudicavam a realização dos seus intuitos. Na traça dos grandes edificios, quando as linhas principaes ficam limpas de imperfeições, facilmente se escurecem os defeitos dos pontos particulares. Mas a obra da Junta ficara incompleta nas suas relações mais geraes, e por isso sobresahia a desproporção em algumas das divisões secundarias. Mallogradas por tanto em parte as suas aspirações, vejamos como ella se houve para conseguir que das novas escholas sahisse discipulos convenientemente instruidos para tractarem da saude dos povos.

A clareza e lucida deducção com que a Junta de Providencia Litteraria tinha desenvolvido no *Compendio Historico* as suas concepções a respeito do ensino medico, deixavam entrever que o regimen para as novas escholas sahiria modelo acabado. Era tambem sobre este particular que ella tinha exercitado mais o seu estudo. A analyse profunda e demorada relativa á organização das antigas escholas dera-lhe ensejo para attender a minimas particularidades; e, como apreciou com severidade os defeitos do velho regimen, reflectiu cuidadosamente nos meios de se remediarem.

Primeiramente descriminou os ramos da sciencia, para que se ensinasse em separado, por uma ordem e successão methodica, e não por partes, indistincta e confusamente, como acontecia na antiga universidade. Esta importantissima consideração, que foi ponto capital da Reforma, teve nos Estatutos o devido cabimento. O estudo das sciencias medicas ficou repartido por cinco annos de modo, que em cada anno se applicassem os alumnos só a certas e determinadas materias, de que fariam exame no fim do anno, e de que não passariam para outras sem conseguirem naquellas a instrucção sufficiente. Mas onde melhor e mais claramente se mostrou o cuidado da Junta foi na direcção do serviço escholar, nos methodos de ensino, e nas regras particulares para o estudo de cada ramo especial da sciencia.

Como fundamento invariavel e extensivo a todas as faculdades, estabeleceu a Junta alguns principios geraes, sobre cuja firmeza assentou as particularidades do seu systema. Em primeiro lugar estatuiu que a lição diaria e a assiduidade nas aulas fossem obrigatorias para mestres e discipulos. Depois entre a missão dos primeiros e o dever dos segundos fundou mutuas relações de interesse

academico. Commetteu aos lentes, como encargo principal do seu officio, o cuidado de explanarem as materias de modo, que os alumnos possam comprehender e fixar as verdades scientificas; aos discipulos impoz a obrigação de exhibirem provas do seu estudo e aproveitamento já em lições quotidianas, já em exercicios de repetições semanaes. Determinou tambem, como preceito geral, que para o ensino de cada sciencia se adoptasse um compendio especial, substancioso e de boa doutrina, e incumbiu aos conselhos das faculdades o exame e a approvação dos livros de texto que melhor correspondam ao adiantamento da sciencia e ás necessidades escolares. Adstrictos por este modo os professores a desenvolverem as materias compendiadas em tractados elementares, e repartido o tempo d'aula entre o lente, que explica, e o discipulo que dá conta da sua applicação e expõe, para que lhe sejam resolvidas, as duvidas com que ficou, antevê-se claramente a *possibilidade* de se alcançar nas escholas a instrucção sufficiente.

Mas a Junta não se limitou a prescrever sob formulas geraes os methodos de ensino e as obrigações de mestres e discipulos; especializou muito por miudo como se devia ensinar a materia medica e a pharmacia no primeiro anno medico a anatomia, operações e obstetricia no segundo, e assim as restantes materias do curso.<sup>1</sup> Attendeu a todas as particularidades do ensino theorico, e practico, e houve-se do mesmo modo para determinar a forma dos exames. É muito para notar que não se achem disposições encontradas descendo a Junta a tantas minucias; e mais notavel é que, formulando para tudo regras e preceitos de modo, que nada escapou á sua vigilante perspicacia, soube conciliar o formulario com a bem entendida liberdade que devem ter os professores. De tão acertadas combinações, convergentes para um fim commum, resultou a facil observancia dos Estatutos, e o seguimento regular das aulas sem embates nem discrepancias no ensino.

Acertadas foram tambem as attribuições, concedidas ao Conselho da Faculdade, tendentes a providenciar em conformidade com as disposições dos Estatutos o que julgasse opportuno e con-

<sup>1</sup> Veja-se no capitulo 1 d'esta Memoria a pag. 49 e seguintes a summula dos Estatutos. Alli se acham os topicos principaes relativos ao ensino das sciencias medicas. Reproduzil-os aqui seria avolumar esta obra sem necessidade.

veniente para se melhorar o serviço academico. Este signal de confiança, expresso de modo a incitar o zelo, foi o complemento natural do regimen estabelecido para as escholas; conciliou maior respeito aos professores, auctorisou as suas opinões, e deu unidade aos actos da corporação.

As disposições attinentes ao ensino formam a parte essencial e a mais copiosa dos Estatutos medicos. É nesse conjuncto harmonico de bem traçadas providencias que se contém a indole e a feição característica da Reforma; é alli que se apresenta o que ella teve de mais firme e perduravel, e o que deu merecida reputação á eschola conimbricense. Pode a torrente das vicissitudes alterar os programmas das materias, restringir ou ampliar o numero das cadeiras e o quadro dos professores, e operar outras modificações; em quanto subsistir intacto o regimen escholar e os methodos de ensino decretados nos Estatutos, nem a eschola medica da Universidade perderá a feição que lhe é propria, nem os alumnos deixarão de alcançar alli a instrucção necessaria para se elevarem ao magisterio, e para tractarem da saude dos povos.

Por tanto, não obstante quaesquer imperfeições, inseparaveis das obras humanas, a reforma do ensino medico em 1772 não só realizou um grande melhoramento na instrucção superior, mas até surgiu com predicados que a tornarão para sempre memoravel.

## CAPITULO V

### De 1783 a 1795. — Costumes e praxes universitarias

Vigoravam os novos Estatutos havia quasi onze annos, e o quadro dos professores de Medicina persistia ainda incompleto. Conservavam-se no serviço da Faculdade os quatro lentes portuguezes nomeados em 1772, e para se remediar a falta dos dous estrangeiros, de quem tanto se esperava, e que tão pouco mereceram, incumbiram-se interinamente as demonstrações de materia medica e de anatomia a dous dos mais famosos engenheiros que por aquelle tempo sahiram da Universidade.

No entretanto o serviço resentia-se da falta de pessoal. As cadeiras de instituições e de materia medica andavam regidas por um só professor havia quasi sete annos. O expediente dos actos, em que só tomavam parte os cinco cathedraticos, tornava-se difficil e moroso. Se acontecia adoeecer algum professor das quatro cadeiras maiores <sup>1</sup> não havia quem o substituisse. Alem d'isto o desenvolvimento progressivo da Medicina passava das outras aca-

<sup>1</sup> Segundo a legislação dos Estatutos velhos a Faculdade de Medicina tinha quatro cadeiras grandes e duas pequenas, e entre todas havia differenças de categoria e de vencimentos. Taes differenças ficaram subsistindo depois da Reforma, como é expresso nos novos Estatutos, liv. III, parte I, tit. II, cap. III.

Cabe aqui notar que, embora o intuito do reformador fosse extinguir totalmente a antiga legislação academica, apesar de tudo passaram para os novos Estatutos algumas disposições das leis anteriores. Mais tarde, porque appereceram frequentes occorrencias para que se não tinha providenciado, publicou-se a Carta Regia de 5 de novembro de 1779, que manda «que a Universidade se governe pelos Estatutos antigos em tudo o que não se acha «contrariamente ordenado pelos novos Estatutos e leis subseqüentes.»

demias para Coimbra, e pedia aqui logar no ensino. Era portanto indispensavel ampliar o quadro, ou pelo menos prover os logares que estavam decretados nos Estatutos. Já por este tempo se tinham graduado em Medicina alguns sujeitos de notoria applicação e habilidade, que aspiravam á honrosa collocação no magisterio. Favoravel era pois a occasião para se melhorarem convenientemente as condições da Faculdade <sup>1</sup>.

Deveria concorrer para retardar as desejadas providencias a mudança de soberano e de ministro, e o embate das vicissitudes politicas, donde sempre vieram inquietações para a Universidade. Pouco depois do fallecimento d'El-rei D. José acabou para o Marquez de Pombal o cargo de ministro d'estado, e com elle o poder absoluto que o monarcha lhe conferira para ultimar a restauração das artes e sciencias. Conheceram logo a falta do grande estadista as pessoas de sua plena confiança, que elle tinha elevado ao fastigio dos primeiros empregos.

D. Francisco de Lemos, que se honrava com a estima e amizade particular do Marquez, ainda se conservou até 1799 na prelacia, em que se achava reconduzido. Em 25 de outubro d'aquelle anno foi substituido no logar de reformador Reitor pelo principal da Sancta Egreja Patriarchal, D. José Francisco de Mendonça. Tomou este posse do cargo em 30 de abril de 1780, e começou a intender nas cousas da Universidade seguindo os impulsos da sua indole pacifica. Resentiu-se o serviço academico das tendencias conservadoras do prelado; apezar d'isso foi durante o seu reitorado que a Faculdade de Medicina obteve os melhoramentos por que instava desde a Reforma.

Por Carta Regia de 4 de junho de 1783 foi ampliada a Facul-

<sup>1</sup> O Marquez de Pombal decidia-se por vezes em negocios de instrucção publica pelo que observara em Allemanha, como se deprehe de muitos topicos da sua correspondencia para o Reitor. É possivel que no provimento dos professores de Medicina quizesse imitar em Coimbra o que se passou em Vienna d'Austria. Quando o barão Van Swieten emprehendeu a reforma dos estudos medicos por ordem da imperatriz Maria Thereza, não achou professores idoneos de quem confiasse o ensino da sciencia. Entregou-se portanto a instruir a mocidade por espaço de sete annos, e commettedu depois a regencia das cadeiras aos discipulos que elle proprio tinha formado. Este acontecimento, que na Austria foi seguido de optimos resultados, talvez influisse para se não proverem os logares da Faculdade de Medicina senão em sujeitos habilitados segundo os novos Estatutos.

dade de Medicina com a criação d'uma cadeira para o ensino da therapeutica cirurgica. Pela citada carta regia ficou a dicta cadeira sendo a mais moderna, e egualada em ordenado e propinas á de materia medica.

Na mesma data se effectuaram os despachos para os logares vagos, e se mandou graduar e encorporar na Faculdade, como se tinha practicado com o professor José Correia Picanço, o bacharel em medicina Caetano José Pinto d'Almeida, que fora provido na cadeira de therapeutica cirurgica. O quadro da faculdade ficou então composto da maneira seguinte:

Dr. Antonio José Pereira . . . . .	}	Lente de prima, 2. <sup>a</sup> cadeira de practica.
Dr. José Francisco d'Aguiar . . . . .		Lente da 1. <sup>a</sup> cadeira de practica.
Dr. Manuel Antonio Sobral . . . . .	}	Lente da cadeira de Aphorismos.
Dr. José Francisco Leal . . . . .		Lente da cadeira de Instituições.
Dr. José Correia Picanço . . . . .	}	Lente da cadeira de Anatomia.
Dr. Francisco Tavares . . . . .		Lente da cadeira de Materia Medica.
Dr. Caetano José Pinto d'Almeida . . . . .	}	Lente da cadeira de Therapeutica Cirurgica.
Dr. Joaquim d'Azevedo . . . . .		}
Dr. José Pinto da Silva . . . . .		
Joaquim Freire . . . . .	}	Demonstrador de Materia Medica.

O ensino medico e todo o serviço respectivo á Faculdade entrou em nova phase. Os exercicios clinicos principalmente tomaram maior desenvolvimento; obrigaram os alumnos á frequencia assidua nos hospitaes, e á observação constante dos doentes.

Cursavam por este tempo a Faculdade alguns discipulos illustres, que nos certames academicos manifestavam quanto se devia esperar de seu engenho e applicação. Sobresahiam em diversos cursos Gramacho da Fonseca, os irmãos Navarros, Mello Franco <sup>1</sup> e ou-

<sup>1</sup> Mello Franco pretendeu ficar na Universidade e seguir a carreira do professorado. Logo depois da sua formatura em julho de 1786 requereu á

tros, que na praxe e no magisterio foram depois brilhantes ornamentos da Medicina portugueza. A concorrência, que até então fôra diminuta a ponto de se contarem em 1783 sómente vinte e seis alumnos em toda a Faculdade, começou a crescer, e foi em progressivo augmento nos annos seguintes. Tudo enfim se dispoz para que a Universidade de Coimbra se ufanasse em breve com a mais notavel eschola medica do occidente da Europa.

A manutenção da disciplina academica, e a exacta observancia dos Estatutos demandava prelado de maior energia, do que era o principal Mendonça.

Attendeu o governo á necessidade de obstar ao desleixo que a pouco e pouco se insinuava na Universidade. Com o intuito de fazer executar as leis, e de sustentar a dignidade do primeiro estabelecimento de instrucção publica do Reino, acertou de nomear para Reformador Reitor em 3 de dezembro de 1785 o principal D. Francisco Raphael de Castro. Apenas este prelado tomou conta do logar, sentiu-se a influencia da sua actividade em todas as repartições do serviço universitario. As Faculdades não tinham livro especial onde se exarassem as actas das sessões; as deliberações tomadas durante o espaço de quatorze annos andavam em apontamentos incompletos numas folhas avulsas, escriptas pelo secretario da Universidade ou por quem as suas vezes fazia <sup>1</sup>. Obviou o pre-

Rainha o logar de demonstrador de materia medica. O requerimento foi mandado ao Reitor para informar sobre a pretensão e qualidades do requerente. Como este durante a vida academica practicasse algumas travessuras que estavam presentes na lembrança de todos, não obteve do Prelado informação favoravel. O despacho para o requerimento consta do seguinte aviso: — «Sua Magestade, em consequencia da informação e parecer de V. Ex.<sup>a</sup> sobre o requerimento de Francisco de Mello Franco, bacharel formado em «Medicina, que pretende o logar de demonstrador de materia medica, foi «servida resolver que, havendo por escusado o referido requerimento, se «consERVE no exercicio de demonstrador o que actualmente está servindo «este logar, emquanto a mesma Senhora assim o houver por bem, e não «houver um doutor da Faculdade de Medicina, que possa occupal-o na forma «que tem parecido á Congregação da mesma Faculdade, com que Sua Majestades se digna de se conformar. Palacio etc. 11 de Janeiro de 1787. Visconde de Villa Nova de Cerveira.»

Á vista d'este formal desengano decidiu Mello Franco estabelecer-se em Lisboa, onde a fortuna lhe não correu desfavoravel.

<sup>1</sup> Os Estatutos Velhos determinavam no liv. 2.<sup>o</sup>, tit. 23, § 1.<sup>o</sup> que «de



lado a semelhantes irregularidades, ordenando que as actas das sessões dos conselhos se escrevessem em livros particulares. Coadjuvou esta acertada resolução o aviso regio de 26 de junho de 1786, que impoz ao lente mais moderno presente no conselho a obrigação de servir de secretario da sua congregação, no impedimento do respectivo secretario. Outras providencias, tendentes a cortar abusos, indicadas e solicitadas pelo Reitor, emendaram descuidos já habituaes, e restabeleceram as boas praxes universitarias.

Era o principal Castro severo e exigente na execução pontual dos Estatutos <sup>1</sup>; insistia em tudo pelo rigoroso cumprimento da lei, e não admittia escusas, embora fundadas em razões attendiveis. Em descobrindo alguma obrigação dos seus subordinados, que por acaso estivesse esquecida, instava logo pelo seu desempenho. Aconteceu vir á censura da congregação de Medicina o livro *Medicamentorum Sylloge*, que para uso de seus discipulos compozera o dr. Francisco Tavares. Lembrou-se o Reitor da obrigação que os Estatutos impõem aos lentes de escreverem os compendios para o ensino das materias das suas respectivas cadeiras. Não foi mister que outro facto lhe avertisse a lembrança; passado pouco tempo chegava á Universidade o aviso regio de 26 de setembro de 1786, em que se extranhava a incuria a respeito da composição dos compendios, vigorando os Estatutos havia quatorze annos; e ordenava-se que os professores escrevessem com a possível brevidade os livros de texto para as lições nas aulas, como era da sua obrigação.

D'este aviso, e do de 14 de outubro, que tornou extensiva aos substitutos a obrigação de escreverem compendios, teve a Faculdade de Medicina conhecimento official na congregação de 23 de novem-

« todos os conselhos e congregações seria escrivão o secretario da Universidade. » Continuou este depois da Reforma a desempenhar o mesmo serviço nas congregações sem embargo do que dispunham os novos Estatutos. Devia concorrer para as irregularidades das actas a repugnancia do secretario para escrever o que lhe não pertencia.

<sup>1</sup> Por muito tempo foi lembrada na Universidade a rigorosa applicação que o Principal Castro fazia dos Estatutos. Os contemporaneos representaram na seguinte anecdotia a inflexibilidade e os habitos *stricti juris* do prelado; perguntando-lhe em certa occasião um escudeiro o que S. Ex.<sup>a</sup> queria para o jantar, respondeu immediatamente — não ha que perguntar, é o que manda o Estatuto.

bro de 1786. Em 2 de dezembro immediato distribuiram os vogaes do conselho entre si o serviço recommendado naquelles dous avisos.

Ao Dr. Francisco Tavares coube o compendio de Materia Medica, em que já estava trabalhando.

Ao Dr. José Correia Picanço » o de Anatomia e Arte Obstetricia.

Ao Dr. Caetano José Pinto » o de Cirurgia e Operações.

Ao Dr. Manuel Antonio Sobral » o de intelligencia e exposição dos Aphorismos de Hippocrates na forma dos Estatutos.

Ao Dr. Ant.º J.º Franc.º d'Aguiar » o de Therapeutica Medica pelo methodo nosologico.

Ao Dr. Joaquim d'Azevedo » o de Pathologia, Semeiotica, Etiologia e Therapeutica.

Ao Dr. José Pinto da Silva » o de Physiologia na fórma dos Estatutos.

O zelo com que os vogaes da Faculdade se entregaram á composição dos compendios foi louvado em officio de 10 de janeiro de 1787.

O prelado, vendo o interesse com que todos trabalhavam, e sabendo da resolução de se congregarem particularmente para discutirem pontos duvidosos, e para conferirem sobre os methodos de exposição e uniformidade de doutrinas, persuadiu-se que dentro em pouco apresentaria cada um a sua tarefa concluida. O governo, informado do adeantamento em que os professores levavam os seus trabalhos, expediu tres officios attinentes á conclusão dos compendios. No primeiro promettia considerar devidamente os auctores dos livros, no segundo ordenava que não se dessem á estampa sem primeiro o governo os mandar examinar; o terceiro continha instrucções particulares para o reitor. Se o prelado e o governo desejavam que a Universidade se exaltasse pelos escriptos dos professores, a Faculdade de Medicina por sua parte anhelava por satisfazer a tão louvaveis desejos, e empregava todos os esforços para desempenhar dignamente a composição dos compendios.

Nenhuma das outras faculdades produziu tanto, nenhuma a excedeu em diligencia. Nas congregações de 30 de janeiro e de 26 de fevereiro foram lidos e approvados alguns trabalhos preparatorios; e na sessão de 30 de março apresentou o dr. Manuel Antonio Sobral tirada a limpo parte da obra que lhe fôra distribuida. Com brevidade igual ou approximada sahiriam para a censura as produções dos outros professores, se obstaculos imperiosos lhes não diffcultassem a execução.

Quando se distribuiu pelos membros do Conselho a composição dos compendios, cada um se encarregou de escrever sobre as materias que então explicava. Pouco tempo antes tinha obtido jubilação, e fora chamado para medico da real camara, o dr. Antonio José Pereira, decano e director da Faculdade. Como deixou vaga a cadeira de maiores proventos e importancia, antevia-se que aos lentes de Medicina estava imminente uma promoção; passariam das cadeiras que então regiam para as que se consideravam immediatamente superiores; e assim viria a acontecer não servirem para uso dos seus discipulos os livros que traziam entre mãos. Estas cogitações esfriaram o primitivo enthusiasmo. A promoção effectuou-se em 7 de novembro, e os lentes acharam-se sobrepesados com o duplo encargo de escrever o compendio para a cadeira que tinham deixado, e de estudar materias diferentes para a regencia da nova cadeira. Desde então tornou-se inevitavel a demora na conclusão das obras começadas.

O primeiro professor que apresentou um volume completo para ser approved pela Faculdade e enviado depois ao Governo foi o dr. Francisco Tavares. Mereceu por isso a gratificação de cem mil réis annuaes, que o Governo lhe mandou abonar por aviso de 29 de dezembro de 1787.

Em congregação de 12 de dezembro de 1789 foi approveda a primeira e segunda parte do compendio de cirurgia, de que fora encarregado o dr. Caetano José Pinto d'Almeida; e em congregação de 8 de maio de 1790 leu-se o aviso regio, que approvava aquella obra e mandava que servisse de texto nas aulas, assim como o compendio de materia medica do dr. Francisco Tavares.

Os trabalhos dos outros professores não chegaram a estado de lograrem a publicidade pela imprensa; todos ficaram incompletos, todos com o andar do tempo se consumiram. Sabemos pelas actas das congregações que alguns vogaes deram por vezes conta do adeantamento de seus escriptos, e apresentaram alguns fasciculos,



pedindo á Faculdade que os censurasse. É de presumir que levariam a cabo as obras começadas, se as exigencias de outras obrigações e o peso dos annos lhes não servissem de estorvo constante.

Os drs. Sobral e Picanço alcançaram a jubilação em 1790, e o dr. Aguiar no anno seguinte. Todos tinham encanecido no serviço da Universidade, todos estavam mais dispostos para descansar das fadigas de largos annos, do que para escrever compendios na ultima quadra da vida.

Com a promoção de 6 de fevereiro de 1791 ficou a maior parte da Faculdade renovada. Aos novos professores, intelligencias distinctas, e no vigor da idade, deveria o principal Castro incumbir a tarefa dos compendios. Mas, como a primeira tentativa não correspondeu inteiramente ás suas esperanças, nunca mais instou pela composição de livros para o ensino.

Da Faculdade de Medicina sahiu tambem pelo mesmo tempo a *Pharmacopeia Geral do Reino*, obra que o Governo lhe recommendara, e de que os Estatutos a encarregavam. Em congregação de 23 de julho de 1790 foram commissionedos os drs. Francisco Tavares e Joaquim d'Azevedo para trabalharem na composição da *Pharmacopeia*. Não consta que o segundo se occupasse no desempenho de tal commissão. A gloria de levar a termo desejado tão momentosa incumbencia pertenceu inteira ao dr. Francisco Tavares. A elle sómente conferiu a Soberana o premio devido pela execução da obra, que sahiu publicada pela primeira vez em 1794.

As vacaturas que se deram na Faculdade depois da promoção de 1783 occasionaram novos despachos em 7 de novembro de 1787. Foram então nomeados substitutos ordinarios os drs. Luiz José de Figueiredo e Souza, João Francisco de Oliveira Alves e João Joaquim Gramacho da Fonseca. Os primeiros dous não estiveram por muito tempo empregados no serviço universitario. O bacharel José Bento Lopes obteve a propriedade de demonstrador de anatomia. Despediu-se do logar passados tres mezes; e o Conselho da Faculdade em sessão de 18 de janeiro de 1788, por unanimidade de votos encarregou interinamente das demonstrações de anatomia o repetente João de Campos Navarro, em quem todos reconheciam a sciencia indispensavel e dextreza manual.

A lei que mudava os professores de umas para outras cadeiras, quando tinham ascenso em categoria e vencimentos, con-